ANDRESSA FERREIRA COSTA VIEIRA CUNHA

ETNOCIÊNCIA NOS QUINTAIS DE BARRA DO BUGRES-MT
O Conhecimento das Plantas Medicinais

BARRA DO BUGRES – MT
Setembro de 2025

ANDRESSA FERREIRA COSTA VIEIRA CUNHA

ETNOCIÊNCIA NOS QUINTAIS DE BARRA DO BUGRES-MT
O Conhecimento das Plantas Medicinais

Dissertação apresentada à banca de qualificação ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) da Universidade do Estado de Mato Grosso "CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO" – UNEMAT, Campus Univ. Dep. Est. "Renê Barbour" – Barra do Bugres – MT, como um dos requisitos obrigatórios para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Adailton Alves da Silva

BARRA DO BUGRES – MT

Setembro de 2025

ANDRESSA FERREIRA COSTA VIEIRA CUNHA

ETNOCIÊNCIA NOS QUINTAIS DE BARRA DO BUGRES-MT: O Conhecimento das Plantas Medicinais.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECM - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Câmpus* Univ. Dep. Est. "Renê Barbour" – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Aprovado em: 29 de agosto de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br
ADAILTON ALVES DA SILVA
Data: 02/09/2025 08:40:11-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____
Prof. Dr. Adailton Alves da Silva (PPGECM/UNEMAT)
Orientador

Documento assinado digitalmente
gov.br
MARIA ELIZABETE RAMBO KOCHHANN
Data: 30/08/2025 08:53:53-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____
Profª. Dra. Maria Elizabete Rambo Kochhann (PPGECM/UNEMAT)
Examinador Interno à Instituição

Documento assinado digitalmente
gov.br
MARCELO FRANCO LEAO
Data: 29/08/2025 17:54:53-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____
Prof. Dr. Marcelo Franco Leão (IFMT)
Examinador Externo à Instituição

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMAT Catalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

C972e Cunha, Andressa Ferreira Costa Vieira.
ETNOCIÊNCIA NOS QUINTAIS DE BARRA DO BUGRES-MT O Conhecimento das Plantas Medicinais / Andressa Ferreira Costa Vieira Cunha. - Cáceres, 2025.
105f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Ensino de Ciências e Matemática/BBG-PPGECM - Barra do Bugres - Mestrado Academico, Campus Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".
Orientador: Adailton Alves da Silva.

1. Plantas Medicinais. 2. Valorização dos Conhecimentos, Saberes Tradicionais. 3. Ensino, Educação. I. Silva, Adailton Alves da. II. Título.

UNEMAT / MTSCB CDU 633.88

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por me proporcionar saúde, força e sabedoria ao longo desta caminhada acadêmica. Sua presença me guiou nos momentos de dúvida e me deu a coragem necessária para enfrentar os desafios dessa jornada. Vivenciar e concluir esta experiência ímpar, que é o mestrado, é uma bênção que só foi possível com a Sua orientação.

Agradeço profundamente aos meus pais, por estarem sempre ao meu lado, me apoiando incondicionalmente e acreditando no meu potencial. A vocês, que sempre torceram pelos meus estudos e me proporcionaram a base que me permitiu chegar até aqui, meu eterno agradecimento. Agradeço ao meu irmão, que, mesmo de longe, sempre esteve torcendo por mim e me incentivando.

Ao meu esposo, pela paciência e compreensão nos momentos de ausência durante o período de pesquisa e por sempre acreditar em mim, me incentivando a crescer e a ser forte.

Ao meu orientador, Professor Adailton, expresso minha profunda gratidão pelas valiosas contribuições ao longo desses dois anos de pesquisa. Agradeço especialmente o incentivo contínuo e, acima de tudo, o referencial teórico que me foi apresentado, o qual desafiou minhas perspectivas e me proporcionou a oportunidade de enxergar as questões sob novos ângulos. Sua orientação, comprometimento e paciência foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, e por isso sou imensamente grata.

Agradeço aos membros da banca avaliadora, Professora Dra. Maria Elizabete Rambo Kochhann e Professor Dr. Marcelo Franco Leão, pelas contribuições enriquecedoras e pela disponibilidade em colaborar para o aprimoramento deste estudo.

Às nove moradoras que participaram da pesquisa, sou grata pelas trocas de saberes e experiências que enriqueceram minha dissertação de forma única. Seu conhecimento e generosidade foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Agradeço também à Professora Ângelica Dias Medeiros Junqueira, que, no início da minha caminhada no mestrado, não mediu esforços para me auxiliar em meu local de trabalho. Sua generosidade e apoio foram fundamentais, e jamais esquecerei o quanto sua ajuda foi valiosa nesse momento.

A UNEMAT e ao programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM); a todos os professores desse Programa, em especial a: Adailton Alves da Silva, Cláudia Landin Negreiros, Fátima Aparecida da Silva Iocca. Eles incansavelmente instigaram a nós, alunos, e fomentaram nosso desejo de pesquisar.

Por fim, agradeço a mim mesma, por ter almejado o título de “mestra” e por trabalhar arduamente para conquistar esse objetivo. A jornada não foi fácil, mas com perseverança, consegui superar os obstáculos e alcançar essa vitória.

Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), cujo fomento foi essencial para sua condução. Por isso, estendo meu sincero e profundo agradecimento à CAPES e a todos os que, de alguma forma, contribuíram para a concretização deste estudo.

A todos, muito obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema a valorização dos saberes tradicionais sobre o uso de plantas medicinais nos quintais urbanos de Barra do Bugres - MT, por meio da etnociência, como forma de integrar conhecimentos populares ao ensino de ciências e à preservação cultural. A pesquisa investigou a etnociência nos quintais urbanos do município de Barra do Bugres - MT, com ênfase nos saberes tradicionais sobre o cultivo e uso de plantas medicinais. O objetivo deste estudo foi de analisar a percepção e sistematização dos saberes e conhecimentos tradicionais produzidos a partir do cultivo e uso de plantas medicinais dos quintais de moradores do município de Barra do Bugres - MT. Essa escolha se justifica pela necessidade de valorizar esses saberes e integrá-los ao contexto educacional, mostrando que o ensino de ciências, especialmente da Química, pode dialogar com a realidade dos estudantes e tornar-se mais significativo, trazendo-o mais perto da realidade corriqueira do estudante, e não distante, como, muitas vezes, é abordado pelos livros didáticos. A metodologia adotada foi qualitativa, fundamentada na história oral, permitindo captar as narrativas e experiências dos moradores sobre suas práticas de cultivo e os conhecimentos propagados entre gerações. As entrevistas foram realizadas entre os meses de maio e julho de 2024, com nove participantes, selecionadas intencionalmente, garantindo que possuíssem e utilizassem plantas medicinais em seus quintais. Os dados foram produzidos por meio de entrevistas semiestruturadas, conduzidas com o auxílio de fichas contendo palavras-chave, registradas em áudio, posteriormente transcritas e textualizadas, permitindo a análise das narrativas. Foram identificadas quatro grandes categorias: diversidade de plantas, indicações populares, conhecimentos aprendidos com ancestrais e impacto de abalamento psicológico com o uso de chás. A partir disso, também foram identificadas três subcategorias: cuidado com as plantas do quintal, o gosto pelo quintal, e o uso do quintal como terapia. O estudo revelou que os quintais são espaços de produção de alimentos, são espaços terapêuticos e de preservação de saberes ancestrais. Os relatos demonstram que, embora as práticas de cultivo e uso de plantas medicinais sejam amplamente disseminadas entre as moradoras mais velhas, as novas gerações demonstram certo distanciamento e pouco interesse em dar continuidade a esses saberes. Além disso, os depoimentos evidenciaram a importância dos quintais na vida cotidiana, não apenas pelo seu valor terapêutico, mas também como espaços de identidade cultural. Ao longo das entrevistas, observou-se que os cuidados pelas plantas ocupam um papel importante na vida dessas mulheres, uma vez que são utilizadas para tratar diversas enfermidades, desde problemas digestivos até infecções e dores musculares. A pesquisa contribui para a valorização dos conhecimentos tradicionais, reforçando a necessidade de inseri-los no contexto educacional como forma de preservação cultural e ampliação da compreensão sobre as ciências naturais. Dessa forma, destaca-se a relevância dos quintais tanto como espaços físicos quanto como patrimônios culturais e científicos, que integram saberes populares à vida cotidiana e à formação acadêmica.

Palavras-chave: Plantas Medicinais; Valorização dos Conhecimentos, Saberes Tradicionais; Ensino, Educação.

ABSTRACT

This research addresses the valorization of traditional knowledge regarding the use of medicinal plants in urban backyards of Barra do Bugres-MT, through the lens of ethnoscience, as a means of integrating popular knowledge into science education and cultural preservation. The study investigated ethnoscientific practices in the urban backyards of Barra do Bugres-MT, with an emphasis on traditional knowledge related to the cultivation and use of medicinal plants. The aim of this study was to analyze the perception and systematization of traditional knowledge derived from the cultivation and use of medicinal plants in the backyards of residents of Barra do Bugres-MT. This choice is justified by the need to value such knowledge and incorporate it into the educational context, demonstrating that science teaching—particularly Chemistry—can engage with students' lived realities, thereby becoming more meaningful, rather than distant, as it is often presented in textbooks. The methodological approach was qualitative, grounded in oral history, which enabled the collection of narratives and experiences of residents concerning their cultivation practices and the transmission of knowledge across generations. The fieldwork was conducted between May and July 2024, involving nine intentionally selected participants, all of whom possessed and used medicinal plants in their backyards. Data were collected through semi-structured interviews guided by keyword-based forms, recorded in audio, transcribed, and textualized for narrative analysis. Four major categories were identified: plant diversity, popular indications, knowledge inherited from ancestors, and the psychological relief provided by herbal teas. Additionally, three subcategories emerged: care for backyard plants, personal enjoyment of the backyard, and the use of the backyard as a therapeutic space. The study revealed that backyards function as spaces for food production, therapeutic practices, and the preservation of ancestral knowledge. The narratives indicated that, although cultivation and medicinal plant use are widely practiced among older women, younger generations tend to demonstrate limited interest in maintaining these traditions. Furthermore, testimonies highlighted the importance of backyards in everyday life, not only for their therapeutic value but also as spaces of cultural identity. Throughout the interviews, it became evident that plant care plays a central role in the lives of these women, with plants being used to treat a wide range of ailments, from digestive problems to infections and muscle pain. This research contributes to the appreciation of traditional knowledge, underscoring the need to incorporate it into educational contexts as a means of cultural preservation and as a strategy for broadening the understanding of natural sciences. Thus, the study emphasizes the relevance of backyards not only as physical spaces but also as cultural and scientific heritage, integrating popular knowledge into both everyday life and academic formation.

Keywords: Medicinal Plants; Traditional Knowledge; Appreciation of knowledge; Teaching; Education.

LISTA DE ABREVIATURAS

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CNS – Conselho Nacional de Saúde

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

EJA – Educação de Jovens e Adultos

GHOEM – Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática

HO – História Oral

IFMT – Instituto Federal de Mato Grosso

MF – Medicamentos Fitoterápicos

MT – Mato Grosso

PNPIC – Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares

PNPMF – Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos

PTF – Produtos Tradicionais Fitoterápicos

QAF – Quintais Agroflorestais

SUS – Sistema Único de Saúde

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso

UPA – Unidade de Pronto Atendimento

Sumário

RESUMO **6**

ABSTRACT **7**

LISTA DE ABREVIATURAS **8**

O RIO DA MINHA VIDA ACADÊMICA **10**

INTRODUÇÃO **12**

1 ENTRE FOLHAS E PALAVRAS **15**

A CULTURA DAS PLANTAS MEDICINAIS NA EDUCAÇÃO **15**

1.1 ETNOCIÊNCIA: SABERES TRADICIONAIS E PRÁTICAS CULTURAIS NOS QUINTAIS 16

2 MEMÓRIAS E CAMINHOS PERCORRIDOS DA PESQUISA **22**

2.1 AS DONAS DE CADA JARDIM 22
2.2 SEDIMENTANDO O CAMINHO 24
2.3 PROCEDIMENTO E PRODUÇÃO DAS INFORMAÇÕES 28
2.4 COLHENDO MEMÓRIAS: HISTÓRIAS E SABERES SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS NO BAIRRO MARACANÃ 29
2.5 O TRABALHO DE CAMPO: IMPRESSÕES DO DIÁRIO DE BORDO 30

3 O CUIDADO COM AS MÃOS E COM O CORAÇÃO **33**

O QUINTAL COMO ESPAÇO DE VIDA E CURA **33**

3.1 PRIMEIRA DEPOENTE 33
3.2 SEGUNDA DEPOENTE 37
3.3 TERCEIRA DEPOENTE 43
3.4 QUARTA DEPOENTE 47
3.5 QUINTA DEPOENTE 52
3.6 SEXTA DEPOENTE 56
3.7 SÉTIMA DEPOENTE 59
3.8 OITAVA DEPOENTE 63
3.9 NONA DEPOENTE 67

4 O USO DE PLANTAS MEDICINAIS NOS QUINTAIS DE BARRA DO BUGRES: **71**

SABERES TRADICIONAIS E POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS **71**

CHENOPODIUM AMBROSIOIDES 73
SAMBUCUS NIGRA 74
OCIMUM BASILICUM 74
ARTABOTRYS UNCINATUS 74
AECHMEA MURICATA 75
4.1 DIVERSIDADE DAS PLANTAS 81
4.2 INDICAÇÕES POPULARES 85
4.3 CONHECIMENTOS APRENDIDOS COM ANCESTRAIS 87
4.4 IMPACTO DO ABALAMENTO PSICOLÓGICO NO USO DE CHÁS 88
4.5 ENTRE O RELATO E A OBSERVAÇÃO: UM ENCONTRO DE SABERES 91
4.5.1 CUIDADO COM AS PLANTAS DO QUINTAL 91
4.5.2 O GOSTO PELO QUINTAL 92
4.5.3 USO DO QUINTAL COMO TERAPIA 94

CONSIDERAÇÕES FINAIS **96**

REFERÊNCIAS **99**

O Rio da Minha Vida Acadêmica

Minha travessia começou em águas calmas, na Educação Infantil, mais precisamente no Pré-Escolar II, no ano de 2001. O primeiro mergulho foi cheio de emoção, chorei ao me despedir da minha mãe, sentindo o frio do desapego pela primeira vez. Mas logo percebi que, além do colo materno, havia outros portos seguros, feitos de brincadeiras, histórias e descobertas. Ali, então, nasceu minha coragem para navegar.

No Ensino Fundamental I, o rio se tornou mais desafiador, enfrentei ondas grandes, como: as dificuldades na alfabetização, a timidez e o medo de me comunicar. Era como remar contra a maré em dias nublados, mas cada palavra aprendida, cada superação, foi como vento nas velas. Aos poucos, fui ganhando confiança e descobrindo que até as águas revoltas podem ensinar a nadar.

Na fase do Ensino Fundamental II, o rio começou a mudar de cor, continuava com suas marés instáveis, mas eu já não era mais a mesma navegadora. Com mais força e autonomia, consegui enfrentar as correntezas internas, vencendo o acanhamento e acreditando nas minhas capacidades. Era o início da minha transformação.

Chegando ao Ensino Médio, as águas ficaram mais claras. Senti-me mais confiante, mais livre para me expressar, como se finalmente conseguisse nadar com firmeza em direção ao que sonhava. As amizades se fortaleceram, os ventos sopravam a favor, e eu sabia que a praia da universidade estava logo ali, ao alcance do meu esforço.

Na Educação Superior, enfim, encontrei o mar aberto, naveguei com alegria, dedicação e brilho nos olhos. Cada desafio acadêmico era uma nova onda a ser surfada com coragem; estar em uma universidade pública foi um marco: senti que fazia parte de algo maior, construindo meu propósito com consciência e amor.

Ao olhar para trás, vejo que cada gota desse mar moldou quem sou, embora ainda siga navegando, pois quem aprende a remar com o coração, nunca mais deixa de avançar.

Hoje, sou professora, e tenho orgulho da minha profissão. Cada estudante que encontro em sala de aula é uma nova oportunidade de semear sonhos, acolher histórias e transformar vidas. Ensino com amor e dedicação, com o mesmo brilho nos olhos de quem já foi aluna e sabe o valor de cada pequena conquista. Meu barco agora guia outras embarcações, e isso, para mim, é o verdadeiro sentido de navegar.

Minha própria história me ensinou que deixar de remar nunca foi uma opção. Por isso, sigo firme nesse mar da educação, agora mais largo, profundo e cheio de significado. Trago comigo aprendizados, escuta atenta e a esperança viva de transformar o caminho daqueles que navegam ao meu lado. Porque educar é isso: remar com o coração, abrir caminhos nas águas da vida e acreditar, todos os dias, que cada estudante carrega um oceano de possibilidades dentro de si.

Meu barco agora guia outras embarcações, e isso, para mim, é o verdadeiro sentido de navegar. Foi com esse mesmo espírito inquieto e apaixonado pela educação que lancei âncora em uma nova travessia: fui aprovada no mestrado no ano de 2023, quando tive a oportunidade de conhecer professores com perspectivas distintas, que me apresentaram novas concepções e proporcionaram valiosos aprendizados. Esta dissertação é o resultado das pesquisas realizadas em 2024, período durante em que aprofundei ainda mais meus estudos. Além de realizar a pesquisa, tive o privilégio de compreender as percepções e sentimentos dos participantes durante o trabalho de campo. Cada pessoa que contribuiu com minha investigação deixou-me um ensinamento significativo que levarei comigo por toda a jornada.

INTRODUÇÃO

O meu interesse pela etnociência e o estudo das plantas medicinais teve início a partir de minha vivência pessoal e profissional em comunidades onde a medicina tradicional é essencial, desempenhando um papel indispensável no dia a dia. Desde cedo, percebi a importância do conhecimento tradicional vivido de geração em geração, especialmente no que diz respeito ao uso de plantas medicinais para o tratamento de diversas enfermidades.

Desde adolescente, o tema da medicação sempre teve um lugar especial na minha vida. Quando cursava o ensino médio, eu sonhava em seguir a carreira de Farmácia Bioquímica. Esse interesse pela formulação dos medicamentos, pelo processo de cura e pelas substâncias que compõem os remédios sempre me fascinou. No entanto, ao concluir o ensino médio, surgiu a oportunidade de cursar Licenciatura em Química pelo Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT). Esse foi o momento em que minha trajetória tomou um rumo diferente, direcionando-me para a carreira docente na área de Química.

Essa escolha me proporcionou muitos momentos de aprendizado, tanto profissional quanto pessoal. Tive a oportunidade de trabalhar com Educação de Jovens e Adultos (EJA), em escolas de campo com salas multisseriadas, convivendo com variadas faixas etárias e culturas distintas. Após três anos lecionando essa ciência, senti a necessidade de cursar uma segunda licenciatura. Optei por Pedagogia, acreditando que essa formação me traria novas experiências. Atualmente, trabalho como pedagoga no município de Barra do Bugres - MT.

Seguir na docência me permitiu explorar uma paixão diferente, mas igualmente importante: a de educar e trocar conhecimentos. Ao longo dos anos, desde 2018, tive o privilégio de lecionar em diferentes comunidades, como por exemplo: Assentamento Cabaças e Distrito de Assari, localizados no município de Barra do Bugres, e também o Distrito de Deciolândia, no município de Diamantino, cada uma com suas particularidades, culturas e saberes. Essas experiências em localidades distintas mostraram-me a riqueza e a diversidade dos conhecimentos tradicionais, incluindo aqueles relacionados ao uso das plantas medicinais.

Essa conexão entre meu antigo sonho de trabalhar com medicamentos e minha atual carreira como educadora fortaleceu ainda mais meu interesse pela etnociência. A partir dessa perspectiva, destaco que a pesquisa sobre a etnociência e os estudos

das plantas medicinais, cultivadas por moradores da cidade, não são, para mim, apenas um estudo acadêmico, mas uma realização pessoal que reflete minha trajetória de vida. É a junção de um sonho de juventude com a realidade profissional que escolhi, e que agora me permite contribuir para a valorização e preservação de saberes essenciais para a saúde e o bem-estar das pessoas.

Foi durante meu trabalho como professora em escolas que comecei a observar como esse conhecimento, apesar de vital para muitas famílias, estava sendo gradualmente esquecido ou subestimado, especialmente entre os jovens. A constatação de que muitos estudantes não reconheciam a origem das substâncias ativas presentes nos medicamentos vendidos em farmácias e drogarias despertou, em mim, um profundo interesse em pesquisar e valorizar esse saber ancestral.

Com essa motivação, decidi investigar como os moradores de Barra do Bugres utilizam os quintais de suas residências como espaço de cultivo, além de uma extensão de suas casas, onde se preservam práticas de cura e bem-estar. O quintal, mais do que um espaço físico, torna-se um espaço terapêutico, um lugar onde o ato de cultivar não apenas alimenta o corpo, mas também nutre a mente de quem zela por cada planta, flor ou erva ali presente. Certeau (2007) define que:

> [...] o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanista é transformada em espaço pelos pedestres. Da mesma forma, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar [...] (p. 202).

Esta pesquisa se concentra, especificamente, em quintais e plantas neles presentes. Ao iniciar esta pesquisa, meu objetivo era analisar a percepção e sistematização dos saberes e conhecimentos tradicionais produzidos a partir do cultivo e uso de plantas medicinais dos quintais de moradores do município de Barra do Bugres - MT, com foco na propagação desse conhecimento. Acredito que, ao reintroduzir e valorizar esses conhecimentos nas escolas, estaremos tanto preservando uma herança cultural quanto promovendo uma educação mais holística e conectada com a realidade vivida por muitas famílias do interior do Mato Grosso.

Essa escolha se justifica pela necessidade de valorizar esses saberes e integrá-los ao contexto educacional, mostrando que o ensino de ciências, especialmente da química, pode dialogar com a realidade dos estudantes e tornar-se mais significativo, aproximando-o à realidade corriqueira do aluno, ao invés de distanciá-lo, como muitas vezes ocorre na abordagem dos livros didáticos.

Diante do exposto, a problemática desta pesquisa refere-se à ausência de registros sistematizados e ao crescente desinteresse das novas gerações, fatores que colocam em risco a continuidade dos saberes tradicionais. Nesse contexto, a questão que orienta o estudo é: De que maneira a valorização e a construção do conhecimento sobre o cultivo e uso de plantas medicinais de quintal podem contribuir para o ensino de ciências?

Assim, a pesquisa sobre etnociência, nos quintais de Barra do Bugres, é um reflexo da minha busca por aproximar os etnoconhecimentos aos conhecimentos da educação escolar, criando uma ponte entre o saber dos ancestrais e as novas gerações, muitas das quais não entendem a importância da continuidade da propagação desses saberes. O que se busca com esta pesquisa é também explicitar que todo conhecimento tem suas raízes ancoradas em suas respectivas culturas e que o saber é construído coletivamente, como nos afirma D'Ambrosio (2005):

> A ação gera conhecimento, isto é, a capacidade de explicar, de lidar, de manejar, de entender a realidade, gera o matema. Essa capacidade se transmite e se acumula horizontalmente, no convívio com outros, contemporâneos, por meio de comunicações; e verticalmente, de cada indivíduo para si mesmo (memória) e de cada geração para as próximas gerações. (2005, p.110)

Além disso, sendo licenciada em Química, sempre percebi que muitos estudantes veem essa disciplina como um campo de estudo distante de suas realidades. Ao explorar as conexões entre a etnociência e as ciências naturais, especialmente a Química, podemos abrir novos caminhos para tornar essa ciência mais acessível e relevante para os estudantes.

Para proporcionar a compreensão dos leitores desta dissertação, o trabalho foi organizado em quatro capítulos. O Capítulo 1, intitulado "Memórias e caminhos percorridos da pesquisa", apresenta os procedimentos metodológicos adotados ao longo da investigação. O Capítulo 2, "Entre folhas e palavras", trata da fundamentação teórica que sustenta o estudo. No Capítulo 3, "O quintal como espaço de vida e cura", é realizada a sistematização da produção de dados obtidos durante o processo de pesquisa. Por fim, o Capítulo 4, intitulado "Produção de sentido do uso das plantas medicinais", traz a análise dos resultados e das reflexões construídas a partir das narrativas e experiências compartilhadas.

1 ENTRE FOLHAS E PALAVRAS

A Cultura das Plantas Medicinais na Educação

A prática do uso de plantas medicinais é antiga e tem sido propagada oralmente entre as gerações. Esse saber é compartilhado em diversos aspectos da vida cotidiana, não se limitando a uma única pessoa, tida como especialista daquele conhecimento, mas pode ser estendido a todos, pertencentes àquele grupo. A oralidade, que caracteriza essa propagação, distingue-o do conhecimento científico, que é perpetuado pela escrita. Desse modo, o conhecimento ancestral só pode ser plenamente compreendido dentro do contexto cultural em que foi originado.

De acordo com Cavaglier (2014), o uso da fitoterapia é um conhecimento que vem sendo passado ao longo das gerações:

> [...] mesmo diante do avanço da medicina em diversas partes do mundo, no Brasil, as plantas medicinais costumam ser uma das alternativas para parte da população, principalmente a de baixa renda, devido a diversos fatores, dentre os quais, o custo alto dos medicamentos industrializados e o acesso restrito a um sistema de saúde de qualidade. Em contrapartida, o uso deste tipo de terapia tem crescido também entre as pessoas de maior poder aquisitivo, na busca por opções terapêuticas mais saudáveis (2014, p. 56).

Com base nessa informação, os estudos sobre o conhecimento e as utilizações populares das plantas para diversos fins, incluindo usos medicinais, são realizados no âmbito da etnobotânica[1]. Esse campo de estudo examina como os diferentes grupos sociais classificam e utilizam as plantas em suas práticas culturais e cotidianas.

A respeito da etnobotânica, os estudos sobre o conhecimento e as utilizações populares do uso das plantas se integram aos conhecimentos científicos, o que se alinha à necessidade de inclusão desse campo ao currículo escolar, propagando as práticas culturais de cultivo para as gerações futuras, para diversos fins, inclusive os usos medicinais.

Essa abordagem, enquanto proposta de currículo educacional, enriquece o aprendizado e prepara os estudantes para uma apreciação profunda das interações entre ciência, cultura e natureza, promovendo uma visão holística e informada sobre conhecimentos tradicionais, saúde e também o meio ambiente.

---

[1]A etnobotânica pode ser definida como o estudo da relação existente entre o Homem e as Plantas e o modo como essas plantas são usadas como recursos (**Alcorn, 1995**).

Portanto, a inserção do estudo das plantas medicinais no ambiente escolar não apenas possibilita uma maior valorização dos saberes tradicionais, mas também promove uma visão integrada e diversificada da saúde. Como cita Barros (et al., 2010 p. 3), isso corresponde a “procurar resgatar suas práticas, dando-lhes caráter científico e integrando-as num conjunto de princípios que visam não apenas curar algumas doenças, mas restituir ao ser humano à vida natural”.

De acordo com as informações apresentadas sobre a tradição e o conhecimento de plantas medicinais conservadas pelas comunidades tradicionais, este trabalho teve por objetivo investigar a percepção e sistematização dos saberes e conhecimentos tradicionais produzidos a partir do cultivo e uso de plantas medicinais dos quintais de moradores do município de Barra do Bugres - MT, com foco na propagação desse conhecimento.

Nesse contexto, a pesquisa buscou investigar o conhecimento e as práticas tradicionais dos moradores de Barra do Bugres - MT, com foco no cultivo de plantas medicinais nos quintais das residências. Ainda buscando alcançar tais objetivos, um dos propósitos é entender como esse saber, propagado oralmente e enraizado na cultura local, é incorporado à prática de cultivo e uso das plantas. Ao investigar a prática do cultivo de plantas medicinais em quintais, o estudo buscou não apenas identificar as espécies cultivadas e seus usos, mas também entender como essas práticas fazem parte da cultura local e são passadas de geração em geração. A valorização do conhecimento local, que inclui mitos, rituais e tradições associadas a esses cultivos, é essencial para preservar esses saberes e garantir sua continuidade.

1.1 Etnociência: saberes tradicionais e práticas culturais nos quintais

O conhecimento relacionado ao uso de remédios caseiros encontrados nos quintais das moradoras de Barra do Bugres - MT constitui um saber não disciplinar, construído a partir da convivência prática, sensível e integrada com a natureza. Por essa razão, não pode ser plenamente compreendido sob a perspectiva de uma única disciplina ou corrente teórica. Trata-se de um conhecimento holístico, que integra dimensões culturais, simbólicas, empíricas e emocionais da experiência humana**.** É um saber que se revela na prática cotidiana, no cultivo, no preparo e na aplicação dos remédios, sendo a vivência um aspecto fundamental para sua real compreensão. Nesse sentido, torna-se essencial reconhecer a etnociência para além de apenas um campo de estudo, mas também como uma proposta pedagógica, que deve estar

presente nos currículos escolares. Vale reiterar, afinal, que a aprendizagem plena desse conhecimento em questão só se concretiza quando aliada à prática vivenciada, ao contato direto com os territórios e os modos de vida que sustentam esses saberes.

Difundido oralmente entre gerações, esse conhecimento desafia as classificações rígidas da ciência ocidental — marcada por uma visão fragmentada, racionalista e hierarquizada do saber — ao propor formas próprias e integradas de compreender o mundo e de cuidar da vida. É nesse contexto que se insere a etnociência: um campo interdisciplinar que busca compreender e valorizar os saberes tradicionais das populações locais, reconhecendo sua complexidade, legitimidade e contribuição para a construção de uma epistemologia mais plural, situada e respeitosa à diversidade dos modos de conhecer.

A etnociência é um campo interdisciplinar que reúne diversas áreas do conhecimento para compreender os saberes tradicionais e as práticas das populações locais em relação à natureza e ao ambiente. Essa abordagem busca eliminar a ideia de que o conhecimento científico é superior aos saberes populares e tradicionais, reconhecendo o valor de diferentes formas de conhecimento. De acordo com Basto (2013):

> As etnociências surgiram a partir da intersecção das ciências biológicas com as ciências humanas visando compreender os processos de interações (percepção e conhecimento) e manejos que as populações humanas mantêm com os bens naturais. (2013, p. 6)

Nessa perspectiva, a etnociência reconhece a importância de diferentes formas de conhecimento que surgem das experiências e da convivência das comunidades com o meio ambiente. Ela valoriza a sabedoria ancestral, as práticas locais e as formas de interação com a natureza que foram passadas de geração em geração. Ainda nesse contexto, a etnociência entende que esses saberes, além de úteis, também oferecem soluções eficazes para lidar com os desafios da vida cotidiana.

No entendimento desta pesquisadora, a etnociência representa um conjunto de saberes compartilhados entre diferentes grupos sociais, construídos a partir da convivência direta com a natureza e com o ambiente em que vivem. Esses conhecimentos tradicionais envolvem um conjunto de práticas e observações passadas de geração em geração, refletindo a forma como as comunidades interpretam e interagem com o mundo natural. Como cita D’Ambrosio (2000, não paginado), “a Etnociência pode ser considerada como um conjunto de conhecimentos

que estabelece sistemas de explicação e diferentes formas de compreender e realizar tarefas por parte dos membros de grupos culturais diversos". Esses saberes são acumulados ao longo das gerações, dentro de contextos culturais específicos.

Segundo Diegues e Arruda (2000, p. 37), "a etnociência parte da lingüística para estudar os saberes das populações humanas sobre os processos naturais, tentando descobrir a lógica subjacente ao conhecimento humano do mundo natural". A partir dessa compreensão inicial da etnociência como um campo de estudo, torna-se evidente a interconexão entre as diversas disciplinas que a integram. Essa inter-relação reflete um verdadeiro e colaborativo compartilhamento de saberes, promovendo uma abordagem interdisciplinar que enriquece a etnociência. Essa perspectiva amplia a compreensão dos fenômenos culturais, assim como fortalece a colaboração entre diferentes áreas do conhecimento, resultando em uma análise mais abrangente e integrada das práticas e saberes das comunidades.

Para uma compreensão adequada da etnociência, é fundamental, em primeiro lugar, reconhecer e entender quem são as populações tradicionais. Essas comunidades, com suas práticas culturais e saberes acumulados ao longo do tempo, desempenham um papel fundamental na construção do conhecimento etnocientífico e na preservação da diversidade cultural.

De acordo com Stefanello e Nogueira (2012, não paginado), as "populações tradicionais" são aquelas que detêm conhecimento da natureza, estabelecendo uma relação íntima e simbiótica com o meio ambiente; elas compreendem as propriedades dos recursos naturais, utilizando-os de maneira a garantir sua sobrevivência. Além disso, esses saberes e valores são propagados ao longo de várias gerações, caracterizando essas sociedades humanas como detentoras de experiências ricas e significativas em relação ao seu entorno natural. Dessa forma, as etnociências caracterizam-se como um campo de pesquisa científica que reconhece e valoriza a diversidade cultural da humanidade.

O conceito de etnociência emerge como uma proposta de valorização e legitimação dos saberes tradicionais construídos a partir da convivência íntima entre os povos e seus ambientes naturais. Tais saberes, ao contrário do que preconiza o pensamento científico hegemônico, não são "menores" ou "menos válidos", mas constituem formas complexas e eficazes de explicar, organizar e interagir com o mundo natural, com base em experiências vividas, práticas cotidianas e relações simbólicas e espirituais.

Segundo Campos (2014, p. 10), “Mesmo em nosso país essa marca aparece pela referência americana original do termo como 'ethnoscience' associando-o às suas origens etnolinguísticas e sociolinguísticas”. No entendimento desta pesquisadora, a etnociência foi inicialmente concebida a partir de estudos etnolinguísticos e classificatórios, sobretudo no campo da etnobotânica e da etnozoologia, centrando-se na organização dos sistemas de nomeação e categorização utilizados por diferentes povos. No entanto, esse enfoque inicial e reducionista é criticado pelo próprio autor, que propõe uma superação da “etnociência clássica” em direção a uma etnografia dos saberes e das técnicas, mais aberta ao dinamismo, à complexidade e à pluralidade dos modos de conhecer e de viver no mundo.

Essa proposta crítica amplia o escopo da etnociência, ao compreendê-la não apenas como um instrumento de classificação, mas como uma via interdisciplinar para estudar as relações entre o ser humano e a natureza, a partir dos saberes locais. O autor destaca que, nas comunidades tradicionais, os conhecimentos sobre plantas, animais, ciclos da lua, estrelas, estações e curas populares são construídos em íntima conexão com o cotidiano, com os rituais, a oralidade e os modos de vida, revelando uma sabedoria que integra ciência, espiritualidade e cultura.

A etnociência, nessa perspectiva ampliada, serve para romper com a dicotomia entre ciência e cultura, entre saber científico e saber popular. Ela propõe uma leitura simétrica das diferentes formas de conhecimento, conforme aponta Latour (1983), rejeitando a hierarquia que subordina os saberes tradicionais à lógica positivista do ocidente. Essa crítica é reforçada por Campos (2014 p. 11) ao afirmar que “o conhecimento só poderá se estabelecer por meio do diálogo que, pela consciência da diferença, permitirá aos dois o re-conhecimento pela diferença, não só entre cada um deles, mas também em outras leituras de situações e contextos sócio-culturais.”. O autor destaca que a chamada “grande divisão” entre o “espírito científico” e o “espírito pré-científico” tem sido historicamente usada para desqualificar os saberes das populações tradicionais, relegando-os à condição de conhecimento “menor”, não confiável ou folclórico. Segundo Campos (2014, p. 2), a “preconceituosa ‘grande divisão’ do conhecimento pela antinomia ‘científico’/ ‘pré-científico’ recebeu uma consistente revisão crítica da parte de Bruno Latour (1983)”.

Latour (1983) propõe o que chama de “simetria na análise” dos diferentes modos de conhecer, defendendo que as práticas científicas também são construídas

social e culturalmente, e, portanto, não são neutras nem superiores. Assim, a etnociência se alinha a esse pensamento ao defender uma abordagem que valorize os saberes tradicionais a partir de suas próprias lógicas e experiências históricas, reconhecendo sua eficácia, legitimidade e contribuição para a construção de um conhecimento mais plural e dialógico.

Em diálogo com essa visão crítica, D'Ambrosio (2000, p. 12) "apresenta a etnomatemática como uma forma de etnociência voltada para a compreensão dos saberes numéricos e geométricos em contextos culturais específicos". Ele a define como "a arte ou técnica de explicar, de conhecer, de entender nos diversos contextos culturais", reconhecendo o valor das práticas locais como formas legítimas de raciocínio matemático.

De forma complementar, Diegues e Arruda (2000, p. 71) assinalam que "os saberes das populações tradicionais são construídos a partir de vivências ecológicas e cosmogônicas particulares, sendo essencial reconhecer a lógica própria que organiza essas formas de conhecimento". Nesse sentido, a etnociência também cumpre um papel político e educativo, ao contribuir para a valorização das culturas tradicionais e sua inserção crítica em processos educativos, como se propõe neste trabalho, uma vez que os quintais, enquanto espaços de cultivo, cuidado e experimentação cotidiana, são verdadeiros territórios de produção de etnociência. Neles, os saberes são construídos a partir da observação direta da natureza, da experimentação empírica e das tradições transmitidas entre gerações

Campos (2014, p. 53), ao refletir sobre as relações entre espaço, simbologia e conhecimento, destaca ainda a importância de se "sulear" os saberes — ou seja, pensar a partir do Sul, em contraposição ao domínio das epistemologias do Norte. Como ele sugere em *Sulear ou Nortear*, as representações simbólicas e os referenciais do Norte, quando impostos sem contextualização, resultam em apagamento e distorção das realidades locais. Nesse sentido, a etnociência também deve ser uma forma de resistência epistemológica, recuperando o valor das leituras do mundo construídas pelos povos do Sul global, como os ribeirinhos, indígenas, quilombolas e camponeses.

A importância dessa abordagem é visível quando se observa a riqueza do conhecimento sobre plantas medicinais nos quintais dos moradores de Barra do Bugres - MT. Esses saberes são mantidos por gerações, por meio da oralidade, da prática, do cuidado com a terra e do uso cotidiano de plantas como formas de

prevenção e cura. São práticas que envolvem mitos, rituais, intuições, experimentações e observações sistemáticas do ambiente. Tudo isso constitui, nas palavras de Stefanello e Nogueira (2012), uma relação simbiótica com a natureza, em que os saberes e valores são difundidos ao longo de gerações, configurando um acervo cultural de grande relevância para a saúde e a sustentabilidade.

Assim, compreender a etnociência, neste caso, a etnociência dos quintais de Barra do Bugres, exige reconhecer a centralidade dos povos tradicionais na produção e preservação da diversidade biocultural do planeta, como também alerta a Declaração de Belém (1988), da qual o próprio Campos foi um dos signatários. Nos quintais pesquisados, essa etnociência manifesta-se por meio do conhecimento acumulado e compartilhado entre as moradoras, que cultivam, utilizam e difundem saberes sobre plantas medicinais de geração em geração.

Esse conhecimento, profundamente enraizado na vivência cotidiana e na relação simbiótica com a natureza, é propagado oralmente, nas conversas com vizinhas, no cuidado com familiares e nos ensinamentos às pessoas mais jovens, garantindo a continuidade de práticas terapêuticas baseadas em experiências sensíveis e comunitárias. A etnociência, portanto, não é apenas um campo acadêmico, mas um instrumento de transformação, que articula o saber à vida, à cultura, à resistência e à dignidade dos povos.

2 MEMÓRIAS E CAMINHOS PERCORRIDOS DA PESQUISA

Durante a realização desta pesquisa, cada depoimento obtido trouxe à tona, além de dados relevantes, a essência e as emoções das depoentes. Para capturar a profundidade de cada relato, buscamos explicitar a riqueza em versos que refletem as histórias, experiências e sentimentos compartilhados.

2.1 As Donas de Cada Jardim[2]

Em um domingo de maio, visitei dona Alfazema,
Perto do muro, as plantas crescem em dilema,
Frutas e flores, um aceno ao vento a bailar,
Enquanto os galhos rústicos desenham o chão.
A voz serena da dona, paciência que espreita,
Falando da acerola, com afeto e devoção.

No domingo de 09 de junho, visitei dona Coco,
Sob a sombra da árvore de sete copas, senti um abrigo,
Com conhecimento profundo, dona Coco fala,
Sua voz firme revela a sabedoria em flor,
Nas ervas e plantas, seu saber se exala,
Em cada palavra, um legado de amor.

No dia 10 de junho, fui ao quintal de dona Insulina,
Um espaço repleto de vida, onde flores e árvores brilham,
A varanda, grande e acolhedora, abriga seus vasos com carinho,
E as plantas penduradas encantam o caminho,
Com um sorriso no rosto e maestria ao falar,
dona Insulina revelou seus segredos de cuidar,
Cada planta recebe seu amor e atenção,
Transformando o quintal em um jardim de pura afeição.

Ainda no dia 10 de junho, visitei o quintal de dona Jabuticaba,
A sombra da jabuticabeira, um abrigo que encanta e abraça.
Na lateral do seu quintal, a diversidade de plantas molda o cenário,
Dona Jabuticaba fala com firmeza e saber,
Sua sabedoria é luz que nos faz compreender.

[2] Esta poesia é de minha autoria e expressa, por meio de versos, as memórias e impressões vividas durante as visitas às residências das participantes da pesquisa. Cada estrofe representa, de forma sensível e simbólica, o encontro com as mulheres, guardiãs do saber tradicional presente nos quintais de Barra do Bugres. Trata-se de uma poesia que registra, além dos conhecimentos compartilhados, as emoções, os gestos e os ambientes que marcaram profundamente cada vivência.

No dia 11 de junho, fui ao o quintal de dona Licor,
Espaçoso e verdejante, um verdadeiro esplendor,
Dona Licor recebe visitas com calor e alegria,
Na ampla varanda, a família se une em harmonia.

Em uma quarta-feira de junho, visitei o quintal de dona Senna,
Que é extenso e repleto de vida, com terra que se empenha,
Ao redor da casa, há uma variedade de plantas,
Flores na frente, árvores no fundo,
A mangueira e o limoeiro criam um abrigo acolhedor,
A voz de dona Senna, calma e de mansidão,
Deixa a impressão de um espaço de paz e reflexão.

No dia 20 de junho, visitei o quintal de dona Matruz,
Diversas plantas no chão, organização e limpeza em harmonia,
O detalhe encantador, seus cabelos grisalhos e a dedicação que irradia,
Cada canto do quintal revela seu cuidado e paixão,
Transformando o espaço em um refúgio de beleza e perfeição.

Ainda nesse mês de junho, visitei o quintal de dona Rosa,
Quintal pequeno, com muitos vasos a enfeitar,
Ao redor da varanda, plantas em xaxins a brotar,
Na parte de trás, um canteiro no solo, uma forma de cultivar,
A simplicidade encantadora, a visão me cativou,
Dona Roseira, com seu amor seu conhecimento me passou,
Cada planta, um detalhe da vida que com amor ela plantou.

No dia 14 de julho, fui ao quintal de dona Abiu,
Detentora de conhecimento de fazer chás para curar,
Conhece muitas ervas e ama ensinar,
Cultiva e rega com paixão, sempre a se dedicar.
Diz que as plantas curam, mas, o que realmente cura,
É o seu sorriso a me encantar.

Ferreira Cunha, 2024.

O percurso realizado ao longo desta pesquisa evidenciou a importância dos quintais como espaços de saberes tradicionais e de práticas de cuidado com a saúde, tanto física como mental. Os relatos das depoentes revelaram que esses ambientes não promovem apenas a saúde física, por meio do uso de plantas medicinais e da alimentação natural, mas também exercem um papel significativo na saúde mental, ao favorecer o equilíbrio emocional proporcionado pelo cuidado dedicado aos cultivos dos quintais.

2.2 Sedimentando o Caminho

Falaremos aqui sobre as bases que sedimentam o caminho percorrido. Nesse sentido, adotamos a História Oral (HO) como instrumento metodológico, pois entendemos que ela permite capturar as narrativas e experiências dos sujeitos envolvidos, valorizando suas subjetividades e memórias.

Nesta pesquisa, destacamos a HO como um procedimento metodológico qualitativo que, há algum tempo, vem sendo adotado no Brasil. Esse método oferece sustentação e validação às pesquisas que utilizam narrativas como registros históricos-subjetivos, compostos por elementos que evidenciam os acontecimentos históricos vivenciados pelas participantes. A utilização da história oral é fundamental para capturar a riqueza das experiências pessoais, proporcionando uma compreensão mais profunda das práticas culturais e do conhecimento tradicional relacionado às plantas medicinais.

É importante mencionar que, neste trabalho, não pretendemos teorizar sobre a história oral, mas empregá-la como instrumento e método na condução da pesquisa. Ao fornecer esse contexto, pretendemos demonstrar a relevância da HO como ferramenta metodológica que nos possibilita um aprofundamento de aspecto da subjetividade da investigação sobre o conhecimento das plantas medicinais nos quintais.

Em termos de historicidade, essa metodologia é reconhecida, com registros no Brasil de sua utilização como instrumento de sustentação em muitas pesquisas, conforme destacado por Garnica (2005). A aplicação da HO em nossa pesquisa reflete essa tradição de uso e sublinha sua eficácia em capturar narrativas ricas e significativas, fundamentais para a compreensão da etnociência e das práticas culturais locais.

> Como método de pesquisa com procedimentos mais plenamente configurados (ou em via de configuração mais estável, pois se inicia sua reflexão metodológica), a História Oral surge em meados das décadas de 1960/70. Trata de abordar o acontecimento social sem classificações prévias, mas tentando abrir os vários planos discursivos de memórias várias, considerando as tensões entre as histórias particulares e a cultura que as contextualiza. O sujeito, que se constitui a si próprio no exercício de narrar-se, explica-se e dá indícios, em sua trama interpretativa, para compreensão do contexto no qual ele está se constituindo. E é também na década de 1970 que a América Latina começa a participar mais intensamente do movimento da História Oral. No Brasil, embora haja registros de pesquisas desenvolvidas segundo essa abordagem em tempos mais remotos (vinculada à Sociologia e à Psicologia Social), a Associação Brasileira de História Oral é fundada

> em 1975 e a aplicação desse recurso por universidades e outras instituições é flagrante a partir da década de 1980. Julgamos que mais adequado seria nos referirmos a essa modalidade de investigação como “abordagem qualitativa de pesquisa que vincula oralidade e memória”, ainda mais no Brasil, onde a influência dos historiadores (que ainda discutem se a História Oral é uma metodologia, uma técnica) fica relativizada face às influências vindas, por exemplo, das Ciências Sociais. (2005, p. 113).

No Brasil, essa abordagem qualitativa de pesquisa tornou-se um foco de estudo. Consequentemente, foi instituído o Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOEM), no qual um grupo de pessoas se reuniram para criar sistematizações e discutir a história oral, com a finalidade de validar esse procedimento como metodologia de pesquisa no campo da educação matemática.

A estratégia metodológica foi concebida para explorar as experiências de vida dos moradores do bairro Maracanã, em Barra do Bugres - MT, focando no conhecimento e uso de plantas medicinais cultivadas em seus quintais. O intuito é compreender quais saberes tradicionais esses moradores detêm sobre os quintais e de que forma os utilizam. Todo o processo metodológico é estruturado com esse propósito em mente. Esse movimento se fundamenta nos princípios da HO para criar fontes historiográficas. Como menciona, Garnica, Fernandes e Silva:

> A História Oral é uma metodologia cuja função é criar fontes historiográficas (que podem ser exploradas por instrumentais analíticos distintos por quaisquer pessoas que venham a interagir com elas) e estuda-las, permitindo que a subjetividade transite pelos domínios da Ciência. Notemos, porém, que a operação historiográfica não se reduz à criação de fontes, mas toda operação historiográfica inicia-se com uma pergunta e uma seleção/criação de fontes (2011, p. 232).

Narrar com base na metodologia da HO é construir historicidades. Isso significa atuar como produtor de fontes históricas, marcado pelo tempo do sujeito, levando em conta seu espaço. É criar a possibilidade de colocar as identidades e subjetividades desse sujeito no centro da narrativa. No contexto desta pesquisa, isso significa valorizar e registrar as narrativas dos moradores sobre o cultivo e uso de plantas medicinais, reconhecendo a importância desses saberes tradicionais e sua contribuição para a identidade cultural e a saúde.

A pesquisa é de natureza qualitativa, descritiva e explicativa. A abordagem qualitativa é apropriada para estudos que buscam entender fenômenos complexos e subjetivos, como é o caso do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais. O caráter descritivo da pesquisa se justifica pela necessidade de valorizar e divulgar os

saberes locais, buscando identificar e descrever as práticas e os conhecimentos dos moradores do bairro Maracanã. A pesquisa descritiva, por sua vez, visa detalhar e documentar as narrativas e experiências dos participantes, proporcionando um retrato fiel e abrangente do objeto de estudo. Conforme mencionado por Garnica (2001, p. 45):

> [...] a transcrição é a passagem literal, minuciosa, do depoimento oral para o suporte escrito. A textualização é o momento posterior, quando o pesquisador elabora texto contínuo, incorporando as interferências (perguntas, considerações) dele próprio e de outros (2001, p. 45).

A população alvo desta pesquisa são os moradores do bairro Maracanã que cultivam plantas medicinais em seus quintais. Para a seleção dos participantes, foi adotada uma amostra intencional, também conhecida como amostragem por julgamento[3]. O critério de inclusão foi a presença de plantas medicinais nos quintais dos moradores, garantindo que os participantes tivessem conhecimento sobre as plantas cultivadas que fossem relevantes para a pesquisa.

A amostra final consistiu em nove moradoras que atendiam a esse critério e estavam dispostas a participar das entrevistas. A diversidade de plantas cultivadas e a variedade de usos medicinais relatados pelas participantes enriqueceram a pesquisa, proporcionando uma visão detalhada sobre o tema investigado. Além disso, as entrevistadas indicaram outras moradoras que também possuíam essas plantas em seus quintais, bem como conhecimentos sobre o cultivo e uso dessas plantas. Isso formou um efeito "bola de neve", a partir do qual cada pessoa indicada sugeria novas pessoas para participar da pesquisa.

A escolha pelo bairro Maracanã se deu por sua diversidade cultural e pela presença significativa de quintais grandes, onde são cultivadas diversas plantas. Esses quintais são espaços de preservação de saberes tradicionais, transmitidos de geração em geração. As moradoras mais antigas cultivam uma grande variedade de plantas, desde as mais comuns até espécies menos conhecidas, utilizadas para tratar condições específicas de saúde.

O bairro Maracanã está situado no município de Barra do Bugres, no estado de Mato Grosso, Brasil, e constitui um cenário de relevância para a investigação sobre etnociências e conhecimento de plantas medicinais. Localizado na região central do município, o bairro se destaca por sua história e estrutura urbana. É um dos bairros

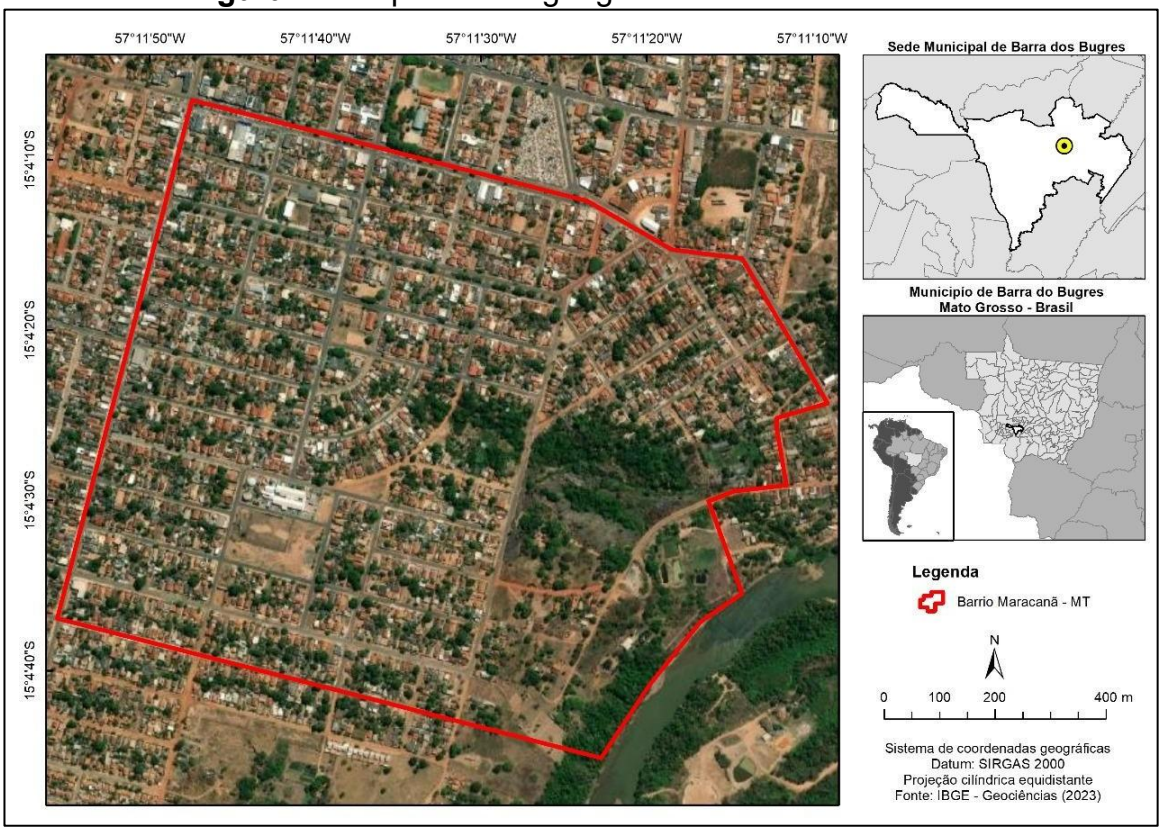
[3] **Na amostragem por julgamento,** o pesquisador usa o seu julgamento para selecionar os membros da população que são boas fontes de informação precisa.

mais antigos do município, com uma população densa e um ambiente tipicamente residencial. O Maracanã é caracterizado por suas ruas bem definidas e uma mistura de casas tradicionais e novas construções.

Esse bairro é conhecido por sua diversidade cultural e pela presença de um significativo número de moradores que cultivam uma variedade de plantas medicinais em seus quintais. Essa característica foi especialmente relevante para esta pesquisa, pois o cultivo dessas plantas está profundamente enraizado nas práticas dos conhecimentos ancestrais. Muitos residentes do bairro mantêm jardins ou hortas em seus quintais, onde cultivam ervas e plantas usadas na medicina popular, revelando um patrimônio cultural que resiste e se adapta ao longo das gerações.

O mapa do bairro Maracanã, que acompanha esta pesquisa, ilustra a disposição dos lotes e das áreas residenciais, evidenciando a presença predominante de quintais e espaços verdes. Esta configuração espacial é fundamental para entender a distribuição e o uso das plantas medicinais no bairro. A presença desses espaços verdes é um indicativo da importância atribuída pelos moradores à prática do cultivo de plantas, refletindo a integração das práticas de etnociências no cotidiano local.

Figura 1 – Mapeamento geográfico do bairro Maracanã



Fonte: Google Maps, 2024.

O bairro Maracanã, com sua complexa história e a prática contínua de cultivo de plantas medicinais, oferece um contexto ideal para a pesquisa em etnociências. A combinação de um ambiente urbano antigo e a presença significativa de conhecimentos e saberes relacionados às plantas medicinais configura um cenário singular para a exploração e documentação dessas práticas.

2.3 Procedimento e Produção das Informações

Na primeira fase da pesquisa, as participantes foram devidamente contatadas e informadas sobre os objetivos e a metodologia do estudo. Esse contato inicial foi fundamental para garantir a compreensão e o consentimento dos envolvidos quanto à participação na pesquisa. Durante essa conversa, as participantes tiveram a oportunidade de esclarecer quaisquer dúvidas, como, por exemplo, sobre se seus nomes seriam divulgados, se as gravações de áudio poderiam ser compartilhadas em algum meio de comunicação ou ainda sobre como os dados seriam tratados. Essas questões foram abordadas com transparência, garantindo que todos os envolvidos estivessem cientes da confidencialidade de suas informações.

Além disso, foi reforçado o compromisso com a proteção da identidade das participantes, assegurando que todos os dados coletados seriam utilizados de forma ética e anônima, respeitando as normas de sigilo pessoal. O respeito à privacidade e à segurança das informações foi um ponto central, e as participantes foram informadas de que poderiam, a qualquer momento, retirar seu consentimento sem qualquer prejuízo. Após a aceitação por parte das participantes e o esclarecimento de todas as preocupações, procedeu-se com o agendamento de uma visita ao local para a coleta dos dados, sempre respeitando as preferências e disponibilidades de cada uma.

As entrevistas ocorreram nos quintais das participantes, entre maio à julho de 2024, criando um ambiente familiar e confortável para as conversas. As fichas temáticas foram dispostas sobre uma mesa ou cadeiras, proporcionando um espaço onde as participantes poderiam visualizar e escolher livremente os temas sobre os quais desejavam falar. As fichas continham frases relacionadas ao cultivo e uso de plantas medicinais, como:

- ✓ Plantas Medicinais no Quintal
- ✓ Tipos de Plantas Medicinais do Quintal
- ✓ Hortaliças no Quintal
- ✓ Plantas Frutíferas no Quintal

- ✓ Chás Caseiros do Quintal
- ✓ Doenças Tratadas com Remédios Caseiros do Quintal
- ✓ Remédios de Raízes do Quintal
- ✓ Remédios Caseiros do Quintal
- ✓ Remédios de Folhas do Quintal
- ✓ Espaço Quintal
- ✓ Uso do Quintal
- ✓ Preparo de Remédios Caseiros do Quintal
- ✓ Ervas Medicinais do Quintal
- ✓ Receitas de Remédios Caseiros do Quintal
- ✓ O Prazer pelo Quintal
- ✓ Aprendendo no Quintal
- ✓ Importância do Quintal para a Família

Ao longo das entrevistas, as participantes puderam se sentir à vontade para compartilhar suas histórias, vivências e memórias, sem interrupções. A metodologia da HO, ao permitir que as depoentes falassem livremente, favoreceu o relato genuíno e completo de suas experiências e saberes, respeitando a dinâmica natural de cada narrativa. Esse processo favoreceu a compreensão mais profunda dos conhecimentos e práticas tradicionais, pois possibilitou que as pessoas falassem com naturalidade sobre suas relações com as plantas medicinais. Dessa forma, a entrevista se tornou um espaço de valorização da memória coletiva, a partir da qual cada participante contribuiu com fragmentos importantes de saberes transmitidos ao longo de gerações

Durante as entrevistas, foi realizada uma observação cuidadosa do quintal e do ambiente ao redor, sem qualquer interrupção nos depoimentos. Essa observação teve como intuito captar detalhes visuais e contextuais que enriquecessem as narrativas compartilhadas pelas participantes. O olhar atento ao cuidado com as plantas, ao estado de conservação e à organização do espaço ajudou a contextualizar as histórias e os saberes das moradoras. Essa etapa permitiu que aspectos do cotidiano das participantes, muitas vezes não verbalizados, fossem integrados à pesquisa, oferecendo uma melhor compreensão da relação das pessoas com o ambiente e o que cultivam.

2.4 Colhendo Memórias: Histórias e Saberes sobre as Plantas Medicinais no Bairro Maracanã

As informações produzidas foram transcritas e textualizadas conforme os procedimentos da HO. A análise consistiu na organização das narrativas em categorias temáticas, com base nas fichas utilizadas, o que possibilitou identificar padrões e singularidades nas práticas de cultivo e uso de plantas medicinais pelas moradoras do bairro Maracanã.

A pesquisa seguiu todas as diretrizes éticas estabelecidas pela Resolução 510/2016, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e pela Comissão

Nacional de Ética em Pesquisa (Conep). O número do parecer é: 6.691.593, concedido no dia 07 de março de 2024.

A pesquisa enfrentou algumas limitações que merecem ser destacadas. Uma das principais dificuldades foi o fato de algumas moradoras se sentirem acanhados durante as entrevistas. Esse comportamento pode ter sido influenciado pelo fato de não terem vínculos prévios/afetivo comigo, pesquisadora, o que pode ter gerado um ambiente de desconfiança ou até mesmo desconforto. Além disso, a presença do gravador pode ter causado uma certa inibição dessas depoentes, que se sentiram envergonhadas ao falar de modo simples e informal.

A falta de familiaridade comigo e a circunstância da gravação podem ter impactado a espontaneidade e a profundidade das respostas sobre os temas, limitando a riqueza das narrativas. Esses fatores ressaltam a importância de estabelecer uma relação de confiança com participantes em pesquisas qualitativas, especialmente quando se utiliza a metodologia da HO, que depende fortemente da abertura e da sinceridade do grupo estudado.

2.5 O trabalho de campo: impressões do diário de bordo

O tema desta pesquisa é etnociências nos quintais e as plantas medicinais, ou seja, o conhecimento de moradoras de Barra do Bugres - MT sobre as plantas medicinais cultivadas nos seus quintais. Tem como objetivo analisar a percepção e sistematização dos saberes e conhecimentos tradicionais produzidos a partir do cultivo e uso de plantas medicinais nos quintais de moradores do município de Barra do Bugres - MT, com foco na propagação desse conhecimento. Para tal, foram realizadas entrevistas com nove participantes, com interesse na propagação do conhecimento dos benefícios das plantas medicinais, produzidas em seus quintais.

Foram convidadas a participarem desta pesquisa nove moradoras do bairro Maracanã, todas as quais aceitaram o convite, sem haver recusas. Observou-se que as famílias são compostas, em sua maioria, por adultos, sendo o manejo dos quintais geralmente realizado mulheres mais velhas. Os jovens demonstram pouco interesse por essas atividades. A composição florística dos quintais é formada, em sua maioria, por espécies de plantas medicinais, com baixa diversidade, destinadas principalmente para consumo próprio.

O conhecimento para o manejo de plantas medicinais ou não nos quintais foi adquirido com pessoas da própria família. Contudo, relatam que a nova geração não

apresenta interesse em aprender os conhecimentos relacionados aos tratos culturais das propriedades. Na maioria dos domicílios, o quintal é utilizado para a obtenção de alimentos e plantas medicinais, assim como também para a criação de espaços sombreados e ornamentais, com o cultivo de flores.

O manejo dos quintais pesquisados envolve, basicamente, capina periódica, poda, adubação e irrigação, conforme as necessidades dos componentes do sistema e as condições climáticas da região. A adubação orgânica é feita de acordo com a demanda do substrato, utilizando-se restos de cultura vegetal obtidos na propriedade, os quais podem influenciar diretamente na produtividade dos quintais. Não foi identificada a utilização de pesticidas ou herbicidas como prática de manejo nesses quintais. Cenários como este também foram observados por outros autores em estudos sobre quintais no Brasil (Amaral; Guarim Neto, 2008; Carniello et al., 2010; Freitas et al., 2015) e em outros países, como em Bangladesh (citado por Roy et al., 2013). Esses estudos demonstram que o manejo dos quintais contribui para a conservação da biodiversidade e promove a produção sustentável e resiliente.

Nos quintais pesquisados, as espécies encontradas com maior frequência foram: babosa, presente em seis residências; boldo, identificado em cinco; arruda, em quatro; e cajá-manga, em três. Entre todas as espécies encontradas, destacaram-se aquelas utilizadas para fins medicinais, como alecrim e “anador”[4]. Além disso, foram comuns as plantas cultivadas para temperos, como coentro, salsa e cebolinha, refletindo a diversidade e funcionalidade dos quintais visitados.

Espécies vegetais dos quintais visitados foram categorizadas da seguinte maneira, segundo as formas de usos citadas pelas próprias entrevistadas: *medicinal* – espécies utilizadas em práticas de cura ou amenização e prevenção de enfermidades; *alimentícia* – espécies utilizadas na alimentação, para o autoconsumo; *ornamental* – espécies cultivadas com a intenção de “embelezar” o jardim; *sombra* – espécies arbóreas utilizadas como abrigo do sol; *espiritual* – espécies que possuem poderes místicos (ex. proteção contra inveja, mau olhado, arca caída, entre outras). Vale mencionar que a abordagem desta pesquisa está voltada para todas as plantas encontradas nos quintais.

O cultivo de plantas medicinais esteve presente em todos os quintais visitados, evidenciando a importância dessas espécies para as famílias. Esse cultivo reflete um

[4] Planta que é popularmente conhecida como “**anador**”, devido ao fato de apresentar os mesmos efeitos e benefícios que o medicamento industrializado.

saber tradicional, difundido entre gerações, que valoriza as propriedades curativas e preventivas das plantas. Essas espécies não são apenas recursos para o autocuidado, mas também representam a preservação de saberes culturais, especialmente entre as mulheres mais maduras, que assumem a responsabilidade pelo manejo dos quintais.

As plantas são cultivadas sem o uso de pesticidas ou herbicidas. Além de servirem para tratamentos de saúde, elas também estabelecem uma conexão significativa entre as moradoras e o ambiente, proporcionando bem-estar e preservando conhecimentos ancestrais que, infelizmente, enfrentam resistência por parte da nova geração, pouco engajada em manter esses saberes vivos. Esse contexto reforça a relevância de iniciativas voltadas à propagação e valorização dos conhecimentos tradicionais sobre o uso de plantas medicinais, assegurando que as futuras gerações reconheçam e preservem essa rica herança cultural.

3 O CUIDADO COM AS MÃOS E COM O CORAÇÃO

O Quintal como Espaço de Vida e Cura

Neste capítulo, são apresentados os depoimentos das mulheres que contribuíram com esta pesquisa, trazendo à tona suas experiências de vida, os saberes que possuem e as práticas desenvolvidas em seus quintais. Os relatos foram transcritos e organizados conforme os princípios da metodologia HO, buscando preservar a autenticidade das falas e o contexto em que foram produzidas. Por meio dessas narrativas, é possível compreender a riqueza dos conhecimentos populares, construídos a partir da vivência cotidiana.

3.1 Primeira Depoente

No dia 26 de maio de 2024, em uma tarde de domingo, visitei o quintal de dona Alfazema. O espaço é amplo, com a maior parte coberta por contrapiso de cerâmica. A área destinada ao cultivo fica próxima ao muro, onde há um espaço considerável utilizado para o plantio de diversos tipos de plantas medicinais, árvores frutíferas e flores. A família costuma usar a varanda para encontros de fim de semana, bem como para receber visitas. A parte do terreno que se estende além do cercado é marcada pela a presença de muitas árvores, criando uma área de decomposição de matéria orgânica, com abundância de folhas secas e galhos caídos. A moradora entrevistada falou com serenidade e demonstrou paciência ao conversar, o que me encantou os ouvindo.

DEPOIMENTO DONA ALFAZEMA: *Aqui eu tenho a acerola. Acerola é bom para chá! Diz que é bom o chá da folha. Falam que é bom. Eu nunca fiz, mas o suco é bom. Tem muita vitamina C. Acerola tem muita vitamina C para dar para as crianças, para a gente cuidar, né! Tem muita vitamina C. Então eu uso muita coisa, a acerola, a fruta. Em casa, eu não deixo perder, uso tudo da fruta para fazer suco, a folha, bom para o chá, para quando está gripado, tem vitamina C também. Só que a gente quase não faz o chá. Vai largar para o lado. * Aqui também tem a babosa, a babosa também é boa, né!? Eu tenho ela aí. Dizem que é bom para muita coisa também, só que a gente quase não usa. Aquele boldo* (apontou com o dedo), *é o boldinho, boldo da folha pequena. Eu tenho dele aí também. Tem bastante coisinha de chá, tudo que os outros falam que é bom, eu gosto de plantar. * A babosa, dizem que é bom para pôr no shampoo para o cabelo. O chá eu nunca fiz não. O povo fala que é bom, só que eu nunca usei. A babosa é boa.* O boldo é para o estômago, quando está com o estômago ruim, né! Beber o chá do boldo é bom mesmo. Tem do boldo grande e do boldo pequenininho, da folhinha pequenininha assim* (mostrou com a mão o tamanho

da folha*) e da folhona. Os dois são bons para o estômago. A Amanda tem uma fé danada nele, quando está com o estômago meio ruim, cê dá uma batida nele, bebe e é bom mesmo. Agora eu estou com pouco remédio aqui em casa, mas eu gosto de plantar. Tudo que fala que é bom, eu gosto de plantar. * Então eu uso muito o meu quintal para isso, para plantar remédio. A horta agora eu parei, faz tempo que eu não mexo com horta, mas eu gosto de plantar também. Tem a cebolinha, eu tenho salsinha. Cebolinha, eu não fico sem ela em casa de jeito nenhum. Você vai lá e cata as folhinhas e coloca na comida, já está pronto, não precisa ir no mercado buscar. * Agora as receitas de remédios para falar que eu sei fazer, eu não sei muita coisa não, não sei não. Eu faço é por rumo! * Esses dias eu estava com a perna meia ruim aqui, menina! Fiquei uns dias sem jogar água, as bichinhas estavam feias. Água é o remédio dela, coitadinhas, mas tem que jogar, se não jogar água, morre. A acerola, quando você joga água nela, mas ela dá. Se você puder jogar água todo dia nela, ela não para de dar acerola. Se você jogar água direto, ela dá quase o tempo todo. Não carrega muito, mas sempre um pouquinho ela dá. Agora esses dias eu passei sem jogar água nas coitadinhas, acabou até as florzinhas. Seca tudo, até dó (risos). Aí hoje eu comecei a jogar de novo. Comecei a jogar água nela de novo, para ver se dá fruto. Se não tem água nessas plantinhas, não vai sem água, tudo murcho. A receita para ter as plantas boas é a água. *Toda a vida, a tua mãe sabe, toda a vida eu fui de plantar as coisas, só que agora eu dei uma barrelada. * Aquela árvore é Limão* (apontou com o dedo). *Limão também é bom, né!? Limão é bom para a saúde, se puder beber limonada de limão puro, é bom mesmo. Silvio, quando vem aqui e tem, ele leva um punhado para beber, espremer e beber. Tinha parado de dar, com essa seca, agora nada está dando. Mas é bom o tal do limão, é bom demais. Tinha de ter ele em casa. Eu estou com medo dele cair, porque ele está muito torto. Vai começar a ficar pesado. *Aqui em casa eu demoro para reunir. Lá para o fundo ninguém nem vai. Já puxamos a área mais para cá, esse pedaço tudo calçado para cá, nem lá para o fundo não vai. O quintal é menor do que a casa* (risos), *sobrou só um pedacinho do quintal aqui. Mas é eu o que vem para cá. Só mais planta mesmo. Fruta mesmo, não tem muito. Então... Eu nem sei mais o que eu tenho. Tem tanto remédio que nem lembro mais o que falei e o que não falei. * O hortelãzinho, tinha acabado o meu hortelãzinho, tinha a muda. Nem sei se a tua mãe tem lá, sabe se ela tem?* (afirmei com a cabeça) * *O hortelãzinho era usado para bater no suco. É bom com suco, é bom para fazer chá para criança, né! Ele é bom para imunidade, para febre, é tipo de um calmante, né! Crianças que têm verme, é tipo de um calmante. A gente pode fazer chazinho quando está com febre também. Criança pequena é bom fazer chá de hortelã. Só que agora o meu deu uma secada, é bom fazer para dar para criança de noite. Porque essas crianças que são muito cheias de verme, fazer o chá dele que acalma. De primeiro, tinha as crianças barrigudas de tanto verme, agora não, agora dá mais remédio de farmácia. * O matruz também era bom para isso, e também para, é, uma quebradura, né!? Minha mãe fala que meu irmão quebrou o braço uma vez, que caiu e usou o matruz. Não tinha médicos, colocava a folha em cima e amarrava. Ponha com sal, dava uma a macetada na folha, ponha com sal, amarrava e colou, colou,* (afirmou com a cabeça). *Não ficou com nenhum defeitinho. O sal ajuda e ele ajuda também. Só que agora esse*

*tempo não acho nem um pezinho para nada por aqui. Acaba tudo. * Tem um tal de mentrasto também, é um da folhinha da flor roxa. O mentrasto é, que é bom fazer banho também. Não sei se sua mãe conhece por esse nome, ou fala por erva-de-são-joão, que eles chamam. Os cuiabanos gostam dele para fazer remédio. O meu agora deu uma morrida, mas ele é muito bom. Mas é que ele dá sementinha e depois começa a chover e nasce tudo de novo. Meu Deus do céu! Tem muita coisa aqui, remédio. Nossa, primeiramente ninguém usava a farmácia, não! Era só remédio de casa. Para verme, tudo é remédio de casa.* Tem muita coisa boa de remédio de casa aqui. Meu hortelão estava bonito. Esses dias foi secando, ficou esses dias sem água. Há o alecrim. A Ivani trouxe a mudinha esses dias para mim. Ele morreu. O alecrim, ele é bom para quem tem problema de coração. Ele é calmante, aí faz o chá dele para o coração. Assim, o povo antigo que falava, né!? Ela fez uma mudinha na latinha e trouxe para mim. Aí está pegadinha. Eu falei, coloca aqui no meio da cebola, porque aqui, criança não vai mexer. Também acho que ele está meio novo ainda, ele tem uma coisa que não atura muito também. Ele morre. Então, tem que estar sempre replantando ele. Minha mão não é boa para plantar o alecrim, não vai para frente. Ela falou assim: Aí eu trouxe pegadinha para você. Aturou um par de dias depois. Agora eu fui ver se ela secou. Tem gente que a mão boa para plantar que pega rápido, pega mesmo. E eu, no alecrim, não. Não tem muita coisa agora, não. Primeiro eu tinha muito. Aquela planta que está ali, olha* (apontou com o dedo), *perto da cebola, que tem as lateralzinhas dela amarela, falam que é espada-de-são-joão. São-joão e são-jorge. E aquela fininha, comprida lá, eles falam que é lança-de-são-jorge. Porque ela é uma lança. Ela não é que nem espada, ela é uma lança fina. Aquela lá de são-joão, ela é boa para o oxigênio também, né!? Porque eles que falam que essa daqui é bom para ter dentro de casa, né!? Ela melhora a respiração. Vou comprar um vaso, para plantar uma e colocar dentro de casa. Aquele, daquela lança lá, tem bastante, ela estava numa lata, a lata caiu. A raiz dela quebrou tudo o negócio. A lança-de-são-Jorge, falam que é bom, mas para que que ela é boa eu não sei dizer, não. Se ela é remédio, se ela não é. Eu nunca vi falar, não. Mas eu acho bonita, eu planto. Se é remédio, eu planto. Às vezes, chega alguém que sabe para que que serve, aí fala. Se a gente não conhece uma planta, a outra conhece, né!? Primeiro que eu usava muito espada-de-são-jorge, batendo em criança. Ele bate, bate, bate, não quebra. Ai, ai* (risos). *Ela desgasta, mas não quebra. Fala, eu vou arrancar o couro na espada. E dói, né? Chega a cortar. Na minha casa, a mãe, antigamente, pegava os filhos pra bater. Batia, batia, batia, batia, batia, né!? Quase matava os bichinhos de bater, é louco. * Aqui tem o pé de coco. O pé não serve pra nada, mas quando dá o coco, dá pra beber água. A água do coco serve pra hidratar, né!? Quando a criança é desidratada, eles mandam água de coco. Até o médico manda dar água de coco. Aí quando começa com muita diarreia, desidrata, né, criança. Aí a água do coco faz hidratar. * Eu, quando tinha as crianças pequena, eu tinha muito remédio, mas vai crescendo, vai se acabando as plantas do quintal. Depois ficou só a Mirela. É mais difícil de ficar precisando muito de remédio, porque é só um. É menos, né!? Agora, quando é bastante criança, é bom ter mais variedade, porque cada vez é uma coisa diferente, dá, dá em cada criança. Mas graças a Deus, agora não tô precisando muito,*

não. E a Mirela bebe muito suco, bebe muito suco (afirmou com a cabeça). *E o suco ajuda, né, na saúde também. No meu tempo, não tinha negócio de estar batendo suco. Então tá prevenindo já, né, já têm muitas vitaminas, essas frutinhas, né!? Então já vai prevenindo pra não chegar nem de adoecer. * É difícil ir na farmácia, uma criança assim, mas eu faço chazinho de casa, pra mim mesmo. Eu quase não vou na farmácia também, mas é chá. Ontem eu ponhei um punhado de remédio, banhei as pernas, estava com dor no joelho... O que eu usei ontem, eu nem lembro o que foi* (risos). *Misturei um punhado de remédio. Folha de algodão e manjericão, esse banho é bom para relaxar o musculo, melhora a circulação sanguínea. Eu fervi as folhas, e depois com um pouquinho de sal, e banhei. Ah, o sal, dizem que é pra tirar as dores. * Aquele melão-de-são-caetano ali também, diz que ele é bom para banho, né!? Ele é bom pra dengue, né! Dizem que é, fazer o chá amargo, e pra banho ajuda a melhorar da doença. * Essa daqui fala caninha-do-brejo, eu conheço por esse nome, os outros conhecem por cana-de-macaco. Ela serve para infecção de urina. Aí faz o chá e toma. Ela é boa pros rins. É bom, para quem tem problema nos rins, é bom usar ela. Eu não tenho, graças a Deus, mais, às vezes, a gente bebe para prevenir, né!? É, quando, às vezes, devem ver que tá sentindo, assim, uma ardência na urina, a gente já faz, né!? * Quase todas as plantas é remédio! A gente que não guarda na cabeça, a gente não sabe o que que é. Às vezes, a gente não faz e a gente esquece. Mas quase todas as plantinhas é remédio. Antes, os remédios era tudo de casa, foi criando as crianças assim e também fui criada assim com esses remédios, com chazinhos, eu morava no sítio, né!? Era longe para ir na cidade. Remédio de verme, era tudo em casa, eu ia fazendo. Muitas coisas eu já esqueci, têm plantas que eu nem tenho aqui no quintal, não usa e aí vai esquecendo tudo. Não pratica aquele uso, né!? Vai caindo no desuso, né!? Agora eu só tenho a Mirela, e os outros dois netos. Mas quando dá uma dorzinha, já corre na farmácia. E antes não. Antes você morava no sítio, até que você vinha ali pra trazer a criança no médico, só se arruinasse mesmo. Tentava tudo em casa primeiro. Aí vai ficando mais prático a farmácia e o médico, aí já vai... Vai lá abandonando o remédio caseiro. Tem muito remédio que é bom, né!? Eu falei uma vez que eu ia pro caderno e marcar tudo, para não esquecer. Se todo o remédio desse aqui é bom pra tal coisa, eu vou atrás dele, né!? Mas vai, esquece, vai largando mão. Muita coisa é boa. Aprendi esses remédios com a minha mãe e com as pessoas mais velhas que iam ensinando a gente.* (Dona Alfazema, 26 de maio de 2024).

No quintal desse domicílio, a maioria das espécies que compõe a plantação são predominantemente plantas exóticas com função medicinal (mastruz, mentrasto, erva-de-são-joão, alecrim, entre outras), alimentícias/temperos (cebolinha, salsa, manjericão) e frutíferas (limão, acerola, coco), o que evidencia a importância que os quintais têm para a subsistência. Estudo de Althaus-Ottman *et al.* (2010) constatou comportamento semelhante. A escolha das espécies plantadas está relacionada às necessidades e tradições locais (Silva *et al.*, 2017; Pimentel *et al.*, 2023).

No território brasileiro, as principais espécies encontradas nos quintais são de uso alimentício, acompanhadas de algumas espécies medicinais, frutíferas e ornamentais, conforme relatado nos trabalhos de Amaral e Guarim Neto (2008), Carniello et al. (2010), Moreira e Guarim Neto (2015), Pereira e Figueiredo Neto (2015), Silva et al. (2016), Spiller et al. (2016) e Pimentel *et al.* (2023).

A preferência por plantas frutíferas na formação desses quintais está relacionada à segurança alimentar das famílias, produzindo alimento fresco e sem agrotóxicos (Santos *et al.*, 2016), além do fornecimento de sombra dessas espécies arbustivas e arbóreas, característica também observada em nosso estudo. A sombra produzida pelas árvores no seu entorno propicia ambiente mais confortável para os residentes. Vieira et al. (2014) e Silva et al. (2017) afirmam que é possível relacionar esse microclima à redução no consumo de energia elétrica e ao bem-estar da família, fator essencial para as condições de regiões com longos períodos de secas.

3.2 Segunda Depoente

No dia 09 de junho de 2024, em uma tarde ensolarada de domingo, visitei o quintal da dona Coco. O espaço é pequeno, com pouca área pavimentada, sendo predominantemente coberto por terra. Há poucas plantas de grande porte, destacando-se apenas uma árvore de sete copas, cuja ampla folhagem proporciona uma sombra extensa. O quintal é restrito em tamanho, e a família costuma se reunir nos fundos, sob uma lona, embora seja mais frequente se reunirem em seu sítio. A moradora entrevistada demonstrou um amplo conhecimento sobre plantas e ervas, revelando sabedoria e uma voz firme ao falar.

DEPOIMENTO DONA COCO: *Nós devemos começar com as doenças tratadas com remédios caseiros do quintal. Eu tinha vontade de falar. Os remédios caseiros do quintal, a gente pode estar começando com o figo. A folha do figo, ela tira gordura do fígado. As pessoas não conhecem e desperdiçam tanto as folhas do figo. Então as folhas que caem no chão, depois delas caídas, aí elas são medicinais. Quando ela está no pé da fruteira, elas não são, não é medicinal, não podem ser extraídas, tem que deixarem elas caírem. Então ela trata gordura do fígado, como ela trata também sinusite. A infusão dela, né! O fruto, quando come o fruto diretamente, pelo menos 15 dias seguidos, também acaba com anemia e imunidade baixa. Uma outra planta que a gente pode estar falando também que ela é de quintal, o tamarindo. As pessoas pensam que o tamarindo só é para laxante. Um suco delicioso, ácido, e, se tomar muito, é laxante. Mas o tamarindo, o fruto dele, a polpa do fruto dele, além desse, são*

*laxantes, é ótima para as vistas, né! As pessoas quase não conhecem. A folha do tamarindo também é rica em proteína das vistas. E o banho do tamarindo é ótimo para acabar com a erisipela preta, aquelas erisipelas de varizes. Isso é esquecido há muitos anos, o povo esqueceu desse tamarindo. Aí faz o banho com a folha, escalda-pés, se chama, né! (silêncio.) * O limão. Vamos estar falando do limão. O limão é só o fruto. Além de ser um suco delicioso, é antiácido. Quando faz um chá e toma o chá do limão com casca e tudo, ele bem quente, ele é um antioxidante, ele limpa o sangue e todo tipo de doenças do sangue, quando você toma ele quente, já toma e já deita na hora e fica bem quietinho, né! Assim, você tem que tomar só na hora de deitar para dormir. Eu tomo um copo dele, do chá bem quente, do limão com casca e tudo. Ele é antioxidante e ele alcalina o sangue. Isso, as pessoas não sabem. E se nosso sangue estiver alcalinizado, algumas células que a gente já tiver no corpo que vai formar um câncer daqui 10, 20 anos, já mata elas se a gente pegar por hábito e tomar esse chá à noite, quentinho. Além de o limão, o suco do limão e o jejum, além de levantar a imunidade, ele também ajuda a controlar o pâncreas, faz o pâncreas funcionar mais rápido, para o intestino ficar funcionando certinho, e ajuda o pâncreas a tirar todo o açúcar e a gordura do sangue. A folha do limão, quando a gente ferve ela e coloca um pano jogado na cabeça, que faz aquele banho de vapor, também acaba com a sinusite, acaba com o renite, com a alergia crônica e ajuda a tirar tendinite também. Que as pessoas não usam, pensam que o limão é só o fruto. Quando você usa as flores de limão, você cata aí 20, 30 flores de limão, coloca num copo, joga água fervente em cima, além de ser rico em vitamina C, é rico em vitaminas e proteínas para o olho e para as amidas, tira mau hálito, além de ser vitamina pro hormônio também, porque ele faz o sangue circular mais rápido. (silêncio) * Podemos falar também da taioba. De 1960 a 1980, ainda muita gente, em Barra do Bugres, usava muita taioba. Você chegava numa casa que tinha 10, 15 crianças, você ia olhar e as crianças, tudo sadio, você ia olhar o que era a merendinha das crianças. Muitas vezes, o bife das crianças quebrava um ovo e tirava 5, 6 flores de taioba, fazia aqueles bolinhos, se não faziam aquelas omeletes, e as crianças comiam um daquele e iam para a escola. Já chegava tarde, às vezes ia comer ali um refogadinho de novo da taioba ou uma batata de taioba ferventada, porque os pais tinham demais. Em Barra do Bugres, em 1972, de 1972 que a gente chegou aqui, a 1988, todos os campos de quintal tinham taioba, ninguém usava veneno. Na época, ninguém usava veneno. Aí, de 1983 para cá, que começou os venenos da cana e todo mundo começou a trazer aquele pouquinho de veneno e matar o capim do quintal, e foi acabando com a taioba. Mas a taioba, além de ela ser rica em fósforo, rica em ferro, e ela é uma afrodisíaco. Por isso que as casas tinham muito filho, porque ficava tanto pai como mãe, ficava bem fértil e sadio, e não tinha tanto câncer. Na época, não tinha tanto câncer na nossa cidade, porque eles comiam muita taioba, eles comiam folha, comiam batata, não tinha preguiça de plantar no quintal. E é uma coisa que está esquecida, você procura hoje, você tem taioba? O que é isso? Hoje, nem as mulheres de 22, 23 anos não sabem o que é uma taioba. A menina, essa criança, está com tanta anemia, faz um refogado de taioba e dá para a criança comer. Ninguém sabe o que é taioba, perderam o conhecimento da taioba Ela é medicinal, e quanto mais se esquece dessas coisas*

*tradicionais, dos alimentos caseiros que é remédio, a alopatia gosta, né! (silêncio) * A gente pode estar falando também do açafrão. Açafrão todo mundo conhece, né! Ainda pouca gente usa. A gente também pode estar falando da pimenta do reino. Todo mundo condena a pimenta do reino, e eu não condeno não. O açafrão, além de ter sabor, ele é um grande alimento, rico em vitaminas, ele tem muita vitamina A, ele tem várias proteínas, e ele tem uma proteína nele que combate o câncer. Quando nós usamos o açafrão, para cada 20 gramas de açafrão, o quarto de um caroço de pimenta do reino realça todo o antibiótico dele. E aí tem uma outra receitinha que a gente tem do açafrão, que quando a gente usa ela com as ervas certinho, ela mata a célula do câncer quando está em estágio, em até dois anos o câncer. Ela mata, porque não precisa fazer rádio. Isso já foi confirmado com a professora nossa. Ela usou com a mãe dela, e depois aqui mesmo em Barra, eu usei com 60 pessoas na época, que eu peguei como cobaia para mim. E só duas. Eles já estavam fazendo rádio, faleceram, desses que eu cuidei. As outras 40, que estavam muito fortes, mas já estavam usando rádio, não faleceu. E as outras que ainda não estavam fazendo rádio, só tem duas que faleciam, mas de infarto, e de COVID agora, mas na época ficaram bem. Então era uma composição de quatro espécies que é colocado junto. O açafrão fica rico, ele mata todas as células venenosas do câncer. Porque, você sabe que a célula venenosa do câncer se forma dos puns que nós não soltamos!? Você sabe!? Usa-se a batata do açafrão, quando nós fazemos o pó, ela perde todo o óleo, todo o excesso. A não ser que você saiba que já extraí o óleo dele. Dá um pouquinho de trabalho, mas a gente consegue extrair. Aí ele, quando ele está ali in natura, ele é rico. Já foi confirmado para mais de 200 tipos de doenças. E é o açafrão, é o limão, é o louro e é o ginseng, que é a outra planta que está esquecida, que vai ser o medicamento de 2030. É bom para a memória. Ixi, é bom com tanta coisa o ginseng. É outra planta que está bem esquecida, e como está! E é de planta de quintal. Uma batata de cinco gramas de açafrão é um quarto da pimenta. E a pimenta tem que ser nova. * O leite do figo é riquíssimo. Quando você tira e extrai o leite dele, também é riquíssimo. Ele tem várias propriedades nele. Aí quando extrai o leite dele, o pessoal seca ele e dá para fazer os comprimidos. O certo não é secar. Fazer com ele fresco. O certo seria bem in natura. A gente tem uma professora muito exigente, que ela fala. Quanto mais frescas ervas, o efeito é mais rápido. E é isso, quando a gente...* (silêncio, tentando se lembrar). *Usamos aqui em Barra do Bugres 40 pessoas para cobaia. Então, eu sequei as ervas da época. Eu sequei umas ervas para fazer. Eu extraí o pó e pedi para a menina fazer comprimido. Mas catava também a erva fresca. Eu fazia o chá e a pessoa só vinha aqui e pegava a garrafinha de chá e ia embora, para os outros não saberem, porque na época era um preconceito. * O chá seco foi uma diferença e o chá verde foi outra. Então, tem um balanceamento nessas ervas. Se ela tiver fresco, o efeito é muito maior. A AIDS tem cura, com o próprio remédio natural, ela tem...* (silêncio) ** Alopatia, não corre atrás porque tem uns benefícios lá, né!? A gente sabe que tem por trás disso. A gente não pode falar porque é um antiético e dá cadeia, né!? Tem pessoas que estão indo lá de seis em seis meses, têm que ir. Tá legal, tá legal. Toda vez elas falam, olha, tá tudo zerado, tá tudo zerado. Graças a Deus tá tudo zerado, não sobrou mais. Eles têm vergonha de se expor, né!? Porque ainda hoje a*

ponta de dedo, ainda têm as pessoas que discriminam e têm outras doenças aí que estão pior do que ela. O preconceito é mal, o preconceito da AIDS, foi muito. E Barra do Bugres é rica dessas árvores que têm esse benefício, só que o povo deixou bem escondido. Na época, quando essa matéria foi surgida em Cuiabá, que nós estávamos no seminário em Cuiabá, nós já tínhamos as cobaias, nós já tínhamos o resultado de vinte cobaias. Nossa! (silêncio) *Foi presa em toda a sala, com trezentas pessoas, foram presas. Não era para explanar a matéria. Na época, a gente prometeu que não ia explanar a matéria. Mas ainda hoje, se tinha alguma pessoa que precisava do remédio, eu volto para o pé. Mas na época, foi explanado, porque não era para levar em frente a matéria. Todos os documentários nossos, na época, foram queimados. Nosso defensor, na época, um deles era Ceres, Carlos Abicalil, foi abraçado todo mundo junto com nós. Tem um deputado ali da região de Juína, também foi com a gente, Carlos Abicalil, na época, era deputado, ele foi algemado também, junto com nós, essa época. O caso foi abafado, a gente só ficou lá quatro horas. Às vezes, quando as pessoas querem fazer as pesquisas e tudo assim, eu fico. Tenho um pensamento, porque eu continuo estudando. Desde 1992, que eu comecei a estudar plantas medicinais, na época do Pastoral da Saúde, eu nunca mais parei. A gente nunca para, porque hoje você estuda o açafrão, você aprende dele aqui. Só que quando for amanhã, tem uma outra matéria, e você vai ver, alguém já pesquisou, tem mais benefício. Então, assim, você não pode parar. * A Pastoral da Saúde não tem mais aqui na nossa cidade, foi extinta. Os grandes apertam nos pequenos e, geralmente, quem fica nessa área, fica de frente, é a gente que não tem condições financeiras, e a gente que tem amor, é mais fraco do que a eles, é as pessoas que atingem bem baixo a comunidade, o povo, porque a massa mesmo é os pequenos. Então, foi extinta por causa disso, ficaram um tempo tentando ver se conseguia. Nem a Pastoral da Criança foi mais para frente, acabou tudo. Porque quando se ensina um chá, você é sempre cortada para não ensinar. A perseguição que eu ganhei na época era bastante. Eu vim para a Igreja Evangélica, porque como eu falei na época, eu prometi mesmo para o pessoal que era a comissão, que era a frente da saúde, da Pastoral da Saúde, e eu falei: "não, eu vou para a Igreja Evangélica, e eu vou continuar ensinando". Tá, a gente não pode ensinar tudo. Esse conhecimento que a gente teve de reflexologia para achar a tua área, o que você precisa, qual as ervas que combina com você, nessa época, também foi bem barrado, porque não era para a gente ensinar, porque se a gente fosse descobrir qual a área, qual o medicamento que vai ser bom para você, a gente ia estar falando das ervas. Muitas vezes, não era para estar falando. Mas eu gosto de continuar. E se eu ver que você precisa de uma erva, eu ensino. * O medo deles é assim, que eu ensino para você, foi bom para você, você ensina para outra, e o outro ensina para outra. Aí eles, medo que seja propagado. Mas tem que ser propagado. Está acabando o conhecimento das ervas... (silêncio). Assim, está morrendo, né!? Porque o conhecimento, que nem agora, essas doenças que estão chegando agora, enche a UPA. Enche a UPA, enche os postos. 70% dessas pessoas não precisaram estar indo para lá, poderia ir para tomar um chá. Se as pessoas estivessem tomando chá de limão com casca e tudo, açafrão, batatinha de açafrão, folha de boldo, folha de pitanga, uma folha de manga, a manga comum, uma*

*folhinha só de melão-são-caetano, para 3 litros de água, não estava tão abrangido, assim, Barra do Bugres. Mas cadê que as pessoas tomam chá? Os que vêm aqui, a gente explica. Nem para a UPA vai, vai para casa, mas os que não vêm... Enche a UPA. Os que não vêm, vão para a UPA. * Aqui, em Barra do Bugres, tem 70 tipos de plantas de fértil. Eu só uso 16. As plantas que eu preparo, eu só uso 16. Mas eu não gosto de trabalhar com as outras, mas existe, tem. Elas são várias, elas são todas boas. Tem aqui para o homem e tem aqui para a mulher. O homem não pode tomar a que é da mulher e a mulher não toma a do homem. Não pode, o tipo da erva é um hormônio, se ele for tomar junto, no lugar dele assanhar, ele broxa, pior, broxa não, ele começa a ficar muito rápido, precoce. Aí, elas são várias. *Para o dia a dia, para dar aquela esquentada, é bom estar usando o cravo, o chá dele. O chá, o banho, da folha do cravo, do cravo mesmo, da flor, né! Faz a fusão dele, o cravo nunca pode ferver. Quando a gente mudou para a Barra do Bugres, eu vim com 9 anos, a gente sempre...* (parou de falar e pensou) *Bom, eu morei dois anos e meio em São Paulo, mas já de 86 até 88. Aí eu voltei para cá e sempre aqui. Em Cuiabá, eu ficava 15 dias pela Pastoral da Saúde... A gente ficava lá perto da rodoviária, lá no...* (tentando lembrar) *Onde é o seminário dos padres, lá abandonado, lá embaixo perto da rodoviária. Os professores vinham de fora e ficavam ali. Porque quando foi nos dois encontros grandes que teve com mais de cinco mil pessoas no UFMT, que teve uma vez, que teve essa gracinha, né, da polícia. Aí, os médicos, né, e tinha vários médicos no meio, infiltrados no meio, assistindo, tudo, né! E conforme isso foi gravando, e aconteceu. Aí, mas aí depois eu não tinha que ficar lá, mas o professor teve que fazer os três anos, os cinco anos de homeopatia, né! Depois os de fitoterapia. Mas aí eles vinham ali. e então, como a gente tinha sempre encontros, principalmente participavam lá, e a gente entrava, saía e, assim, foi uma coisa, na época, os professores são... (silêncio) Era a maioria em espanhol. E até o nosso Nilo Cairo, ele é em espanhol, né! A escrita dele é em espanhol. Aí então eles vinham e voltavam, como ali estava no meio dos padres, ali, e as pessoas não percebiam, a gente persistiu estudando. Só que daí, também, pra fazer reflexologia mesmo, deu trabalho, porque a gente precisava de professor de outra área, né! E foi um pouco complicado pra nós, porque ninguém queria ir lá dar aula. Os que eram formados em química, não queria ir, morria de medo. Mas eu tinha patrocínio pra me estudar, a gente fez. Eu ficava 15 dias lá e 15 dias em casa. Foi muito difícil pra gente, na época. Ficaram cansados por tudo isso, né! Ter estudado, 15 dias pegava direto. Aí 15 dias, aqui a gente pegava 7 horas de aula, aí 15 dias a gente pegava 7 horas da manhã, a gente parava à meia-noite. * Vamos falar da sena também. É de fundo de quintal, a sena verdadeira. A verdadeira é de flor, branca, rosa, roxeada. As bajinhas são de canivete e quatro, cinco sementes. A semente aqui é veneno, mas as folhas dela é para o fígado, para tirar gordura do fígado. A infusão das folhas dela para tirar gordura do fígado, pega de duas a três folhas. Mas se você joga um copo de água fervendo em cima e toma um chazinho. Ele é um laxante, dentro de quinze minutos ele é um laxante sem dar cólica. Pode dar para bebezinho, bebezinho com cólica, né! Você pode estar dando ele, tira os gases. E ela também é uma planta afrodisíaco, é ótimo para limpar útero. E a sena, no caso, é somente a mulher que toma. O homem só pode tomar se ele tiver com*

*cancro ou gonorreia. * Se tivesse a matéria do dia a dia escolar com esse conteúdo, seria muito bom, ou tivesse aquelas oficinas de plantas medicinais, que teve uma época que surgiu o projeto agrinho aqui na Barra. Era na Escola Guiomar. Naquela época, ensinava tantas crianças, como os pais que foram para lá. Eu participava do projeto, eu participei, na época, seis meses do projeto. Eram os pais e os alunos. Foi muito bom naquela época. Eu participei para incentivar minhas filhas, as duas eram pré-adolescentes, para estudar e ter conhecimento. Hoje, se elas estão com dor de cabeça, já ponha uma erva, já faz um chá. Se estão com diarreia, ou se as crianças delas estão empachadas, já corre lá no quintal e faz um chá. É muito bom ter esse conhecimento em sala de aula, porque, assim, se os pais sabem do medicamento, os filhos escora. Mas, se eles aprendem, fica para toda a vida. Se um vizinho tiver com dor, eles já falam para fazer um chá. É melhor adquirir esse conhecimento do que ficar em joguinho no celular.* (Dona Coco, 09 de junho de 2024).

Em seu quintal, dona Coco cultiva árvores, como o figo, tamarindo, limão, manga, entre outras, que são utilizadas para fins medicinais e de consumo. Além disso, também cultiva plantas como o louro, cravo, ginseng, boldo, igualmente utilizadas para a produção de remédios caseiros. As preparações medicinais envolvem o uso de folhas, as flores, os frutos, como o limão inteiro, as sementes, ou a combinação de várias ervas, conforme a indicação para diferentes patologias, como o câncer, problemas no pâncreas, AIDS, doenças hepáticas, etc., ou mesmo para algum mal-estar cotidiano. A taioba, entre outras espécies multifuncionais, é mencionada como afrodisíaca. Pode-se perceber a satisfação e o sentimento afetivo com o cultivo e manejo do quintal, bem como o profundo conhecimento sobre o uso medicinal de suas plantas.

A chegada e estabelecimento de plantas exóticas em Mato Grosso datam de séculos passados, com a vinda de europeus, africanos e asiáticos, que trouxeram consigo recursos vegetais de suas respectivas culturas (Albuquerque 2002; Viera; Alves, 2003). Nos relatos de viajantes e em registro de expedições científicas, que aconteceram por terras mato-grossenses, ainda no século XIX, foram catalogadas diversas espécies exóticas (Saddi, 1993; Amorozo, 2002b). Mais recentemente, o fluxo migratório tem se intensificado e, com este, a entrada de propágulos que acompanham a população migrante.

Esmeraldo *et al*. (2017) referem que as mulheres são as principais protagonistas nas relações existentes dentro dos quintais agroflorestais, envolvidas por processos históricos. Vieira e Milward-de-Azevedo (2018) relatam que as mulheres são as maiores detentoras e aperfeiçoadoras do conhecimento devido à

missão do “cuidar”, historicamente designado a elas. Para Siliprandi (2015), as mulheres abraçam as práticas da agricultura tradicional familiar também como estratégia de sobrevivência. Os produtos cultivados nos quintais são, em sua maioria, destinados ao autoconsumo, estendendo-se a ações solidárias, como doações a vizinhos, familiares e amigos. Em menor escala, o excedente é comercializado, contribuindo para a geração de renda, o fortalecimento da autonomia e a melhoria da qualidade de vida familiar. Essas características têm sido destacadas por vários autores em estudos realizados em diferentes regiões brasileiras (Gonsalves; Lucas, 2017; Maia et al., 2018), evidenciando a importância desses espaços para a sustentabilidade e o bem-estar das comunidades.

3.3 Terceira Depoente

No dia 10 de junho de 2024, visitei o quintal da dona Insulina. É um lugar muito arborizado, com uma grande varanda que contorna a casa, repleta de diversos tipos de plantas. Esta já era minha segunda entrevista do dia, e aconteceu no final da tarde. Apesar do calor, o local estava mais fresco, e o oxigênio parecia mais limpo. Dona Insulina foi muito atenciosa ao falar sobre cada planta.

DEPOIMENTO DONA INSULINA: *O meu quintal não tem muito espaço, porque eu planto muita coisa no meu quintal. Ele é meio pequeno, mas é cheio de planta, frutíferas e principalmente hortaliça. Tudo que você precisar para remédio e para fruta, eu tenho no meu quintal. Por exemplo, eu tenho o pé de jabuticaba, que tem a fruta, as folhas servem para fazer chá, bom para quando a pessoa está sentindo febril, dor de cabeça. Então, é muito bom. E aí também tenho um pé de coco, quando ele está maduro, eu tiro o óleo dele, ralo o coco, extraio o óleo, que é bom, o óleo é muito bom para a pele também, para a pessoa fazer o uso. Todo dia de manhã, eu tomo uma colher de óleo de coco e também faço o doce de coco. A água de coco é muito boa para a criança e para o adulto também, quando está com desinteria, aí toma. E tenho o cajá-manga. Daí eu faço o suco do cajá-manga. Tenho o ora-pro-nobre, eu faço salada, faço suco, coloco no suco. De qualquer tipo de suco, eu coloco umas folhinhas. É uma maravilha. Também tenho um pé de acerola, e a acerola é muito rica em vitamina C. E faço o chá dela. Da folha, eu faço o chá. Quando está assim meio gripado, é muito bom. E tenho também um pé de alfazema. A alfazema, eu faço o chá. É bom para dormir, para a calmante, a gente dorme tranquilo. Para dor de cabeça, ele é muito bom. Até para pressão, quem tem pressão alta, toma ele, abaixa a pressão arterial. E também tenho o boldo. O boldo é bom para estômago. É bom para quem tem diabetes também, toma o chá de boldo, que ele é amargo, né! Fervo a água e coloco ele e abafo, e também bato no liquidificador e coo, aí fica aquele suco amargo. É muito bom para quem tem diabetes, quem está com estômago ruim. Tenho também*

*o alecrim, que o alecrim é bom para muita coisa. A gente põe na carne para tempero. É bom para o coração, fazer o uso dele, né! Para fazer o chá do alecrim, tem que ser abafado, porque o alecrim não pode ferver. Se ferver, morre o pé. * Então, eu quase não tenho espaço no meu quintal. Por causa que eu tenho bastante planta, aí quando vêm meus parentes aqui, eu recebo eles aqui na varanda. Aí quando, às vezes, chega sentindo alguma coisa, eu já vou lá, já pego umas folhas lá* (apontou para o fundo do quintal), *já faço um chá, já dou para tomar. É muito bom ter essas plantas me casa. * Aí tenho a cebolinha, né! Uso de tempero na comida, um tempero bom, assim, para a comida. Também planto mandioca no meu quintal. E aí...* (silêncio) *a mandioca é muito boa, né! Todo mundo sabe que a mandioca dá ali um cozinho para a gente comer. Faço sopa, faço bolo de mandioca e assim vai indo. Também tenho moringa. A moringa é muito boa. Bom, já vi falar que ela trata até o câncer, né! Mas eu sempre tomo as folhas dela, que é bom para emagrecimento, né!* (risos) *O chá da moringa, diz que ela tem bastante propriedade, mas eu ainda não conheço muito bem. Falam que ela trata o câncer, que ela previne! Ela trata mesmo, quando a pessoa já tá com a doença. Aí faz o chá dela, faz o chá. * E também tenho o pé de graviola, que a graviola é muito boa para...* (silêncio). *Se, a pessoa tá com câncer, fazer o suco da graviola, da fruta, chá da folha e tomar, ajuda bastante na complementação do tratamento. E tenho também o pé de banana. Meu pé de banana é muito bom. As folhas secas, para quando a pessoa tá sentindo deprimida, assim, para depressão, fazer o banho dela e tomar o banho da folha seca da banana, é muito bom. Para fazer o banho é ferve a água e coloca... e coloca ela para ferver na água e faz o banho e toma, toma o banho, lava a cabeça. E aí tenho a babosa, que a babosa é muito boa também para queimadura. Se a pessoa queima, coloca a babosa em cima. É bom também para o cabelo, até minha filha sempre pega aqui. Aí eu tô sempre replantando meus pés de babosa, porque ela usa muito. Ela usa no cabelo, coloca no shampoo, bate e passa no cabelo. Nossa! Dá um brilho no cabelo e fortalece, é muito bom mesmo. Tenho também o pé de alfavaca, que é tudo bom para fazer chá. Manjericão, que é bom. O manjericão, eu faço o chá dele e também ponho as folhas secas em tempero de carne. Ele serve para auxiliar no alívio de gases, cólicas e má digestão. Eu uso porque ele é gostoso, só para tomar mesmo. Mas quando a gente está bem gripado, a gente mistura com outras folhas, de manga, com limão, para fazer o chá. É muito bom também para a gripe, aliviar tosse, ajuda a descongestionar as vias respiratórias. * A espada-de-são-jorge, eu costumo colocá-la no álcool, porque ela é muito bom para passar em dor. Quando a gente está com dor no corpo, na perna, no pé, passa aquele álcool que tem a espada-de-são-jorge dentro, e aí é muito bom, alivia as dores. * Mas eu tenho bastante flores também, e aí quase não tenho espaço nenhum. * Aí preparo de remédio caseiro do quintal.* (Olhou a ficha, pensou e respondeu em seguida) *Eu tenho bastante esses preparos, esses remédios caseiros, que eu falei já também. * A importância do quintal para a família. É muito importante você plantar no seu quintal essas coisas assim, de hortaliças, como tanto essas árvores frutíferas, porque na hora que você precisa, você tem. O capim-cidreira, também tenho o capim-cidreira. Ele é muito bom para calmante, que faz o chá, principalmente para criança, quando tem criança pequena em casa, ou até os vizinhos*

*vêm aqui pegar para fazer chazinho para criança. Eu tenho hortelã também, hortelã para chá. Além de chá, tem gente que põe na comida, eu não coloco, não, porque eu não tenho costume. Mas tem muita gente que tem costume de colocar na comida e coloca, para temperar. E também no suco, né! Eu tenho o hortelã grosso e tenho o pequeno. * Aí tem o pé de pimenta. A pimenta, todo mundo sabe que é ardida, né! Essa daí* (apontou com a cabeça), *para fazer tempero, ela chega a arder a comida. * A importância do quintal para a família. Porque uma hora que a gente está precisando mesmo, faz um chazinho, acalma, né!? Muito bom. Se a gente deixar perder esse conhecimento das plantas, tudo vai se acabando* (silêncio*). Ah! Não pode deixar acabar. Porque o povo mais antigamente usava só mais essas plantas, né! Hoje em dia, foi mudando, foi mudando... Então, o pessoal mais jovem quase não faz conta de chazinho. Não conhece, né! Não conhece. Muito medicamento industrializado, muita química. Aí vem muita química nos medicamentos industrializados. Agora, esses naturais, que é tudo natural, é bem melhor. Nossa! É maravilha. E aí, eu sempre planto. Nossa! Toda vida eu gostei de plantar. Meus vizinhos procuram aqui sempre. Ah, a senhora tem tal coisa? Tenho. * A camomila também é muito boa. Para quando a pessoa está assim, estressada, para fazer dormir é um calmante bom. Tem gente que toma para o estômago também, porque cada um gosta para uma coisa, né! Fala que foi bom, né! Aí eu tenho a camomila também e assim vai indo, porque esse meu quintal já não tem lugar mais de plantar nada*(risos). A*í minha filha fala assim: "Mãe, acaba com isso e deixa só a babosa, porque ela gosta muito, né!". Eu falo: "Não, não pode acabar com isso não, minha filha. Tem que deixar para continuar, né!". Eu tenho bastante coisinha mesmo, eu tenho o coentro. O coentro também é muito bom para a comida e, para a criança recém-nascida, faz o chazinho de coentro. Serve para a pneumonia, a raiz do coentro, serve para a pneumonia de criança. E a semente também para a cólica de umbigo. E as folhas, para colocar na comida, né, para fazer o tempero. Aí eu quero ver se eu arrumo mais ainda para plantar. Porque, tudo que é bom, a gente deve plantar, minha filha não vai implicar, não. Eu acho, né* (risos)! *Ela fala porque ela quer que fique tudo limpo, né! * Ela pergunta assim: "Quando eu vou passar o cimento no quintal?" Eu falo que não vou passar não, porque eu amo cuidar das minhas plantas, é terapêutico. Eu também fico com dó das pessoas que vêm procurar, né! Se está procurando, é porque está precisando, ninguém procura por nada. * Aqui* (apontou com o dedo), eu *tenho o jiló também. O jiló é bom para quem tem diabetes. Rala ele, põe na comida. É muito bom porque ele é amargo, né! Todo remédio amargo é bom para diabetes. E aí eu tenho vários. Eu tenho aí também a insulina. A insulina é boa para diabetes, para emagrecer. Eu tenho um pezão de insulina aqui no meu quintal. Aí eu cultivo ele bem. Nossa! Eu não deixo de regar ele porque eu tenho medo que ele morre, né! Porque ele é difícil. Ele é difícil da gente arrumar a muda dele. E aí eu tenho também, é, pode ser consumido no chá ou mastigar a folha, mas eu prefiro o chá. Coloco para gelar e tomo. Tenho bastante planta, tanto frutífera como hortaliça. E é muito bom a gente ter essas coisas em casa. Porque na hora de uma necessidade, a gente tem onde recorrer, né! Às vezes, meus parentes chegam aqui gripados. Eu corro lá, pego um remédio, faço um chá para eles,*

umas folhas. Ah, na hora que vai embora, diz que já vai bem aliviado. (Dona Insulina, 10 de junho de 2024).

Em visita ao quintal de dona Insulina, pude perceber a sua persistência em manter o cultivo de uma variedade de frutos, temperos, e hortaliças, visando ao uso medicinal e ao autoconsumo. Também chamou minha atenção a satisfação com que ela falava sobre o alívio que proporciona às pessoas com problemas de saúde por meio de seus conhecimentos. Sua preocupação com a continuidade dessas práticas ficou evidente ao lançar mão do discurso direto relacionado ao diálogo com sua filha: “Não, não pode acabar com isso não, minha filha. Tem que deixar para continuar, né!”. A relação homem-natureza se revela de forma intensa em sua vivência, especialmente por meio da cultura e do saber sobre receitas e remédios da “medicina tradicional” e do uso das plantas.

Seu amplo conhecimento sobre o uso das espécies e a valorização dos “saberes locais”, influenciando nas questões culturais, éticas e sociais, têm contribuído para a manutenção da biodiversidade local, além da preservação de práticas tradicionais passadas por gerações.

Para Pinheiro (2008), o quintal agroecológico, enquanto tecnologia social, é a junção do manejo produtivo do arredor da casa, refletindo hábitos e costumes, integrado ao uso sustentável dos recursos disponíveis ou captados por meio de tecnologias, como poços, cisternas e barragens subterrâneas, articulando-se aos saberes e à tradição cultural das famílias.

Os quintais agroflorestais têm um papel crucial, pois são lugares de grande biodiversidade, que mantêm múltiplas espécies passíveis de prover boa parte das necessidades nutricionais e alimentares da família, bem como outros produtos, a exemplo das plantas medicinais e animais domésticos de pequeno porte (Amorozo, 2002). A produtividade nos quintais agroflorestais, manejados de maneira adequada, pode beneficiar a população, a partir de uma agricultura limpa, com uma produção orgânica e sustentável. Nesses espaços, são desenvolvidas atividades para o autoconsumo, em especial hortas, plantas medicinais, usadas para o cuidado com a saúde das comunidades, e existem, no geral, poucas alternativas voltadas para a comercialização dos alimentos ou ervas excedentes (Naiara *et al.*, 2015).

Em estudo, Guarin-Neto e Amaral (2010) observaram que, em quintais, há diversificação em relação às formas de uso das espécies, destacando-se aquelas com

finalidades medicinais (35%), alimentares (33%) e ornamentais (27%). Também estudando quintais, Santos et al. (2019) indicaram que, entre as espécies (48) levantadas, 36 eram para fins de alimentação. Na mesma perspectiva, Moura e Andrade (2007) observaram, em quintais no Nordeste, que, entre as espécies levantadas, foram classificadas as categorias alimentícias (52), ornamentais (128), medicinais (53), e de valor comercial (2). Conforme Spiller *et al.* (2016), os quintais são considerados importantes pelos moradores locais, seja para obtenção de alimento, remédio, tempero ou mesmo conforto térmico. Observamos, então, que a potencialidade das plantas frutíferas vai além de sua função alimentar, estendendo-se também ao uso medicinal, o que é de suma importância. Essa multifuncionalidade colabora com a renda da família, uma vez que permite o preparo de remédios caseiros a partir de plantas cultivadas na própria residência (Silva *et al.*, 2020). Segundo Santos et al. (2023), por exemplo, *M. chamomilla* possui utilidade no tratamento da dor de estômago, síndrome do intestino irritável e insônia. Além de suas propriedades bactericidas e relaxantes, é validada, na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), como antiespasmódica, ansiolítica e com efeito sedativo leve (ANVISA, 2021). Assim sendo, a indicação como calmante pela entrevistada corresponde com a encontrada na literatura científica.

3.4 Quarta Depoente

No dia 10 de junho de 2024, uma segunda-feira, visitei o quintal da dona Jabuticaba. O espaço é amplo, com a maior parte do terreno revestida por calçamento. A área dedicada ao cultivo de hortaliças e plantas localiza-se na parte da frente da casa, onde se observa uma variedade considerável de espécies. A moradora costuma receber visitas e reunir a família na edícula situada nos fundos do quintal, que é equipada com um espaço *gourmet*, ideal para encontros e confraternizações. Espalhadas pelo quintal, há inúmeras plantas, principalmente flores em vasos, penduradas tanto no muro quanto na varanda, conferindo cor e vivacidade ao ambiente.

*DEPOIMENTO DONA JABUTICABA: O quintal, a gente usa muito, né, com a família, né, quando a família pode reunir, né! Então, a casa se torna pequena e o quintal é muito importante, né! Que dá a sombra pra gente sentar embaixo da sombra, conversar, como dizem. A família faz a roda, né! E conversa. * Agora falar sobre remédio, né! Eu tenho vários remédios. Tenho a terramicina. A terramicina caseira é*

*antibiótica também, né!? As pessoas usam pra... (silêncio) Até tomam, né!? Outras cozinham, pra lavar uma perna, uma ferida que tem inflamada, né! E é muito bom, né! As pessoas gostam muito de ter a terramicina no quintal, porque ela é muito procurada, né! É uma folha roxa que tem lá na frente (apontou com o dedo). Eu tenho a moringa também. A moringa é pra tomar o chá. Ela é muito boa também. Pelo menos meu filho, ele fala que depois que ele passou a tomar a moringa, ele melhorou da coluna. Só que eu mesmo, assim, não... eu sou uma pessoa assim que... tenho o hábito de estar tomando, falta de hábito mesmo, de... força de vontade, de pegar aquela prática de todo dia fazer o chá dele pra tomar. O meu filho, ele seca as folhas aí depois ele bata no liquidificador, ou soca num pilãozinho, lá, que eles têm (mostrou o tamanho com a mão), e coa. E todo dia ele toma aquele pózinho. Eu até tenho ele em pó aí também. Ele fala que ele nunca mais pegou uma gripe, e ele nunca mais teve problema de coluna também, né! E diz que ele é muito bom com os cabelos também. Ele é um suprimento muito bom, tanto pra homem quanto pra mulher, né! O meu cunhado lá em Sorriso, ele tem muito, ele até vende a moringa. É muito procurado. Ele já vende feito o pózinho, já. As pessoas lá procuram muito, né! Ele, por causa das pessoas, usa, e gostam, né! Vê que faz efeito, né! Você pode pesquisar até na internet, no Youtube. Até na internet, ele é falado, né! Eu tenho até lido dele também na internet, falando pra quem mais que é. E aí eu tenho o pé dele ali também. E tenho, além da moringa, aí, eu tenho o boldo também, né! O boldo é para o estômago. Coloca ele na água e deixa curti. Vai soltar aquela cor verde. Aí, você toma, né! É bem amargo, ótimo para o estômago. * Tenho também o ora-pro-nóbis. O ora-pro-nóbis, ele pode ser usado feito o chá, mas eu uso ele mais a folha crua, pra anemia. Toda a vida eu tive anemia, desde muito tempo eu faço o exame de anemia. Sempre que eu tive anemia, aí depois que eu comecei a fazer o uso dele, nesse ano que passou, eu comecei a fazer o uso dele por uns tempos. Aí eu fui e fiz uns exames e a anemia deu zero, nunca tinha dado zero, e foi depois do consumo do ora-pro-nóbis. Muito bom! Eu aconselho as pessoas a ter em casa e fazer o uso. Fala que é bom pros cabelos também, né! Fortalece os cabelos, né! Até recomendei pra minha sobrinha que tá grávida, e ela tá com anemia muito profunda, pra ela usar. Aí eu pesquisei na internet também se mulher grávida pode usar. A internet respondeu que sim, né! Que é necessário usar porque é rico em ácido fólico e vitamina B9, se não me engano. Aí agora, como eu tive esse Chikungunya, que judiou muito comigo, agora eu voltei a usar de novo. Aí eu corto ele assim, (mostrou com a mão o jeito que corta) miudinho, coloco no prato, no, com feijão, né! No feijão, e como ele assim no feijão. Ou, se não, se eu bato um suco, aí eu coloco as folhas, coloco as quatro folhinhas dele lá no suco e bato e tomo, mistura junto. Aí eu prefiro usar ele cru do que cozido, né! Do que o chá, mas fala que pode fazer chá também. * Tem a losna também, né! A losna também é que é pra estômago também, né! Amassa, amassa, que nem o boldo. Amassa ele e coloca na água. Aí ele vai soltar, solta o verde dele, né! Isso aí já é muito bom a gente ter também esse remédio amargo em casa, porque, às vezes, a gente sente uma cólica intestinal e aí não precisa remédio de farmácia para a gente correr, muita vez sair da noite, porque você passa mal, né! Aí toma essa losna. Aí você toma, aí, muito bom, para essas cólicas intestinais. Muito bom a gente ter*

*plantado em casa. * E tem a melissa também, que é calmante, né! A melissa também é calmante. Aí faz o chá da melissa. Ele é bom pra dar sono, né!? Quem tem problema de ansiedade e insônia, né, faz o chá da melissa. Pode ferver junto com a água uns 10 minutinhos. * Além disso, tem a babosa também. Eu tenho a babosa. Os benefícios da babosa, ela diz que é muito bom, assim, para queimadura, por exemplo, para pessoas que queimam, né! Também é muito bom para a gente usar ela quando uma pessoa queima. Você passa a ela, aquela baba delas, que não deixa dar bolha, na queimadura, né! E eu gosto de ter. Eu mesmo, assim, nem quase uso, mas outros usam para passar no cabelo, né, também. E eu não uso, só tenho. Mas eu sei que é bom. Mas eu gosto de ter. E ele também tem outros procedimentos também que a gente pode fazer, só bater, tirar aquela casca verde dela e deixar só aquela... (tentando lembrar) a baba dela. Se você bater ela no liquidificador e arrumar na geladeira, acho que é com mel que tem que colocar. A minha irmã sabe fazer direitinho ela. Ela é muito anti-inflamatória também. Aí você toma ela, você bate ela com o mel, e me parece que coloca uma colher de cachaça, para conservar. Não pode ser muito, mas eu acredito que nem precisa da cachaça. Aí você coloca na geladeira e todos os dias você toma. Ele é muito bom para quem tem inchaço. Então são essas plantas que tenho aqui e ali. Tenho o ginseng também. Falam que ele serve para articulação também, né! A raiz dele, né! Falam que é a raiz. Aí, se a gente pesquisar na internet, também ele mostra a raiz. Agora, não sei se é feito o chá ou é a garrafada, mas eu tenho aí porque eu gosto de ter essas coisas no meu quintal. Uma hora alguém precisa e eu tenho aqui. Esses ensinamento a gente aprende que as pessoas mais velhas, né!? E a gente vai ensinando para os mais novos. Minha mãe me ensinava também algumas plantas que servia para remédio. A gente via preparando, né! E já ia aprendendo também.* Aí eu tenho aqui também esse pé de pitanga. Agora, não sei se o chá da folha dele é que é bom para a pressão ou seu é o chá da folha de acerola, mas eu acho que que ele é bom para a pressão sim. E sei que o chá dessa folha é bom para controlar o açúcar no sangue. E isso eu gosto de plantar tudo o que falam que é bom. É importante essa troca de conhecimento para não deixar acabar o ensinamento. Gosto de cuidar das plantinhas também. (Dona Jabuticaba, 10 de junho de 2024).*

Dona Jabuticaba tem o saber de muitas ervas e seus usos. Seu quintal está repleto de frutíferas, hortaliças, temperos que são usados tanto para o autoconsumo quanto para tratar “as dores do corpo”. Durante minha pesquisa, notei que havia alguns frascos de álcool com ervas sobre a mesa. Ao perguntar a ela sobre a finalidade de cada frasco, dona Jabuticaba explicou que continham ervas destinadas a aliviar dores, como dores de cabeça, dores musculares, inchaço nas pernas e coceira no corpo. Fiquei refletindo sobre a origem de tanto conhecimento, que, sem dúvida, é legado da ancestralidade. Ela mesma contou que aprendeu essas práticas com os mais velhos, como sua mãe.

Trabalhos consultados (Mendieta et al., 2014; Mauli *et al.*, 2007; Nascimento et al., 2012) apontam que os conhecimentos sobre práticas medicinais populares, que envolvem plantas, são transmitidos entre familiares ao longo das gerações, tendo a oralidade como principal meio de difusão.

> Conhece o homem muito bem as propriedades das plantas ao seu redor – para remédios, para construções, para canoas, para jangadas – bem como os fenômenos naturais presos à terra e ao mar que norteia no sistema de vida [...], dividindo suas atividades entre a pesca e a agricultura de pequeno vulto, com poucos excedentes para a troca ou para a venda [...] (Mussolini, 1950, p. 25).

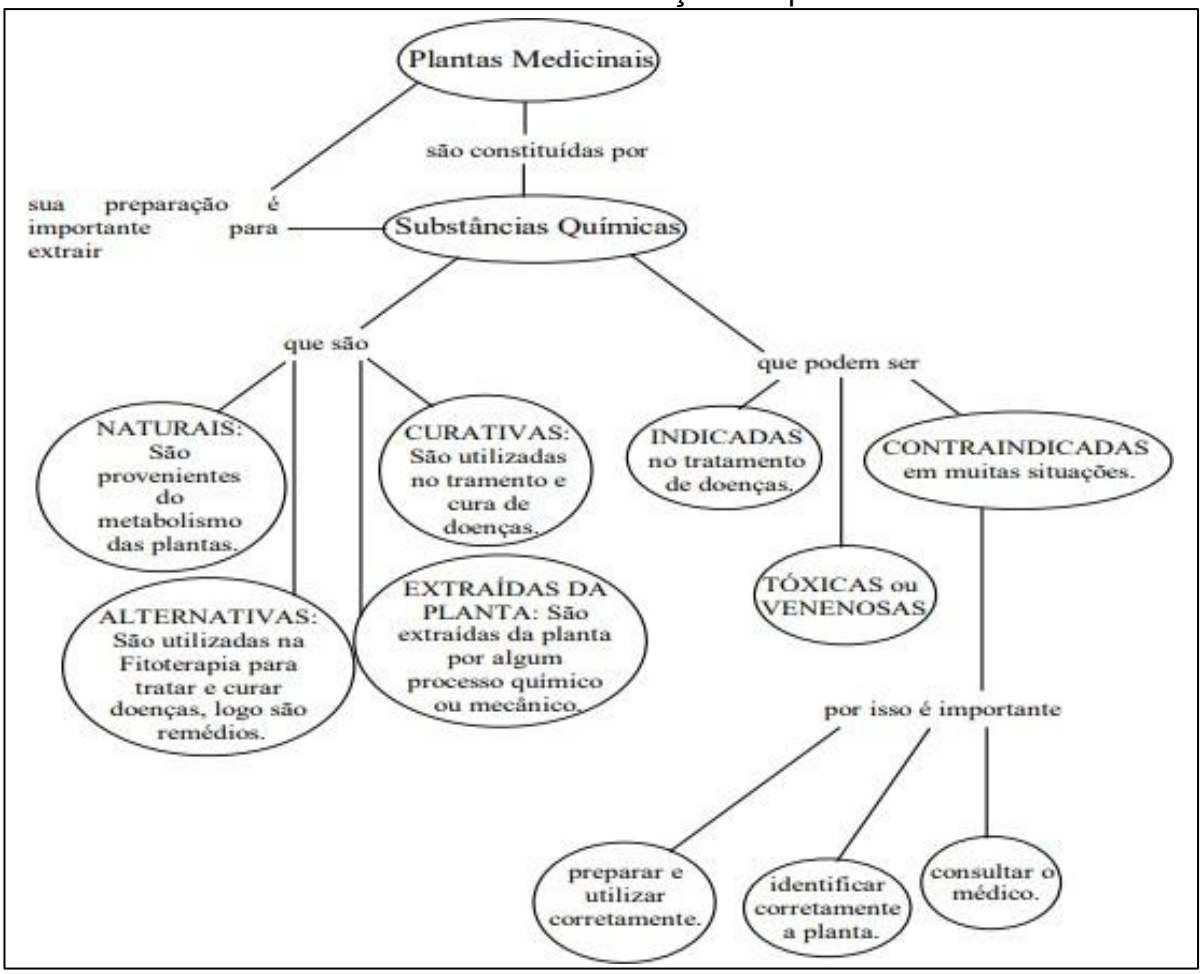
A difusão do saber, a valorização desse conhecimento, especialmente em ciências naturais, não é reconhecida como de tradição científica. Esse saber empírico popular, que reflete vivências, de conhecimento científico ou não, com relação à natureza e seus elementos, se associam em geral a fenômenos ligados com suas práticas cotidianas, de um fazer coerente com um conjunto de conhecimentos estabelecidos em determinados contextos sociais. Assim, muitas “dificuldades têm se apresentado no estudo de formas diversas de saberes e técnicas presentes entre a diversidade sócio-cultural mundial” (Campos, 1995, p. 5).

Em muitas localidades, as plantas são os únicos remédios que as populações têm para tratar suas doenças, principalmente aquelas em que o tratamento oferecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS) é deficiente ou de difícil acesso (Ricardo, 2009). Populações tradicionais (Scudeller *et al.*, 2009), tais como as indígenas (Rocha; Marisco, 2016), quilombolas (Vinholi Júnior, 2016), os caboclos (Flor; Barbosa, 2015), ribeirinhos (Modro et al., 2015), caiçaras (Giraldi; Hanazaki, 2010) e os “mateiros” (moradores de regiões florestais), são conhecedoras da flora e fauna local e de seus usos, recorrendo às ervas e plantas medicinais para o tratamento e cura de enfermidades. Segundo Ricardo (2009, p. 13), “esses conhecimentos, que formam um saber popular tradicional, são transmitidos através das gerações, principalmente entre os membros das famílias e, hodiernamente, mediante a troca de informações pelas redes sociais”, constituindo um importante fator cultural e social.

Nesse contexto, vale destacar o estudo de Albano *et al.* (2023), que objetivou despertar o interesse dos estudantes pela química, por meio da interação entre os conhecimentos popular, científico e escolar sobre plantas medicinais (encontradas em quintais e feiras) no ensino de ciências naturais. Foram desenvolvidas aulas de teoria

e prática experimental sobre plantas medicinais e o estudo das substâncias fenólicas[5], proporcionando uma oportunidade de sensibilização dos estudantes sobre a presença de substâncias químicas em plantas medicinais, e o aprendizado de conceitos de química, por meio das reações e transformações químicas, de conceitos de Biologia, por meio do estudo das plantas e suas propriedades, e de Física, mediante o estudo da luz, da energia e da cor. As plantas também foram sinalizadas como produtos de metabolismos químicos, indicadas em algumas situações, mas contraindicadas em outras. Além disso, apresentam-se algumas plantas tóxicas e venenosas, desmitificando determinadas falsas premissas (Figura 2).

Figura 2. Mapa dos conceitos e concepções reformulados de plantas medicinais e suas substâncias como ação terapêutica



Fonte: Adaptado de Albano *et al.*, 2023.

[5] Substâncias fenólicas são “compostos químicos com anéis aromáticos e hidroxilas, que podem ser simples ou polímeros. Eles podem ser naturais ou sintéticos, e são encontrados em plantas, chás, frutas, cebola, alho e especiarias” (Simões et al., 2007, p. 615). A identificação de fenóis, princípios ativos de plantas medicinais, nos alimentos, contribui para o aroma, sabor, cor e adstringência.

É relevante destacar que o tratamento que utiliza plantas medicinais e fitoterápicos está previsto na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) do SUS e na Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), o que fez a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) dividir os fitoterápicos em duas categorias: a dos Medicamentos Fitoterápicos (MF) e a dos Produtos Tradicionais Fitoterápicos (PTF) (Santos; Quinteiro, 2018).

3.5 Quinta Depoente

No dia 11 de junho de 2024, uma terça-feira, visitei o quintal da dona Licor, que é bastante espaçoso, com uma vasta área de terra, onde se encontram diversas espécies vegetais de variados portes. As plantas estão espalhadas por todo o quintal e também adornam a varanda. A moradora costuma receber visitas com frequência e reunir os filhos na varanda da casa, que é suficientemente espaçosa para acomodar bastantes pessoas. A varanda abriga uma rica diversidade de plantas, criando um ambiente acolhedor e verdejante.

DEPOIMENTO DONA LICOR: *Eu tenho aí no meu quintal um pé de jabuticaba, pé de pinha, hortelã, que serve pra fazer chá pra gripe. Onde tá machucado, a gente maceta ele, põe em cima, é um remédio. Tenho capim-cidreira, que é muito calmante e serve pra fazer muitas coisas. Com o capim-cidreira, dá pra fazer chá, deixar de molho no álcool e passar na perna ou no braço quando está com dor. Aquilo lá tudo é remédio.* A folha da pinha é bom para fazer chá para quem é diabético, é muito bom, ajuda a controlar a diabetes, mas tem gente que não sabe disso. Os médicos falam para controlar o açúcar, mas não passa um chá desse para tomar. Ele é muito bom e as pessoas não sabem. Pega umas 10 folhas de pinha para 500ml de água, ferve tudo, espera esfriar e pode tomar. É bom tomar em jejum assim que acorda ou na hora que for dormir. *O hortelã, a gente pode macetar, colocar um pouquinho de sal e pôr em cima da dor, pode ser dor de quebrado também, enrola e deixa. Dizem que é bom, mas eu nunca fiz, acho que em 30 minutos por aí já é suficiente. *Tenho também melão-de-são-caetano, que é bom pra várias coisas, já tomei macetado com a água, para o estômago. É bem amargo, muito ruim o gosto, mas é bom. E também dá pra fazer banho com ele quando está com o corpo ruim, quando pega dengue, ele ajuda a levantar. O cheiro não é bom, mas o banho morno é. Ele, é, ajuda na digestão também, é bom para emagrecer, acelera o metabolismo. Mas mulheres grávidas não é bom tomar, não, porque é tão ruim que dá até vômito. Aí não é bom tomar, depois fica passando mal. E, se tiver amamentando também não é bom tomar não, porque dá diarreia na criança. *Esse pé de cajá-manga, a gente usa essa fruta só pra fazer suco. Tiramos a casquinha e a polpa, e o suco que fazemos é rico em vitamina C. A fruta é bem azedinha, mas o suco fica muito bom, é bem saboroso. Ajuda o sistema

*imunológico e previne pegar gripe e resfriados, por conta da vitamina que tem na fruta. E também o chá da folha do cajá-manga é bom para a pele, ajuda a não envelhecer, deixa a pele viçosa, ajuda a reduzir o colesterol e também esse chá é diurético, mas tem muita gente que não sabe disso. * No meu quintal, tem mais folha mesmo, não uso muita raiz não. Tenho babosa, que uso pro cabelo, pra alguma machucadura e pra queimadura. Passa aquela baba dela, que é muito boa para queimaduras e machucados, ajuda na cicatrização da pele. * O anador eu faço chá quando estou com dor de cabeça e tomo. É um santo remédio! Faço o chá da folha, ferve água, põe ele e tampa, depois toma. Ele é analgésico, uso também para fazer compressas: esmaga as folhas e coloca como compressa em cima da dor, na, onde está doendo, ajuda a melhorar a dor. * Tenho manjericão, que muita gente usa como tempero, eu mesma ponho no frango, fica mais saboroso, mas também tem gente que faz chá e toma toda manhã. Dizem que é bom pra imunidade, para resfriado, porque ele tem vitamina c também. Para preparar o chá, é só ferver algumas folhas em água quente por 5 a 10 minutos e coar antes de beber, serve para dor de cabeça e dores muscular também.* O alecrim, eu uso pra fazer chá, pra dormir de noite, é muito calmante. Também coloco no álcool pra curtir, depois tomo umas gotinhas no café, ajuda a limpar as veias do coração. O chá para dormir eu uso uma colher de chá de folhas de alecrim e uma xícara de água quente, deixe em infusão por cerca de 5 a 10 minutos, depois coo e tomo 30 minutos antes de dormir. Relaxa o corpo, rapidinho durmo. *Tem o mão santa, que coloco no álcool e uso pra passar onde está doendo. É bom pra dor no joelho. Coloco as folhas no álcool e deixo curtir, depois vou passando. É um santo remédio! A espada-de-são-jorge é boa pra machucaduras e dor nas articulações. Também deixo curtindo no álcool. * A arruda, a gente deixava de molho no sereno e lavava os olhos quando estavam com remela, quando eu era criança. Dizem que é bom pra conjuntivite também. * Hortaliça, no meu quintal, eu tenho couve, cebolinha, alface, almeirão, e tudo isso é bom ter porque na hora de fazer uma saladinha, ou temperar a comida, já tem ali, é só ir lá colher e comer (risos) *Uso o orégano como tempero, e tenho pimentão, limão taiti, limão galego, limão rosa, é tipo um pequeno pomar. O limão a gente usa pra temperar a verdura, fazer suco. E também é bom pra aumentar a imunidade, o suco do limão. Já o chá da folha do limão é ótimo para garganta inflamada. Tomar ele morno melhora muito a garganta, mas hoje em dia a gente até esquece de fazer o chá, quando está com a garganta infeccionada corre na farmácia, sendo que tem um bom remédio desse em casa e é natural, a gente não usa com frequência e acaba caindo o esquecimento. Mas é muito importante passar esses conhecimento para a frente, não pode deixar acabar não. Antes usávamos só esses medicamentos caseiro, depois acostumamos com esses remédios de farmácia e não usamos mais como tanta frequência como antes. Eu ainda uso bastante coisa natural, esses medicamentos são livre de químicas, né!? As vezes, tomamos um remédio que é bom para uma coisa e acaba prejudicando outra. Esses natural, se não fizer bem, mal também não faz. * No momento em que recebo minha família, meus netos e filhos, sempre ficamos na cozinha ali no fundo* (apontou com a cabeça), *ali já almoçando e fazemos o lanche da tarde. Eles vêm mais no fim de semana mesmo. O quintal é mais*

para as plantas mesmo, gosto muito de plantas, minhas verduras, remédio para chá. (Dona Licor, 11 de junho de 2024).

Esse quintal produz muitas hortaliças, frutíferas e leguminosas (tubérculo) para fins de alimentação, temperos, fins medicinais, místicos, ornamentais, entre outros usos que refletem o modo de vida e as tradições locais. Dona Insulina preserva os saberes tradicionais, contribuindo para o conhecimento da biodiversidade. Além disso, expressa preocupação com a preservação do conhecimento tradicional sobre as plantas: *"Se a gente deixar perder esse conhecimento das plantas? Ah, não pode deixar acabar, porque o povo mais antigamente usava só mais essas plantas. Hoje em dia foi mudando, foi mudando"*. Ela compartilha receitas terapêuticas e formas de preparo das plantas: *"A espada-de-são-jorge, eu costumo colocá-la no álcool, porque ela é muito bom para passar em dor. Quando a gente está com dor no corpo, na perna, no pé, passa aquele álcool que tem a espada-de-são-jorge dentro, e aí é muito bom, alivia as dores.",* entre outras. Importante reiterar que esse quintal é local de encontro da família e de visitas.

Muitas dessas plantas possuem comprovação científica quanto às suas atividades farmacológicas. Um exemplo é o boldo, que apresenta ações anti-hipertensiva, inibitória da agregação plaquetária, espasmolítica, cardiotônica, atribuídas ao composto forskolina. A hortelã tem como principal componente o óleo essencial, rico em mentol, mentona e acetato de mentila, pulegona. Há um bom nível de evidências clínicas da ação de cápsulas entéricas de óleo de menta que aliviam os sintomas da síndrome do intestino irritável (Sales Jardim, 2016).

O estudo de Carmo *et al.* (2015) reconhece os sistemas de cura populares e aponta que a predominância de determinadas plantas pode estar relacionada à facilidade de cultivo, além da presença de metabólitos secundários de alta atividade biológica. Os autores também observam que, na comunidade estudada, o uso das ervas foi relativamente proporcional ao de outras variedades de espécies cultivadas, como árvores e arbustos. Isso se dá ao fato de os moradores disporem de um ambiente propício para produção e a coleta de materiais vegetais.

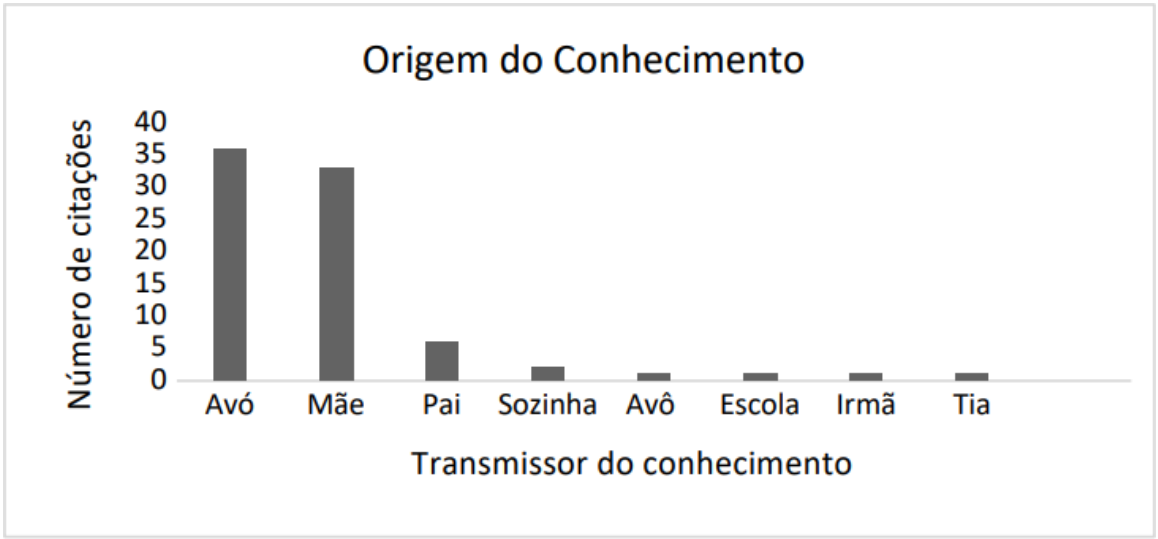
A transmissão de informações sobre as espécies cultivadas e utilizadas como medicinais é considerada cultural, possibilitando grande variedade de fontes de referências, incluindo o ambiente escolar (Antonelli *et al.*, 2024). De acordo com Mendieta et al. (2014), a prática antiga do uso de plantas medicinais no cuidado

humano está intimamente ligada aos primórdios da medicina e baseia-se na transmissão de informações ao longo das gerações. Pelo fato de a transmissão ser cultural, é possível que um indivíduo obtenha conhecimento ao longo de sua existência por meio de uma variedade de fontes, incluindo seus pais (transgeracional), primos, tios, especialistas e até mesmo a partir de meios de comunicação, como televisão e rádio (Soldati, 2014).

> A escola também, como fonte de conhecimento cultural, pode transmitir informações que auxiliarão no bem-estar e na qualidade de vida de seus alunos. Os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) oferecem uma estrutura curricular que permite as escolas abordarem temas relevantes e atuais, como saúde e meio ambiente (BRASIL, 2019). Nesse contexto, a temática plantas medicinais está integrada em ambos os aspectos (Antonelli *et al.*, 2024, p. 3).

Em estudo recente, Antonelli *et al.* (2024) pesquisaram a origem do conhecimento sobre plantas medicinais, sendo que a maioria dos entrevistados citou que aprendeu sobre a utilização, forma de preparo e indicação com a avó (36) e mãe (33), e, inclusive, um pequeno número aprendeu na escola (% não informado), conforme demonstrado no gráfico (Figura 3).

Figura 3. Origem do conhecimento sobre utilização de plantas medicinais



Fonte: Adaptado de Antonelli *et al*., 2024, p. 12.

Embora o conhecimento dos estudantes tenha origem transgeracional, sendo transmitido de geração em geração, por meio de práticas, histórias e tradições (Antonelli *et al.*, 2024), observa-se que a escola também desempenha um papel

relevante na difusão desses saberes, especialmente no que diz respeito ao uso de plantas medicinais, suas formas de preparo e indicação. Dessa forma, a instituição escolar evidencia alinhamento aos preceitos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao promover e valorizar esse conhecimento entre os estudantes.

3.6 Sexta Depoente

No dia 12 de junho de 2024, quarta-feira, visitei o quintal da dona Senna. O espaço é extenso, com a maior parte composta por terra e apenas uma pequena área pavimentada com calçada em cimento. Há plantas de diversas espécies distribuídas pelo quintal. Na frente da casa, destaca-se uma grande variedade de flores, enquanto, nas laterais e no fundo do quintal, encontram-se tanto flores quanto árvores de grande porte, incluindo uma mangueira e um limoeiro, além de plantas medicinais. A moradora, que é idosa, fala com um tom de voz muito calmo e baixo. A família não utiliza o quintal como espaço de convivência, preferindo se reunir na varanda da casa.

DEPOIMENTO DONA SENNA: *Então, o caminho do brejo serve para os rins, fazer o chá da folha do caminho do brejo, ou da raiz, tanto uma quanto a outra, faz chá, ferve a água e depois coloca junto. É um remédio bom para dores nos rins. * Tenho também o ora-pro-nóbis. É bom para dor no estômago e também para desentupir as veias, também para pressão. Minha pressão estava alta, né! Ele abaixou minha pressão, controlou bastante. Bato as folhas no suco, ele tem várias vitaminas. * Aquele boldinho ali* (apontou com o dedo), *aquele boldo da folha miudinha, serve para diabetes. Diz que cura a diabetes. Não só para dor no estômago que ele serve. Amassa a folha, deixa curtir na água e vai tomando. Conheço um homem que curou a diabetes com boldo, boldo chinês, que fala. Tenho essa moitona aí* (apontou com a cabeça). *É bom ter esses medicamentos naturais, né! O homem tinha diabetes e pegou infecção na perna, depois ele começou a tomar esse chá do boldo no lugar da água e curou a diabetes. Foi ao médico, fez exame, e o médico falou que ele não tinha mais diabetes, ele falou que foi curado com esse boldinho. Se tivesse cuidado antes, não teria perdido a perna. Pegou a infecção e como tinha diabetes não curou, teve que amputar, só depois que ele começou a fazer o uso do boldinho. * Ali tem babosa também, serve para o cabelo e para tomar também. Bate no liquidificador, tira a casca, e bate com um pouquinho de água, aquela babinha com mel é bom para o cabelo e estômago. Arruda ali* (apontou com o dedo) *é boa para dor no olho, quando fica vermelho com conjuntivite. Soca as folhas e extrai o sumo e pinga no olho. Serve como colírio também, coloco direto no olho dos meus cachorros quando estão inflamados. Acho que fica sujo de terra, né! Aí eu coloco as folhas na água e aperto com uma gaze, e limpo o olho dele e melhora. * Tem o alecrim também. Ele serve para fazer chazinho. Falam que é muito bom para o estômago. Ele melhora a digestão, alivia a azia. Quem*

*tem gases presos, também ele ajuda, fazer o chá sem açúcar. Pode usar para lavar os cabelos também, ele ajuda a fortalecer os fios e acabar com a caspa. Ele é um bom remédio, eu gosto de ter em casa. * Hortaliças, eu tinha cebolinha, mas acabou. Sempre tem que ficar replantando ela, e agora a minha acabou, mas é bom ter em casa. Tenho que plantar novamente. Esse pé aqui é de romã. Serve para tantas coisas, e as pessoas não sabem. Serve para dor de barriga, põe a casca de molho na água e faz o chá. Ela também ajuda a controlar a pressão alta. O suco da fruta aumenta o ácido fólico. Ele bom para melhorar o viço da pele e do cabelo também, mas tem que beber assim que faz, não pode deixar na geladeira não, porque perde as vitaminas. Tem muitas vitaminas a romã. * Tenho o pé de coco. A água do coco é boa para hidratar, né! Quando a pessoa está com diarreia, tomar bastante água ajuda a repor a flora intestinal e também para quem faz atividade física, ela ajuda a repor os minerais perdidos pelo suor. E também ela serve como um diurético, ajuda a eliminar o excesso de líquido do corpo. * As folhas da mangueira também servem para fazer chá quando a pessoa está com tosse, pode fazer da casca e a folha. Faz o chá, espera esfriar um pouco e toma. Pode colocar 3 a 4 folhas na água e ferver. Também é bom para aumentar a imunidade, evita a inflamação no organismo. Quando está na época da fruta, eu gosto de fazer o suco. É muito bom, tanto da fruta verde como da fruta madura, o suco verde é muito bom, bom mesmo, fica uma delícia. * Tenho o pé de limão também. O limão é ótimo para a imunidade e baixar colesterol. Espremer o suco da fruta e tomar todo dia, fazer o uso contínuo ajuda muito, tomar todos os dias pela manhã, assim que acorda, ele é muito bom, tem muita vitamina C no limão, e ajuda a diminuir o apetite também. Eu costumo usar também para temperar carne, uso no lugar do vinagre. * O açafrão é um antibiótico natural, né! Muito bom para a imunidade, tomar de manhã com um limão espremido é muito bom, não pega gripe fácil. * Eu acho muito bom ter essas plantas no meu quintal, é um bom remédio para usar diariamente, livre de químicas. Eu prefiro comprar beterraba do que ir na farmácia comprar remédio. Todo dia de manhã eu bato no liquidificador a metade de uma beterraba e bebo sem coar. Tomo para baixar o colesterol. Bato bem bandidinho e tomo ele grosso, todas as vitaminas está ali, por isso não coo. Quando a minha filha trabalhava no posto, tinha um homem que estava com diabetes alta, estava com a feridade feia, aí ela todo dia fervia a folha da goiaba com terramicina e levava e dava banho na perna dele, e fazia o curativo. E curou a perna dele, a ferida fechou, a terramicina é anti-inflamatórias e cicatrizantes, serve para muita coisa. Cada pessoa que conhece a terramicina sabe de um remédio diferente que ela é boa. Também eu me lembro da folha da bananeira. A folha seca da bananeira é remédio. Uma mulher falou que o netinho dela tinha umas feridas no corpo, assim, todinho, gastou muito com pomadas e remédios que os médicos passavam e não sarava de jeito nenhum. Aí ela pegou a folha da bananeira seca e deu banho nele, e quando foi no outro dia, amanheceu seco. Secou tudo, acabou com a coceira. Aquela ferida ficava melando, sabe, no corpo todo. Aí que o médico falou que tinha sorte que não saiu dentro da boca. Gastou tanto e não resolveu, o que resolveu foi a folha da bananeira. O Paulinho, meu, pegou um cobreiro quando ele era bebê. Naquela época, usava muito mais remédios caseiro. Então eu fervia as pétalas, as rosas brancas, e banhava ele*

*com aquela água todo dia na hora do banho, aí depois passava a pomada que o médico, o receitô. E secou rapidinho! E aquele cobreiro, a gente cuidava muito, porque ele vai andando no corpo inteiro e não pode deixar fechar o corpo. Mas o banho tem que ser o da rosa branca. Tenho no meu quintal até hoje rosas brancas. * Ali tenho dipirona, você conhece? Olha que linda as folhas dela são. Faz o chá e colocar água fervente sobre a planta e abafar por 5 minutos, coa e bebe. É bom tomar na hora, ainda quente. Ela é analgésica, alivia dores de cabeça e também dores no estômago. O chá também é bom para aliviar cólicas menstruais. Esse daqui é o anador, ele é cheiroso, eu uso ele no chá, mas tem gente que bate ele e faz suco, usa o sumo. O chá é bom tomar quando está com gripes e resfriados. Quem tem bronquite é bom também. O chá também é bom para náuseas e sintomas da azia, queimação no estômago. Ele é um analgésico.* (Dona Senna, 12 de junho de 2024).

Nesse quintal, 0há muitas plantas, de diversas espécies, produzindo saúde e alimentação. Como diz a proprietária, *"É bom ter esses medicamentos naturais, né? (...) muito bom ter essas plantas no (...) quintal, é um bom remédio para usar diariamente, livre de químicas".* Assim como as demais participantes deste estudo, dona Senna também demonstra o conhecimento de uso de cada planta, seu preparo e consumo.

O cultivo diversificado de múltiplas espécies nessas áreas de quintais tem se mostrado uma estratégia para a subsistência, para o autoconsumo e o preparo para fins medicinais. Os hortos caseiros mistos, ou quintais agroflorestais (QAF), destacam–se como uma das opções viáveis para o aumento da renda e melhoria da segurança alimentar das famílias nas paisagens rurais e urbanas, ao redor das residências (Bajpai *et al.*, 2013; Garcia *et al.*, 2015).

Diversos autores usam como sinônimos os termos *homegardens* (jardins caseiros ou de quintais, em transcrição própria), pomares agroflorestais, hortos caseiros e quintais agroflorestais (Eichemberg; Amorozo, 2013; Araújo *et al.*, 2014; Pasa; Ávila, 2010). De forma geral, os diversos estudos pesquisados em torno do tema retratam esses sistemas como combinações multiestratificadas de árvores e culturas anuais, com forte ligação com o domicílio. Apesar de geralmente se constituírem em áreas pequenas, eles fornecem alimentos básicos, plantas medicinais e suprem as necessidades nutricionais das famílias que os cultivam (Chablé-Pascual et al., 2015).

Diversos estudos apontam que, em quintais, a parte das plantas mais utilizadas para fins medicinais pelos mantenedores é a folha (Jacomassi; Piedade, 1994; Mosca;

Loiola, 2009; Freitas *et al.*, 2012; Bandeira, 2014; Brito *et al.*, 2017). Outros estudos apontam também o uso da casca (Rego *et al.*, 2016; David; Pasa, 2015; Santos *et al.,* 2016), do fruto, látex e raiz (Trotta et al., 2012; Santos et al., 2018), entre outras partes, como o caule, flor, rizoma e sementes (Liporacci; Simão, 2013; Messias et al., 2015; Rego et al., 2016).

Em nosso estudo, não foi observada relação entre o tamanho dos quintais e a riqueza das espécies cultivadas. No entanto, destaca-se o elevado cultivo de espécies com potencial medicinal, tornando-se justificativas fortes para formar, nas comunidades, uma percepção da importância de se preservar os recursos naturais, sobre o valor das plantas e a conservação ambiental das espécies nativas.

3.7 Sétima Depoente

No dia 18 de junho de 2024, quinta-feira, visitei a o quintal da dona Roseira. A casa é pequena e praticamente toda pavimentada, com muitas plantas cultivadas em vasos ou xaxins ao redor da varanda, o que me chamou a atenção. Na parte de trás da casa, há um canteiro onde a proprietária removeu parte da calçada para plantar diretamente no solo. Esse espaço é usado para cultivar plantas de maneira mais tradicional. Encantou-me seus olhos, que expressam a simplicidade dessa senhora.

DEPOIMENTO DONA ROSEIRA: A *fazema de caboclo serve para descer a menstruação e serve para infecção, né! A gente toma banho de assento com ela. Esse terramicina, aqui, para inflamação também e para tomar banho, né. Ele é ótimo. O banho de assento, cozinha o mato bem bastante, bastante. Se ele está bem maigoso, que não dá nem para tomar, você deixa mornar. Enquanto você aguentar, aí você senta naquela água, né! É bom, viu! Agora eu não fiz mais não, depois que eu me operei, eu não fiz mais nunca, mas quando descia a minha menstruação, todo mês eu fazia e me sentia bem, viu! Nesses banhos de assento, muito bom mesmo dessa fazema de caboclo. * A hortelã miúda é bom para gripe e para verminosa também, né! Para fazer o chá, pode pôr a água para ferver e desligar assim que começar a borbulhar, aí coloca as folhas, umas 4 ou 5, e abafa por uns 10 minutos, aí depois pode tomar o chazinho morno. O boldo serve para muitas coisas: é gripe, a pessoa come uma comida, fica ruim do estômago, né! A gente toma o chá, ou rala ele na água, aí já melhora. Aí eu tenho muita fé, muito em Deus, em remédio, mas meu remédio de mato, ele é muito importante para mim, por isso que eu não deixo de plantar. Não deixo de plantar meus boldos, meus hortelã, gengibre, favaca. A favaquinha morreu agora, mas o bom é a favaca, aquela favaquinha miudinha. Para a gripe, Andressa, ele também com o algodão batido no liquidificador, é muito bom também e eu me sinto muito bem, mulher, com esse mato. E tem a terramicina também, que é muito boa. Já tem a hortelãzinha grossa, também que é boa demais*

*para fazer chá. * E lambedor para tosse, que eu já boto tudo, limão, favaca, como é hortelãzão, o alho, eu já boto aquele tudo, aí faço aquele lambedor e todo mundo fica bem com esse remédio, né, que eu faço aqui para mim, para minha família. Quem não acredita bem é meu marido (risos), porque pra ele só remédio de farmácia, mas a gente tudo acredita nesse remédio de mato. Esse lambedor é o xarope, é eu que preparo, eu cozinho todo esse mato, depois eu espremo na peneira, aí boto o açúcar, aquele gosto que tá todo indo naquele mato, já fica aquele xarope e aí vai tomando. Eu conservo fora da geladeira, eu não gosto dele gelado, não. * Agora, remédio que é bom, que aqui eu não encontrei no estado do Mato Grosso, foi a jurubeba. Agora você vê, para todo tipo de inflamação, não tem que nem a jurubeba. Mas aqui não tem, aqui só tem a tal de jurubeba braba, mas a comum mesmo, só tem na Lagoas, aí é bom, viu Andressa! Tem outro que come assim, de cacho, que é bom. Meu irmão comia, não tinha uma gripe, ele não tinha nem imunidade baixa, era jurubeba, mas aqui não tem não. Aqui não tem não (silêncio). Até a raiz dela, ué, é boa, até a raiz dela, para fazer o chá, da raiz da jurubeba, mas aqui não tem. Aí, mulher, eu ando muito até desses matos, sabe? * Quitoco também aqui não tem, no Mato Grosso, é muito bom para a tosse e é bom para a inflamação. Quando a gente estava doente, nós não tomava remédio, era só esse chazinho, sabe? Mas aqui não encontra, só encontra esses mesmos que tem por aqui. * O meu chá do quintal, tudo eu faço, tenho muito prazer em fazer e cuidar das minhas plantas do quintal. Só não tenho mais prazer porque é muito pequeno, mas se fosse maior...* (risos) *plantava mais* (risos). *Aí é assim, né! Tenho muito prazer no meu quintal. * Hortaliças é a verdura, né? Eu cultivo, mas o que dá pra plantar só é um pezinho de coentro, cebolinha e...* (silêncio) *pimentão e o tomate, mas nunca brota, mulher, fica tão...* (não completou a frase) *Mas depois não brotou, eu acabo arrancando, mas eu sempre não deixo de plantar, tá! Os canteirinhos todos cheios pra nascer a semente do coentro. * Só recebo, mas aqui os visitantes, né, nessa área, o meu quintal é pequeno. Ali de trás é só a planta. * E a importância do quintal, para minha família, é que eu acho muito importante ter esses pé de mato para fazer remédios caseiros, mas meu marido não acredita nesses matos, arranca tudo. Quando vejo, ele fala isso serve para nada (risos). Mas só que eu me sinto bem, acho que é pela minha fé, né!? Pela minha fé, eu me sinto bem com meus matinhos. Eu não arranco, não (risos). * Então, é importante levar esse conhecimento adiante, porque não pode parar, não, né!? Tem que ter as plantinhas, a gente cuidar, pegar a terra, pegar a água, cuidar e não deixar ela morrer. Porque vale a pena, né! Eu mesmo, pra mim, eu não deixo não, Andressa. Porque eu comprei essa casa aqui, era tudo cimentado. Eu já furei aqui, plantei essa jabuticaba. Aí furei lá na frente, aí plantei uma planta pra fazer sombra, que é aqui na beira de casa, né! Mas morreu, tá lá só o toco. E furei ali pra plantar o meu leranzinho, que era tudo cimentado antes, tudo cimentado. Aí eu tive que tirar, quando o pedreiro veio trabalhar aqui, que furou aqui, aqui foi eu que furei. Aí eu mandei ele quebrar ali aquele pedaço pra plantar. Porque eu botava nas vazias, aí aguava, né! E a terra saía tudo, ficava aquele meleiro. E quando chovia, esborrava, né! Aí ali no leranzinho, não. A água que esborra já tá na terra, já tá ali, já tá na terra, aí eu...* (não completou a frase*). Valeu a pena. Olha aí a minha jabuticaba, cheia de frutinha. * Frutífera eu tenho lá um pé de pinha, a*

*jabuticaba e aquele cajazinho, né! Cajazinho, que a dona Ivanilde me deu uma mudinha, tá carregando ele. Eu tenho plantado aqui também um pé de pitanga. Você já viu na pitanga? A pitanga é do tamanho da jabuticaba, né. A pitanga, é boa pra diarreia, pra fazer o... o chá da folha. Quando tá obrando câimbra de sangue, aí faz o chá da folha da pitanga. E eu plantei um pé, arrancaram agora no... nessas areias que botou agora pra fazer esse muro, teve que arrancar. Cobriu de areia, aí arrancou. Aí eu quero plantar, mas não tenho espaço, né! Mas deu graças a Deus, sabe, Andressa? O meu pouquinho que Deus me deu, eu tô satisfeita. Porque dá pra plantar meu chazinho, né! Dá pra plantar meu chazinho. * Tá com uma dorzinha, né, uma gripe, uma dor de estômago, já pego o natural, já faz, já evita de tá com aqueles medicamentos de farmácia, que nem eu comprei um xarope. Eu comprei mel, assim... três envelopes de Benegrip, tá ali ainda, o que me valeu, primeiro, Deus, foi a terramicina. Você acredita? Fiz o chá, e bebi, ela ficou da cor de sangue. Eu tava tão aperreada, Andressa, que eu botei um moio, aí eu fui, passei a noite todinha sem tossir até o pigarro, não ficou, porque ele é anti-inflamatório, a terramicina é um bom anti-inflamatório. Tirou tudo, saiu da goela e nem tossi mais, dormi tranquila. Até hoje, graças a Deus, foi a terramicina, o chá puro dela. É por isso que eu digo, às vezes, a gente compra remédio, tomei também a amoxicilina, eu ainda tomei, tá ali o envelope todinho. O que foi que adiantou? O remedinho do mato. Aí, às vezes, a pessoa diz assim: "não vai tomar pra não gastar". Comprei, ficou perdido, tá ali de amostra, os envelopes de amoxicilina, Benegrip e ainda tem os três dedos do xarope. Eu tava tomando e não via nada, né! Não fez efeito. No outro dia, já foi amanhecendo melhor, eu fiquei boa, depois que eu tomei a terramicina, foi o que me valeu, tomei algodão, tomei o gengibre, açafrão, bastante coisa. Mas a terramicina, que eu não tinha fé nesse mato, isso serve pra nada, esse mato roxo (risos). E o fiz foi que me levantou. * Tem o algodão roxo que é bom para cortar a menstruação quando a mulher está com muito sangramento. É esse pezinho aqui, só tenho essa pequeno. Fazer o banho de assento dele e tomar a chá dessa folha também ajuda, tem que ser o roxo. * Andressa, agora você vê, né! Essas medicinas, tudo vem das plantas, né! E a pessoa não tem fé na planta. Não, é!? Porque deveria ter, porque tem um remédio mesmo, uma vez eu comprei um xarope, que era o mesmo gosto da raiz da jurubeba, que esse não é um xarope bom e eu não vi mais dele. Andressa, amargo, nunca vi dele. Eu comprei de farmácia. Era o mesmo gostinho. Amaigava, amaigava em um instante e sarava a tosse. * Antigamente, as pessoas também, elas não tinham medicamento de farmácia, elas se viravam com esses caseiros. E vivia, não vivia? Vivia bem, né!? Não atacava rim, não atacava fígado, nada. Não atacava nada, né! É que nem a folha da manga, Andressa. Você já ouviu dizer que aquilo serve pra quê? Pra chá, pra gripe. Folha da manga, eu nunca sabia, vim saber quando cheguei aqui em Barra do Bugres. Que a folha da manga serve... pra gripe, fazer um chá, ela é ótima. Você já ouviu dizer também do casco do cajueiro? A casca do cajueiro, lá na minha terra, na minha Lagoa, o povo fazia pra mulher quando descansava, normal, pra que a gente se via lá, o pós-parto. Aí a mulher fazia o banho de assento pra fechar, porque era tudo muito natural, né! Aí ela já cozinhava aquela água e dava banho. Era a minha mãe que ensinava a gente, quando descansar... Lá chama descansar, o pós-parto, né! Pega, ferve a água*

do casco do cajueiro, eu já mandava até meu marido tirar, né, no banho, aí já sentava, pronto. Aí parece que vai assim (fez um sinal com as mãos como se fosse embora). *Andressa, ah, ela puxa e fecha, sente aquilo... engiando. Você acredita? O casco do cajueiro, lá, servia pra isso, sentava, era banho de assento também. O casco do caju. Aí lá a gente usava pra isso. O casco do cajueiro.* (Dona Roseira, 18 de junho de 2024).

Esse é mais um quintal com o cultivo de muitas espécies, em sua maioria, para fins medicinais. A moradora também demonstra amplo conhecimento popular sobre o uso dessas plantas. Embora seu marido não acredite na terapia com as plantas medicinais, e até acabe "*arranca[ndo] tudo*", dona Roseira insiste em cultivá-las, pois acredita, com "*muita fé*", que as plantas tratam, evidenciando a importância do cultivo no seu quintal para o tratamento de enfermidades. Ela relata que aprendeu com sua mãe, e tem plena noção da importância do cultivo e uso, quando afirma: *"eu acho muito importante ter esses pé de mato para fazer remédios caseiros, mas meu marido não acredita nesses matos, arranca tudo. Quando vejo, ele fala isso serve para nada (risos). Mas só que eu me sinto bem, acho que é pela minha fé, né! Pela minha fé, eu me sinto bem com meus matinhos. Eu não arranco, não (risos)."*.

Os conhecimentos populares sobre as plantas medicinais são praticados e repassados de maneira oral e gestual pela informalidade há milênios, por parentes, famílias, amigos e vizinhos, por meio da memória, solidificando costumes e tradições (Almeida, 2015; Guimarães et al., 2022). Esses conhecimentos e práticas também são transmitidos e difundidos de geração em geração por meio da educação e da cultura (Guimarães et al., 2022; ANVISA, 2022).

Atualmente, a ciência reconhece a importância dos conhecimentos populares sobre as plantas, e, por meio da etnobotânica, há como investigar a cultura, a história e os saberes dos povos sobre as plantas, estudando a integração e interação entre elas e o ser humano (Guimarães et al., 2022). Assim, as pesquisas em etnociência possibilitam a integração entre saberes e utilização interdisciplinar do conhecimento, sendo de grande avanço científico quando abordadas em interface com a educação ambiental. É importante investir em educação ambiental por meio da educação e da cultura, associando práticas e informações na construção de saberes individuais e coletivos.

3.8 Oitava Depoente

No dia 20 de junho, uma quinta-feira, visitei o quintal da dona Matruz. É um espaço amplo, cercado ao meio com madeira, onde a casa fica na parte da frente. O entorno está todo calçado, exceto a área além da divisão de madeira em direção ao fundo. Nessa parte, o chão permanece sem calçamento. Há diversas plantas no chão, apresentando uma organização meticulosa e uma evidente limpeza.

DEPOIMENTO DONA MATRUZ: *Então, o aça-peixe, o matruz, com aquela quina, nós tomava muito para curar o corona. Nós tomamos demais. Fazia o chá e usava assim, para beber água, né! A folha desse com o matruz, a quina, a quina do mato é um cipó. Agora o aça-peixe e o matruz, eles são folha. *Agora tem o alecrim também, isso que é bom, muito bom para o coração. E o, aquele outro, hortelãzão, o folha gordo, isso que ele é bom também para fazer o chá, né! Para a criança, para o uso da para a criança tomar. Isso que ele é bom até para bronquite, né! E tem muitos remédios, o erva-de-bicho, para curar a febre, aquela negramina, para banhar também. Que tiver muita dor de cabeça, você faz, põe ela de molho, você não ferve não, você põe ela de molho na água e deixa ela soltar. Você põe, quebra ela, dá uma esfregada nela e põe dentro do balde e deixa no sol, aí para você tomar o banho, você banha o banho natural mesmo. Aí você despeja no corpo, na cabeça, para tirar dor de cabeça, ele é muito bom. Tem muitos remédios, eu faço muito xarope, mas vai muito tipo de remédio, né! Eu, se tivesse assim, o, tendo os, a, preparo tudo. Eu gosto de fazer o xarope para cortar a tosse. Porque eu não envolvo com remédio farmácia não. É só chá caseiro mesmo, remédio caseiro. Aquela acerola, você pega a acerola madura, você põe no..., lava ela, põe numa vazia, aí você cobre ela de açúcar e deixa ela pousar. Aí, no outro dia, você põe aquele melado dela para tosse, fazer o xarope caseiro, você deixa curtir ali, você põe, cobre ela de açúcar e deixa ela devolver o açúcar, o açúcar que vai fazer o melado. * Aquele mamão, mamão novo também assim, verdinho, você corta uma tampinha dele, aí você põe um copo de açúcar dentro e enterra no burraio, no fogão assim, no fogão de lenha, atrás, e cobre ele, bota aquela tampinha. Tampa e deixa. Não mexe mais com fogo não. Aí quando for amanhã cedo, em jejum, você tira e põe e toma aquilo lá. Só que mulher grávida não pode tomar. Ele é bom para lombrigueiro, para verme. * O verme sai a casca dele todinho. Assim, você obra assim, só sai aquela bucha que ele traz, aquela bucha de plástico assim, é a mesma coisa, você pegou um saco desse, linhado assim, ó, esfregou assim,* (fez o gesto de esfregar com as mãos) *fez só aquele bagaço. Eu falo porque eu fiz pro meu neto, pro Ricardo. O Ricardo tomou. Foi uma beleza, menina, pra verme. Mulher grávida não pode tomar porque devolve a criança, a criança conforme o tempo assim, a criança desmancha. * Você põe o mamão, o açúcar, no mamão verde e põe dentro do burraio de noite. Você corta o tampinho dele, só o tampinho, pega assim um copo de açúcar e despeja dentro. Aí oca ele ali. Aí você pega aquela tampinha e tampa e abre o oeiro de trás do fogão, naquele burraio, e enterra ele. Tem que estar morninho,*

*a cinza quente. Você põe lá e tampa o oeiro e deixa. Aí quando for amanhã cedo, você tira e dá pra criança comer aquilo em jejum. Ixi, o verme só fica só a casca, é aquela pele assim, parece um plástico. Eu fiz, eu falo que foi bom. * Um xarope assim, remédio caseiro, quando eu faço assim, eu ponho tanta coisa: é azeite de cebola, é folha de embaúba, é folha de laranja, é limão, é alho macetado, tudo eu ponho pra folha de manga, tudo eu ponho ali, cozinho aquilo bem cozido. Aí depois eu tiro aquilo e eu coo aquele chá que ferveu com aquela folha. Aí eu lavo a panela e boto aquele caldo na panela e pego o açúcar e ponho ali. Eu deixo apurar, quando eu tiver apurado, aí eu ergo ele assim* (mostrou como levanta a colher que está mexendo), *aquele meladinho que faz assim, aquele melzinho assim, aí você pode tirar, porque até ele esfriar, ele acaba de chegar. O que eu faço, assim, tendo os a preparos em casa... Agora, porque no tempo da seca, a gente mexia com roça, né, menina! Foi acabando, acabando, eu tinha até erva-de-bicho em casa. Hortelãzinho, hortelãzão, a erva-de-bicho... Ela é do brejo, ela é mais do brejo, ela dá assim, tipo um , assim, uma caninha com aquelas folhinhas. A erva-de-bicho é muito boa, menina. Assim, pra ferver, eu já usei tudo aqui em casa, olha, eu tenho muita. Olha o alecrim, ó. Eu tenho o alecrim, a hortelãzão bem ali, ó* (apontou com o dedo). ** O alecrim você maceta ele, pega o galinho dele, assim, lava e maceta, põe na vasilha, despeja água fervendo em cima. Não pode ele ferver. Se ele ferve, seca o pé. Arruda também ela é para o coração. Dizem que ele é muito bom pra coração, para desentupir a veia. * É muito bom o remédio caseiro, eu gosto, agora é porque não tem quase nem espaço, eu quero tanto as minhas frutas, né! Aí tem que dividir o espaço, aí eu resolvi fazer essa caçada aí, ó* (apontou com a cabeça). *Agora põe as flores em cima, aí fica sem espaço, pra gente plantar, assim, um remédio caseiro, mas eu gostava muito do remédio caseiro. *Eu não me envolvo muito com remédio farmácia, não, é mais assim, o caseiro mesmo, quebra um galho, ferve o chá lá pra fazer um xarope, é assim, pra beber. *Eu tenho terramicina, anador, alevante, camomila. Olha, pra minha menina, a Toca, quando nasceu, ela nasceu, ela não tinha choro. Ela não chorava, aí eu, até sete meses, eu tinha o chá desse alevante, aquele.* (tentando lembrar o nome) *o meu nome dele é. era o Arisatilo, o Arisatilo eu comprei na farmácia, é um vidrinho assim, ó* (mostrou com o dedo). *Ele vem numa caixona grande assim com o vidrinho da grossura do dedo, e aquela bula desse tamanho assim, ó* (mostrou com as mãos o tamanho). *Chama Arisatilo. Ela não soltava o choro, aí a mulher a parteira que ficou comigo, ela era enfermeira, né, e parteira. Então ela ensinou, eu dei até sete meses esse remédio pra Toca, eu já tinha um dentro da bolsa de roupa dela, quando eu saía, e tinha outro já em casa. Comprava dois vidros, já: era um em casa e outro na bolsa dela. O que saía, já acompanhava. Aí, com sete meses, ela soltou o choro. * Erva-doce, o alecrim, arruda, tudo, tudo eu tenho, eu tenho também ali a babosa. A babosa, as meninas passam no cabelo. Rapa ela lá e põe no creme. Isso que bate e faz tratamento no cabelo. Pra ferida também, pra cicatrizar machucados, que ela é muito bom, pra queimadura também. Queimou, você passa ela, que é muito bom. Aí eu gosto assim do remédio caseiro, não tenho muita fé em remédio farmácia não. Pra mim mais é o caseiro, se eu tiver, eu vou nele.* Eu acho muito importante esse conhecimento de remédio caseiro, né! Porque é um remédio, assim, é garantido, né!*

*Você faz um chá, você bebe. E esse remédio farmácia tem uns que faz até ofender a gente, né! A gente bebe uma coisa, é pior outra coisa. E o remédio caseiro não, se você tiver, eu tendo assim, eu já vou mais no caseiro, com remédio farmácia não. * Aquele é o gravatá. Você conhece o gravatá? Ela dá os cachos assim* (mostrou com a mão o tamanho dos cachos) *... Então, aquele, pra fazer um xarope, é muito bom. Eu já fiz xarope dele. Você faz pra tosse, menina, é uma beleza. Ele fica amarelinho, que nem o cacho de coco, aí você colhe ele, soca ele bem no pilão, assim, põe pra ferver, aí depois que ele ferveu, você coa ele, aí você põe ele pra apurar, pra fazer o xarope. Ele é muito bom. Ixi! Tem muito remédio caseiro que são muito bom.* Agora, planta frutíferas, eu tenho esse pé de bananeira, da banana. O que eu sei que serve para remédio é o umbigo dela. Você corta o umbigo da banana, que nem corta a cebola, põe numa vazia, não de alumínio, você põe de plástico ou de vidro, aí você cobre ela com açúcar e aí você deixa pra aquele umbigo. Você corta ele que nem cebola fininha, aí você põe um punhado de açúcar no fundo da vazia e põe aquela camada do umbigo da banana cortada e aí você cobre ele de açúcar assim e deixa. É pra xarope, pra bronquite também. É bom pra bronquite. Agora, assim, pra cortar, pra pôr no cocho de galinha, ele também é muito bom pra criação, pra criação ele é muito bom. Agora, da folha, eu ouvi falando, se você pegar a folha da banana, ela pode estar meio amarela, a folha, você ferve ela e faz o chá. Ela é muito bom também, pra negócio de assim, a pessoa que tem ansiedade, até pra emagrecer. Bom, agora esse daí eu não sei, eu nunca fiz. Eu ouvi falando, né! Pra ferver, pra você beber, pra pessoa que tem aquela ansiedade, diz que ela é muito bom, a folha é meio amarela. Você põe ela e ferve e toma, pode tomar que nem água. Você tá com sede, você vai lá, você bebe um gole daquela. Tem muito remédio que ele é bom, né! * Tenho esse pé de jabuticaba aqui também, além da fruta, dá para fazer o chá das folhas dele também, né! Pra dor de barriga, né! Você põe ela, ferve ela assim, deixa de molho, pra você tomar, pra cortar, disenteria, né! Folha da jabuticaba, goiaba, né! A goiaba também é bom. Você pega o broto da goiaba e toma, pra dor de barriga, né! Pra dor de barriga, cortar dor de barriga, que é a diarreia. * A terramicina, ela serve para muitas coisas, se tiver um cortado, você maceta ela, pisa ela assim, põe aquele caldo no machucado, ela sara rapidão. Até pra tomar banho, se tiver uma coceira, você pode ferver ela e tomar o banho, você toma o banho natural mesmo, mas você perde aquela água no corpo. Você tira o punhado dela, lava e põe dentro de uma vasilha e deixa no sol, você dá uma esfregada nela e deixa ela de molho, aí você toma aquele banho. Você usa, tomar, pra você banhar, aí você pega aquela água e joga no corpo, deixa secar aquela água, porque ela é muito boa. Isso aí eu já fiz também, já usei já, pra machucado, pra tomar banho, eu já usei já. Eu tinha muito dela também em casa, mas secou quase tudo. * Essa planta aqui do lado da pimenta, eu falo folha gorda para ela, mas tem gente que conhece como folha santa. Ela é muito boa se você tiver com dor de ouvido. Maceta ela e tira aquela baba e põe no ouvido. A minha menina, a Toca, já usou, diz que é bom. Folha gorda, eu falo isso aí, folha gorda. A minha menina chama de folha santa. * Olha o alecrim meu. O alecrim parece que não vai pra frente, menina, acho que é porque está no tambor! Ah, mas o alecrim, ele é bem melindroso, ele é sensível demais, né! Não é qualquer mão que pode pegar nele. E também se chegar*

*muito carregada, ele murcha, murchava tudo, a arruda, e esse aí é melindroso demais. * Ah, tá! E a arruda também usa pra mulher quando quebrar dieta, né! Quando quebrar dieta. Aí você pega assim, a arruda, você ferve ela, aí você pega um pouquinho de pinga, você queima a arruda assim, no açúcar, queima ela no açúcar, você põe um pouquinho de pinga, e aí põe um pouquinho de água, e dá pra mulher de dieta beber. Toma isso que é bom, pra dieta quebrada. Porque dá muita dor de cabeça, arruda, eu falo porque eu já bebi, eu já bebi, assim, quando eu quebrei a dieta. Foi da Toca que eu quebrei a dieta, aí a mulher que ficou comigo lá, que cuidava, que dava para mim beber. Eu tinha muita arruda em casa, aí a mulher fez, ela fez, eu tomei, e eu senti bem, né, com o remédio que ela fez. Era uma senhora cuiabana bem velha mesmo, já era velha, já tinha bastante experiência, né! Então, muito remédio caseiro, né, a arruda, mas, dá sim pra outros problemas. Eu não sei, né, mas sempre eu tinha em casa. * Esses dias, a Márcia arrumou a mudinha ali, o Ricardo plantou ali, pegou a muda e eu venho lutando com esse alecrim aí. Vamos ver se ele vai vingar, ele tá meio feio...* (silêncio) ** Já usei muito o sapé, fazer o chá pra criança que tá nascendo o dente, né! Dá o banho, né! A criança nasce os dentes bonito, né! E o sapé e o espinho de laranja. O espinho de laranja, você pode ferver junto, ferve junto e dá pra criança beber, pra nascer os dentes. * Eu tenho prazer de cuidar do meu quintal. Eu tenho. Cuidar das minhas plantas, cedo levanto, molho minhas plantas, a hora que tá sujo eu limpo, carpo, passo a enxada onde que tem mato. Eu gosto de cuidar, eu passo o dia inteiro, mas é envolvida aqui, no quintal, eu gosto do quintal e gosto também das plantas, tanto remédio como flor (risos).* (Dona Matruz, 20 de junho).

Mais um quintal com o cultivo de plantas medicinais e alimentícias. A dona Matruz sente orgulho e satisfação de manter suas plantas: *"tenho prazer de cuidar do meu quintal. Eu tenho. Cuidar das minhas plantas, cedo levanto, molho minhas plantas, a hora que tá sujo eu limpo, carpo, passo a enxada onde que tem mato. Eu gosto de cuidar".* Com o cultivo de plantas medicinais e o conhecimento tradicional, ela faz seus "melados" e chás para o tratamento de doenças de quem precisa. *"Eu acho muito importante esse conhecimento de remédio caseiro, né! Porque é um remédio, assim, é garantido, né! Você fala um chá, você bebe".* Ela não gosta de recorrer aos remédios de farmácia.

A utilização de plantas medicinais no tratamento de enfermidades e em outras práticas terapêuticas oferece uma série de benefícios quando feita de forma adequada. Muitas mulheres, sobretudo as donas de casa, demonstram habilidades e saberes tradicionais no preparo de medicamentos caseiros, usados para restaurar, controlar e até mesmo prevenir certas patologias. Elas detêm conhecimento detalhado sobre o preparo de chás e xaropes para combater infecções respiratórias. Essas mulheres desempenham papel crucial na disseminação do conhecimento e cultivo de

plantas medicinais de seu interesse, cultivadas no seu quintal, voltadas para o tratamento de problemas de saúde comuns, especialmente aqueles relacionados às doenças que afetam seus filhos. Tais práticas contribuem significativamente para a melhoria da qualidade de vida dos usuários, proporcionando um espectro terapêutico mais amplo e acessível. (Santos *et al.*, 2024).

3.9 Nona Depoente

No dia 14 de julho, quarta-feira, fiz minha última visita a um quintal para esta pesquisa: era o quintal de dona Abiu. O espaço é grande, com muitas plantas. Na frente da casa, há um jardim dedicado tanto às plantas ornamentais quanto às medicinais. Ao longo da lateral do muro, desde o início do portão até a edícula nos fundos, estende-se um amplo corredor repleto de plantas de diferentes espécies e finalidades. Nesse canteiro, há um pergolado com muitas orquídeas. Nos fundos da residência, o espaço que separa a casa da edícula abriga uma variedade de plantas medicinais e hortaliças, beneficiadas pela sombra proporcionada pelo arborizamento do local. É na calçada, entre o corredor de plantas e as árvores ao fundo, que os anciãos costumam receber visitas, em um ambiente acolhedor e integrado à natureza.

DEPOIMENTO DONA ABIL: *Bom, eu amo trabalhar com plantas. Gosto de ter minhas plantas tanto ornamentais como os meus remédios. Gosto das minhas hortaliças. Como você viu ali, minha pimenta de cheiro, não tenho muitas, mas eu tenho. Minha cebolinha, um pouquinho de coentro, né! E tenho as minhas plantas, remédios mesmo. Como você viu, eu tenho o capim-cidreira, tenho o hortelã-pimenta, tenho arruda, tenho a pata-de-vaca, tenho o sabugueiro. Ah, eu esqueci de falar pra você do sabugueiro, de mostrar o sabugueiro. Depois você vê, né!? Então, eu tenho o sabugueiro, né! Tenho o guinê, tenho o muda-da-calunga, ora-pro-nóbis, Você conhece também, né? Então, você viu ali, né!? Tá bem ali, ó* (apontou com o dedo). * *O ora-pro-nóbis, uso pra bater no suco, né! Também fica bom fazer um chá, você coloca umas duas folhinhas dele. Também é ótimo e eu amo o chá do gengibre com ele. Fica muito bom o chá do gengibre. O gengibre é maravilhoso pra chá. Eu tenho ali o gengibre plantado também. * Então, o meu quintal, é o meu prazer de estar aqui, de cuidar, de cultivar, de estar assim no meio das minhas plantas. Eu gosto de sempre, ou de manhã, ou à tardezinha, todos os dias, dá uma passadinha lá, organizando. Organizar, molhar, né! Porque com esse tempo muito seco, né! Então, a gente tem que tá molhando, né! Porque tem as praguinhas, tem as lagartas, né! Até os próprios passarinhos, viu!? Porque não tem mais mata, né! Então, eles vêm colher também as ervas da gente, pra eles. Mas é muito bom, menina, muito prazeroso ver a gente ter o quintal pra receber a família, né! Pra gente passar as horas, né, de conversa, porque*

você sabe que eu gosto de conversar (risos). *E o ambiente fica até mais fresco também, mais agradável, né! A gente molha, então essa umidade faz bem pra gente, ainda mais agora, por esse tempo tão seco que tá, né! Muito seco, viu! E os passarinhos, você vê? Os passarinhos não saem daqui. É, olha lá* (apontou com o dedo), *o tanto de bem-te-vi. Ficam todos aqui em volta. * A gente tem a jabuticaba aí também, né! Então, eles gostam muito da jabuticaba também. Então, é um lugarzinho que a gente gosta de estar, né! Ali do lado tem a estomalina. Ela serve pro estômago, né! Pra fígado, né, vesícula, bílis, tudo ele é bom. A estomalina é um remedinho bem... bem... produtivo pra gente, né! Porque ajuda na manutenção dessas... dessas pequenas... dores intestinais, né! * A calunga, tá aqui, a raiz dele é pra diabetes também, né! Ele é muito amargo, muito amargo, muito amargo mesmo. Você faz um pedacinho quase que você não consegue tomar, de tão amargo, de tão amargo que é, menina. E tem outro que é bom pra... pra diabetes, pra... Chikungunya: o fedegoso é muito bom pra dengue, viu! A casca da manga também, do calo e da manga também, é muito bom pra dengue também. Só a casquinha da manga, se você pega ela, um pedacinho, e você ferve, pra você beber. Ixi! É maravilhoso, menina, pra dengue também. Pode até ferver junto com o fedegoso. Faz tudo um chá. * Eu tenho o pé de romã também. Eu tenho o pé da laranja. A laranja comum. A romã, faço chá para a garganta, pra gripe mesmo, né! A gente pega a folha da laranja, a folha da manga, eu agora não tenho mais pé de manga, mas a minha vizinha aqui do lado ainda tem ainda, né! Ainda dá pra alcançar* (risos). *Aí a gente coloca a romã, coloca gengibre, canela, cravo, hortelã, tanto faz o hortelãzinho, como a pimenta, como a hortelã gordo, né! Todos é muito bom pra gripe. Pode fazer um apanhado desse, fazer um chá, é tiro e queda, é tiro e queda. * Sabe aquela folha roxinha que é a. terramicina? Essa eu não consigo ter ela aqui. A terramicina, a erva-cidreira. Porque tem o capim-cidreira e tem a erva-cidreira, né! A erva-cidreira também eu não consigo ter aqui, menina, só o capim que você vê ali, só o capim que eu tenho, mas a erva eu não consigo ter aqui, não sei por quê. Não vai, menina! Eu tenho também acerola, pé da acerola. Então, se você pega a folha da acerola também pra fazer o chá junto com todas essas, a romã, essas coisas. Ixi! É maravilhoso, a vitamina C. O sabugueiro também é muito bom pra todas essas doencinhas também que fica por dentro da gente. Por exemplo, a febre. A gente fica com aquela febre por dentro. Você sente que está com febre, né! Você faz um chá do sabugueiro com a folha de laranja, menina, não tem melhor, pra tirar essa febre. A febre expulsa pra fora. Você sua muito, expulsa pra fora, pronto. * Aqui eu tenho também o picão. Aí faz assim, morna a água, coloca ele. O picão pode ferver e aí dá banho na criança e pra gente mesmo tomar pro fígado também. Porque, por exemplo, esse banho que a gente dá na criança, a gente dá assim só um bolinho pra criança. Molha a mão naquele chá e coloca na boca da criança. Aquilo ali também é pra fígado, que é a tiriça, que é no fígado da criança. Por exemplo, aquela doença que derrete o fígado, é. a cirrose. A cirrose pode virar da tiriça. Até quem não bebe pode ter a cirrose. É um problema que deu no fígado, que não cuidou, é a cirrose. Pega esse chá e faz o chá e bebe pra você ver. Devagarinho, ele vai limpando. O remédio de farmácia ele faz efeito rápido, só que ele não cura, ele trata ali só, né! É um paliativo. Aí você usa um caseiro, natural, ali que você pode usar vários dias, né! Não*

*tem melhor, menina. Cura mesmo. Mas é isso, menina, olha, o remédio caseiro é em primeiro lugar. * É muito importante ter o remédio caseiro, viu! Primeiramente, eu cuido do caseiro, eu procuro o caseiro, o que eu já tenho na mão, já vê bastante resultado. Às vezes, nem precisa, não digo que a gente não procura farmácia, não procura um médico, né! Pra ter o remédio de farmácia, mas é assim, quando eu vejo que o negócio está evoluindo muito rápido. A gente vai no remédio, na farmácia, que é pra ajudar a amenizar aquilo, pra ficar mais fácil pra tratar com o caseiro. Porque o caseiro demora a fazer efeito, né! Ele vai fazendo devagarinho, né! O outro já é mais invasivo, né! Às vezes, até prejudica outra coisa, pois é muito rápido, né! Mas aí, quando você vê o resultado, você tá bom, e sem nenhuma química, né! Tudo natural. *O conhecimento das plantas medicinais, do chá, chá de raiz, de plantas, é importante. Muito importante, menina! Muito importante! Eu acho que se tivesse, se todos tivessem esse conhecimento e buscassem a continuar essa utilização, esse cultivo, né! Porque só da gente cultivar as plantas, a gente já tá se medicando, já é uma terapia, né! Então, é muito importante, eu acredito, assim, que se o povo voltar a viver isso, nossa, vai ser uma vida maravilhosa. Por que que dona Silva tá lá com quase 90 anos e não tem problema nenhum de saúde? Não toma remédio pra nada. Esses dias ela levou um tombo, ela falou que ela fez a xaropada. Fazia todo dia, fazia aquele chá e bebia, né!? E foi bebendo, foi bebendo. Tava boa, não sente nada. Só com remédio caseiro! Ela disse que ela não tomou nada, ela usou pomada pra ajudar, porque aí a pele resseca, no que vai cicatrizando, né! Aí eu falei pra ela colocar o gelo em certos lugares, pra dona Silva, onde tiver roxo, passa bastante o gelo, né! Que o gelo é bom, não deixa ficar também o hematoma, né! Ela foi fazendo tudo isso e saiu, muito bom. Tudo com medicamento natural. É muito bom, muito bom! É a saúde da gente, né! * Plantas frutíferas aqui temos: a jabuticaba, que também tem vitamina C. Nessa fruta, viu, ela é ótima para cuidar o intestino, menina. Depois você pode pesquisar os benefícios dela. Ela é boa para muita coisa. Tem o abiu, que você falou que conhece, né, acerola rica em vitamina C, tem o pequi também. A gente fica feliz de poder te ajudar nessa pesquisa, viu!* (sorriu). ** Aqui temos o mentruz, que é a mesma erva-santa-maria, né! Você vê, ela é vermífuga, trata também os vermes, né! Hoje em dia, não se usa mais, é uma raridade quem usa.* (Dona Abil, 14 de julho).

Nesse quintal, há plantas alimentícias e medicinais. Dona Abiu comenta, entusiasmada: "*O conhecimento das plantas medicinais (...) é importante. (...) Muito importante! Eu acho que se tivesse, se todos tivessem esse conhecimento e buscassem a continuar essa utilização, esse cultivo, né! Porque só da gente cultivar as plantas, a gente já tá se medicando, já é uma terapia, né!*" Ela cultiva, em seu quintal, plantas como: pimenta de cheiro, cebolinha, coentro, capim-cidreira, hortelã-pimenta, arruda, pata de vaca, sabugueiro, guinê, calunga, ora-pro-nóbis, gengibre, jabuticaba, estomalina, laranja, romã, terramicina, picão e algumas outras que cita em seu depoimento. Dona Abil fala sobre os benefícios de cada uma dessas plantas com

propriedade, como: "*A calunga, tá aqui, a raiz dele é pra diabetes também, né! Ele é muito amargo, muito amargo, muito amargo mesmo.".* Nesse depoimento, dona Abil afirma que a raiz da planta é muito amarga, porém tem seus benefícios para reduzir a diabetes, assim como diz que: *"tem outro que é bom pra... pra diabetes, pra... Chikungunya: o fedegoso é muito bom pra dengue".* Ela conhece o benefício do fedegoso não só para diabetes, mas também para melhorar os sintomas da Chikungunya.

Há uma agricultura praticada em quintais urbanos, cercada de saberes sobre cultivo, coleta e consumo de diversas plantas, sejam elas alimentícias, medicinais, ou voltadas a outras finalidades. Essa agricultura de quintal desempenha um papel significativo na manutenção de saberes sobre a agrobiodiversidade disponível. Além disso, esses espaços são fundamentais para a perpetuação e a manutenção desses saberes, funcionando como territórios vivos de memória, cuidado e resistência. Os recursos vegetais utilizados com fins medicinais se apresentam úteis também à conservação *in situ* da agrobiodiversidade, uma vez que, nos espaços representados pelos quintais, estão presentes uma inestimável riqueza de espécies (Borghezan et al., 2021).

Ainda vale ressaltar o prazer que dona Abil demonstra pelo quintal, especialmente quando afirma: "*o meu quintal, é o meu prazer de estar aqui, de cuidar, de cultivar, de estar assim no meio das minhas plantas. Eu gosto de sempre, ou de manhã, ou à tardezinha, todos os dias, dá uma passadinha lá, organizando"*. Esse relato evidencia como o quintal vai além de um simples espaço físico, tornando-se um lugar de afeto e identidade. O prazer de dona Abil em cuidar de suas plantas revela uma conexão com a natureza e com sua própria história de vida.

4 O USO DE PLANTAS MEDICINAIS NOS QUINTAIS DE BARRA DO BUGRES

Saberes Tradicionais e Possibilidades para o Ensino de Ciências

As mulheres que preservam os saberes tradicionais da etnociência demonstram notável força e perseverança. Apesar da resistência encontrada no ambiente familiar, especialmente por parte de maridos e filhos, que, muitas vezes, não reconhecem os benefícios das plantas medicinais, essas mulheres seguem firmes em sua prática, revelando um profundo compromisso com o cultivo e o cuidado dos quintais. Os depoimentos produzidos deixam evidente o amor e a dedicação com que mantêm seus espaços organizados, tornando o quintal um verdadeiro centro de cuidado e preservação cultural.

A prática dessas moradoras vai além do cultivo individual; ela possui um relevante valor social, pois essas mulheres estão constantemente atentas às necessidades da comunidade, oferecendo ajuda e partilhando suas ervas com quem delas necessita. Desse modo, o manejo das plantas medicinais nos quintais revela-se não apenas uma ação de resistência cultural, mas também uma expressão de solidariedade e pertencimento comunitário.

É relevante destacar que apenas uma das entrevistadas cita ou demonstra preocupação com possíveis efeitos adversos que as plantas podem causar ao organismo. Os efeitos tóxicos decorrentes do uso dessas plantas, muitas vezes empregadas em tratamentos caseiros, são amplamente desconhecidos pela população, e, em alguns casos, até pelos profissionais de saúde. Entre os efeitos tóxicos mais encontrados, destacam-se teratogenia, abortos, citotoxicidade e hepatotoxicidade. Campos et al. (2016) destacam que as plantas produzem uma grande variedade de metabólitos secundários, que frequentemente são relacionados a mecanismos de proteção da planta contra predadores e patógenos. As espécies tóxicas são aquelas capazes de produzir compostos que podem causar alterações metabólicas prejudiciais ao homem e aos animais.

Nesse contexto, o depoimento de dona Coco ilustra bem a percepção popular sobre as plantas medicinais e seus potenciais efeitos, especialmente no que se refere à senna. Ela relata: *“a senna verdadeira. A verdadeira é de flor, branca, rosa, roxeada. As bajinhas são de canivete e quatro, cinco sementes. A semente aqui é veneno, mas as folhas dela é para o fígado, para tirar gordura do fígado.”*. O depoimento destaca a noção de que, enquanto as folhas de algumas plantas podem ter benefícios

terapêuticos, suas sementes, por outro lado, podem ser prejudiciais e até venenosas. Desse mesmo modo, dona Coco ainda depõe sua preocupação com as folhas do figo: "*A folha do figo, ela tira gordura do fígado. As pessoas não conhecem e desperdiçam tanto as folhas do figo. Então as folhas que caem no chão, depois delas caídas, aí elas são medicinais. Quando ela está no pé da fruteira, elas não são, não é medicinal, não podem ser extraídas, tem que deixarem elas caírem."* Assim, dona Coco explicou que a razão pela qual as folhas do pé de figo não devem ser retiradas diretamente da planta para uso medicinal está relacionada à forma como a planta acumula seus compostos ativos. As folhas podem conter substâncias conforme o estágio de maturação, o que influencia sua eficácia e segurança no uso terapêutico.

Foram citadas pelas depoentes 50 espécies de plantas. A diversidade inclui plantas medicinais, hortaliças, frutíferas e ornamentais. Entre as mais mencionadas, estão a babosa, conhecida por suas propriedades curativas e regenerativas, e a arruda, utilizada para tratar problemas oculares e inflamações. Outras plantas, como "dipirona e anador", são valorizadas pelas moradoras de Barra do Bugres por suas propriedades analgésicas e antipiréticas. A romã e o gengibre são notáveis por suas qualidades nutricionais e benefícios à saúde digestiva.

O uso dessas plantas demonstra uma rica tradição de conhecimentos sobre a natureza e a medicina popular, refletindo a importância dessas espécies no cotidiano das pessoas entrevistadas. Essa variedade não apenas evidencia a aplicação prática das plantas, mas também destaca a integração de diferentes tipos de plantas, desde as ornamentais até as frutíferas e medicinais, em práticas tradicionais e tratamentos naturais.

A pesquisa possibilitou o registro do acervo de espécies dos quintais do bairro Maracanã em Barra do Bugres, estabelecidos em pequenos espaços. Cada local é monitorado e manejado à luz do conhecimento da proprietária e familiares, no cotidiano, como um bem precioso para a coletividade.

O Quadro 1 apresenta as espécies de plantas medicinais encontradas nos quintais das moradoras entrevistadas. As plantas listadas foram mencionadas pelas participantes da pesquisa, que destacaram seus usos para o tratamento e alívio de diversas enfermidades, reforçando o valor do conhecimento popular e a importância do cultivo dessas espécies para o bem-estar das famílias. As indicações terapêuticas variam desde o uso para problemas estomacais e respiratórios até tratamentos para

dores e feridas, refletindo a ampla aplicabilidade das plantas no cuidado à saúde e no autoconsumo das famílias locais.

QUADRO 1. Plantas medicinais utilizadas utilizadas/cultivadas pelas moradoras

Planta	Nome Científico	Princípio Ativos	Categoria Alimentícia	Categoria Medicinal
1. Acerola	*Malpighia glabra*	Ácido ascórbico Carotenoides Flavonoides Antocianinas	1	5
2. Babosa	*Aloe vera*	Aloína Acemanano Antraquinonas Enzimas e aminoácidos essenciais		6
3. Boldo	*Plectranthus barbatus Andr*	Boldina (alcaloide) Óleos essenciais (cineol, ascaridol) Flavonoides		6
4. Limão	*Citrus sp*	Ácido ascórbico Flavonoides (hesperidina, rutina) Ácido cítrico Limoneno	2	7
5. Hortelã	*Mentha X villosa Huds*	Mentol Mentona Isomentona Flavonoides	1	4
6. Melão-de-São-Caetano	*Momordica charantia*	Charantina Momordicina Ácido ascórbico Alcaloides e flavonoides		3
7. Alfazema	*Lavandula latifólia*	Linalol Acetato de linalila Cineol Cumarinas		1
8. Caninha-do-brejo	*Costus spicatus77*	Saponinas Óleos essenciais Flavonoides		1
9. Alecrim	*Rosmarinus officinalis*	Cineol (eucaliptol) Carnosol Ácido rosmarínico Pineno	x	5
10. Romã	*Punica granatum*	Taninos Ácido elágico Punicalagina Antocianinas	x	2
11. Camomila	*Matricaria chamomilla*	Apigenina Camazuleno Bisabolol Flavonoides		2
12. Cebola	*Allium cepa*	Alicina Quercetina Compostos sulfurados	x	1
13. Mentruz (erva-de-santa-maria)	***Chenopodium ambrosioides***	Ascarido Limoneno P-cimeno		1

14. Fedegoso	*Senna occidentalis L.*	Antraquinonas (como crisofanol), flavonoides		1
15. Sabugueiro	***Sambucus nigra***	Antocianinas Flavonoides Ácido ferúlico Ácido ascórbico		1
16. Bananeira (umbigo da banana)	*Musa X Paradisiaca*	Taninos Flavonoides Fibras Ferro	x	2
17. Açafrão	*Curcuma longa*	Curcumina	1	3
18. Manjericão	***Ocimum basilicum***	Eugenol linalol Flavonoides	2	3
19. Espada-de-São-Jorge	*Sansevieria trifasciata*	Saponinas Flavonoides Compostos fenólicos		3
20. Cajá-manga	*Spondias dulcis*	Ácido ascórbico Ácido málico Carotenoides	2	1
21. Jabuticaba	*Myrciaria cauliflora*	Antocianinas Taninos Vitamina C Pectina	3	4
22. Moringa	*Moringa oleifera*	Quercetina Kaempferol Vitamina A, C, E, e Polifenóis		2
23. Coco	*Cocos nucifera*	Ácido láurico Potássio Eletrólitos Triglicerídeos de cadeia média (TCM)	1	3
24. Anador	*Artabotrys uncinatus*	Dipirona Monoidratada		3
25. Tamarindo	*Dialium guianense (Aubl.) Sandwith*	Ácido tartárico, Potássio Ácido ascórbico Flavonoides	1	1
26. Ora-pro-nobis	*Pereskia aculeata*	Proteínas Mucilagens Fibras Vitaminas A e C Ferro	1	1
27. Graviola	*Annona muricata*	Acetogeninas Alcaloides Flavonoides	x	1
28. Figo	*Ficus carica*	Enzimas (ficina), Flavonoides Fibras Vitamina A e C	x	1
29. Dipirona	*Metamizol*	Metamizol sódico		1

30. Mentrasto	*Ageratum conyzoides L*	Óleos essenciais (precoceno I e II), cumarinas, flavonoides		1
31. Gravatá	***Aechmea muricata***	Bromelina (enzima), saponinas, taninos		1
32. Louro	*Laurus nobilis*	Cineol Eugenol Taninos Linalol	x	1
33. Ginseng	*Pfaffia glomerata*	Ginsenosídeos (Panax), saponinas, fitoesteróis		2
34. Taioba	*Xanthosoma sagittifolium*	Fibras Ferro Cálcio Vitaminas A e C (atenção: crua pode conter oxalatos)	1	1
35. Quinoa	*Chenopodium quinoa*	Aminoácidos Essenciais Saponinas Flavonoides	1	
36. Picão	*Bidens pilosa*	Flavonoides Taninos Ácido salicílico Poliacetilenos		1
37. Hortelã Miúda	*Mentha X villosa Huds*	Mentol Pulegona Flavonoides		4
38. Insulina	*Cissus sicyoides L*	Flavonoides Taninos Alcaloides		1
39. Cipó Caboclo	*Davilla rugosa*	Cumarina Ácido rosmarínico		1
40. Jurubeba	*Solanum paniculatum*	Solanina Flavonoides Alcaloides	1	1
41. Pata-de-vaca	*Bauhinea forficata L*	Flavonoides (kaempferitrina), Alcaloides Taninos		1
42. Rosa Branca	*Rosa alba*	Óleos essenciais Taninos Antocianinas		1
43. Beterraba	*Beta vulgaris*	Betalaínas Nitratos Ferro Ácido fólico	x	1
44. Estomalina	*Gymnanthemum amygdalinum*	Lactonas Alcaloides Flavonoides		1
45. Pequi	*Caryocar brasiliense Cambess.*	Carotenoides Ácidos graxos Vitamina A	x	1
46. Folha da Goiaba	*Psidium guajava L*	Taninos Flavonoides Triterpenos		2
47. Folha da mangueira	*Mangifera indica*	Mangiferina Taninos Flavonoides		5

		Alcaloides		
48. Guinê	*Petiveria alliacea*	Compostos sulfurados Flavonoides Triterpenos Cumarinas		1
49. Losna	*Artemisia absinthium L.*	Absintina Tujona Flavonoides Taninos Ácidos orgânicos		1
50. Hortelã-pimenta	*Mentha X piperita L*	Mentol Mentona Limoneno Flavonoides		1

Fonte: A autora, 2024.

Com base na análise dos nove depoimentos de moradoras do bairro Maracanã, em Barra do Bugres - MT, foi possível identificar que muitas plantas foram citadas por apenas uma pessoa, o que representa, aproximadamente, **11,1%** das menções totais. Isso indica que determinados conhecimentos fitoterápicos são **mais específicos e individuais**, muitas vezes, transmitidos por tradição familiar ou por experiências pessoais.

Por outro lado, plantas como **limão (77,7%)**, **babosa e boldo (66,6%)**, e **hortelã miúda (44,4%),** foram citadas por mais de uma depoente, o que demonstra maior circulação desse saber entre a comunidade. A frequência com que cada planta é citada permite observar o grau de difusão dos saberes populares, revelando tanto os conhecimentos amplamente compartilhados quanto os que resistem de forma localizada no cotidiano das pessoas.

No Quadro 2, são apresentados os conhecimentos ancestrais que essas moradoras do bairro Maracanã, de Barra do Bugres, utilizam em suas práticas, pois relacionam cada planta com sua indicação e benefícios.

QUADRO 2. Conhecimentos ancestrais sobre indicações e benefícios

Planta	Indicação/Benefício
1. Acerola	Rica em vitamina C, boa para aumentar a imunidade e combater gripes e resfriados.
2. Babosa	Boa para o cabelo (fortalecimento e brilho) e para queimaduras e cicatrização da pele.
3. Boldo	Auxilia no tratamento de problemas estomacais e é bom para quem tem diabetes.
4. Limão	Limpa o sangue, é antioxidante, melhora a imunidade e ajuda no funcionamento do pâncreas.
5. Hortelã	Calmante natural, indicado para febre em crianças e para acalmar.

6. Melão-de-São-Caetano	Usado em banhos para sintomas da dengue e digestão; acelera o metabolismo.
7. Alfazema	Calmante e ajuda a reduzir pressão arterial; indicado para dormir e dor de cabeça.
8. Caninha-do-brejo	Bom para infecções urinárias e problemas nos rins.
9. Alecrim	Fortalece o coração e ajuda a digestão; é calmante e pode ser usado no cabelo para fortalecer fios.
10. Romã	Usada em chá para dores de garganta e problemas digestivos.
11. Camomila	Calmante natural, indicada para estresse e para ajudar a dormir.
12. Cebola	Combinada com embaúba e outros ingredientes para fazer xarope contra gripe e tosse.
13. Mentruz (erva-de-santa-maria)	Vermífugo tradicional para tratamento de vermes.
14. Fedegoso	Indicado para tratamento da dengue.
15. Sabugueiro	Chá usado para febre e outras infecções.
16. Bananeira (umbigo da banana)	Xarope feito do umbigo para bronquite e problemas respiratórios.
17. Açafrão	Antibiótico natural, utilizado para fortalecer o sistema imunológico e auxiliar no tratamento do câncer.
18. Manjericão	Chá para resfriados e gripes, além de ser utilizado como tempero calmante.
19. Espada-de-São-Jorge	Colocada no álcool para aliviar dores corporais e nas articulações.
20. Cajá-manga	Suco rico em vitamina C, fortalecendo o sistema imunológico; chá da folha é bom para a pele e colesterol.
21. Jabuticaba	Folhas usadas em chá para dores de garganta, pois possui propriedades anti-inflamatórias.
22. Moringa	Chá das folhas para emagrecimento e como auxiliar no tratamento do câncer.
23. Coco	Água de coco para hidratação e óleo para pele; bom para diarreias.
24. Anador	Chá da folha para dor de cabeça, usado também em compressas.
25. Tamarindo	Suco laxante, indicado para problemas digestivos; polpa é benéfica para a visão; banho com folha para tratar erisipela.
26. Ora-pro-nobis	Alivia dor no estômago, ajuda a desentupir veias e controla pressão arterial.
27. Graviola	Suco da fruta e chá da folha são usados para auxiliar no tratamento complementar do câncer.
28. Figo	O leite da folha ajuda a eliminar gordura do fígado e tratar sinusite.
29. Dipirona	Usada em chás para aliviar dores e como antipirético.
30. Mentrasto	Indicada para banhos para febre e dores de cabeça.
31. Gravatá	Xarope feito da flor para tratar tosse.
32. Louro	Utilizado para memória e combate a infecções.
33. Ginseng	Melhora a memória e é usado em combinações para potencializar o sistema imunológico.
34. Taioba	Rica em fósforo e ferro, usada tradicionalmente para tratar anemia; também é afrodisíaca e benéfica para fertilidade.

35. Quinoa	Rica em proteínas e nutrientes, indicada para melhorar a saúde geral, imunidade, e é uma fonte completa de aminoácidos essenciais.
36. Picão	Chá para fígado e banho em crianças; utilizado também para problemas hepáticos.
37. Hortelã Miúda	Usada para gripe e verminoses; acalma e é boa para febre em crianças.
38. Insulina	Boa para diabetes e emagrecimento.
39. Cipó Caboclo	Banho de assento para infecções e problemas menstruais.
40. Jurubeba	Anti-inflamatória, usada para diversos tipos de inflamação e também para dores.
41. Pata-de-vaca	Indicada para controle do diabetes.
42. Rosa Branca	Usada em chás para problemas respiratórios e como calmante.
43. Beterraba	Rica em ferro, indicada para anemia.
44. Estomalina	Indicada para tratamento de problemas estomacais.
45. Pequi	Fonte de nutrientes; tradicionalmente usado para fortalecer a imunidade.
46. Folha da Goiaba	Chá utilizado para tratar diarreia e dores estomacais.
47. Folha da mangueira	Usada para tosse e como anti-inflamatório; também fortalece o sistema imunológico.
48. Guinê	Usada para limpeza energética e também como calmante.
49. Losna	Indicada para problemas digestivos, como dores estomacais e verminoses.
50. Hortelã-pimenta	Utilizada para dores de cabeça e como analgésico natural.

Fonte: A autora, 2024.

A variedade de plantas encontradas nos quintais pesquisados me proporcionou uma experiência enriquecedora, permitindo-me descobrir espécies que desconhecia e redescobrir outras que já conhecia, mas cujos benefícios terapêuticos eram uma surpresa. Ao longo do estudo, aprendi sobre as propriedades de várias plantas e suas indicações para a saúde e o bem-estar, revelando um saber tradicional fortemente presente na comunidade. Esse conhecimento local vai além do uso prático das plantas, tornando-se uma expressão autêntica da identidade e cultura enraizadas na medicina alternativa.

Ao registrar essas experiências no caderno de campo, observei as práticas em ação e refleti sobre o papel do quintal como um espaço de preservação e autonomia. Ao observar o cultivo e o uso dessas plantas em um espaço tão cotidiano e íntimo, compreendi como esse saber é uma verdadeira âncora cultural. Cada planta, para além de suas aplicações, parece estar carregada de uma memória coletiva, uma história de cuidado que mantém vivo o vínculo entre gerações e reforça o valor de preservar essas práticas.

Essas vivências me permitiram olhar para essa prática sob novas perspectivas, compreendendo-a como uma expressão de conhecimento profundamente humano, que merece ser documentado e valorizado em sua essência.

O uso de medicamentos fitoterápicos naturais, como os encontrados nos quintais estudados, mostra-se essencial para a saúde e o bem-estar das famílias da comunidade. Cada planta cultivada carrega um saber tradicional específico sobre suas propriedades terapêuticas, que tem sido aprimorado e ensinado ao longo de gerações. O valor dos fitoterápicos reside não apenas na sua eficácia, mas também no fato de serem acessíveis e de fácil cultivo, especialmente em pequenos espaços, como os quintais, o que torna essa prática ainda mais viável e sustentável para os moradores.

No saber popular, essas plantas**,** como babosa, hortelã e romã, oferecem alternativas valiosas para o tratamento de doenças comuns, como problemas respiratórios, dores e feridas, promovendo uma abordagem natural e menos invasiva para a saúde. Essa prática é fortalecida pela confiança no uso de espécies conhecidas e pelo manejo cuidadoso, tornando o tratamento mais seguro e próximo das necessidades reais da comunidade. Assim, esses medicamentos naturais, “os fitoterápicos”, representam mais que uma alternativa medicinal: são parte de um sistema de saúde informal que complementa e, muitas vezes, substitui medicamentos convencionais, reforçando a importância de preservar esse conhecimento.

O boldo, por exemplo, é amplamente utilizado para tratar problemas estomacais e possui benefícios para quem tem diabetes. O chá de boldo é um remédio comum, conhecido por aliviar desconfortos digestivos e trazer equilíbrio ao sistema digestivo. Já o limão é outro recurso natural importante. Rico em antioxidantes e vitamina C, ele é utilizado para fortalecer a imunidade e ajudar na purificação do sangue, sendo indicado para quem busca uma forma de prevenir doenças e melhorar a saúde geral.

O melão-de-são-caetano é valorizado especialmente por suas propriedades digestivas e seu uso em banhos para aliviar os sintomas da dengue, enquanto a alfazema é usada como calmante natural, indicada para reduzir a pressão arterial, aliviar dores de cabeça e facilitar o sono.

O alecrim é conhecido por fortalecer o coração e facilitar a digestão, além de ser um calmante leve. Em alguns casos, é utilizado também para fortalecer os fios de

cabelo. A caninha-do-brejo é outra planta de grande valor, conhecida por auxiliar no tratamento de infecções urinárias e problemas nos rins.

A espada-de-são-jorge, por sua vez, é colocada no álcool e utilizada para aliviar dores corporais e nas articulações. Esse uso simboliza a confiança da comunidade em práticas de medicina natural que ajudam a aliviar desconfortos físicos, sem a necessidade de medicamentos farmacêuticos.

Ao documentar essas práticas, torna-se evidente que o uso dos fitoterápicos transcende a questão da saúde física, atuando também no fortalecimento da identidade cultural da comunidade. Preservar e incentivar o uso consciente desses remédios naturais é, portanto, uma forma de valorização da sabedoria popular e uma prática que se alinha com um modo de vida que respeita e integra a natureza ao cotidiano.

O Quadro 2, há pouco apresentado, explicita uma ampla variedade de plantas medicinais, cada uma com diferentes indicações e benefícios. Isso reflete a rica biodiversidade da localidade e o conhecimento tradicional das moradoras sobre o uso de plantas para fins terapêuticos.

Entre as propriedades terapêuticas das plantas listadas, podemos observar a ação antioxidante (limão), calmante (hortelã, alfazema, camomila), anti-inflamatória (jurubeba, picão), e imunomoduladora (acerola, graviola). Essas propriedades são bem documentadas na literatura científica e corroboram o uso tradicional de tais plantas.

Muitas das plantas mencionadas, como a babosa e o boldo, têm seus usos tradicionais amplamente reconhecidos, sendo também objeto de estudos científicos que validam suas propriedades medicinais. Por exemplo, a babosa é conhecida por suas propriedades cicatrizantes para queimaduras e hidratantes para os cabelos, enquanto o boldo é utilizado para problemas digestivos.

A validação científica dessas plantas não apenas confirma a sabedoria popular, mas também abre portas para novas aplicações terapêuticas e farmacêuticas. A babosa, por exemplo, é amplamente utilizada em produtos cosméticos e medicinais devido às suas propriedades cicatrizantes e hidratantes, sendo um exemplo claro de como o conhecimento tradicional pode ser integrado à ciência moderna. Da mesma forma, o boldo, conhecido por suas propriedades digestivas, tem sido objeto de estudos que comprovam sua eficácia no tratamento de distúrbios gastrointestinais.

Essa integração entre o conhecimento tradicional e a pesquisa científica é fundamental para o desenvolvimento de novos medicamentos e tratamentos, promovendo uma abordagem mais holística e sustentável para a saúde. Além disso, a valorização dessas plantas medicinais contribui para a preservação da biodiversidade e do conhecimento cultural, garantindo que essas práticas continuem a beneficiar as gerações futuras. Em suma, a combinação de tradição e ciência fortalece a fitoterapia como uma alternativa viável e eficaz no cuidado à saúde.

Algumas plantas possuem múltiplas indicações, como o limão, que é usado tanto para melhorar a imunidade quanto para ajudar no funcionamento do pâncreas. Isso demonstra a versatilidade das plantas medicinais e a sabedoria popular em utilizá-las para diversos fins.

Essa multifuncionalidade evidencia a riqueza do conhecimento tradicional, assim como reforça a importância de preservar e valorizar essas práticas ancestrais, que continuam a oferecer soluções naturais e eficazes para a saúde e o bem-estar da população.

A partir dos depoimentos produzidos, é possível perceber que o quintal é um espaço importante na vida das moradoras entrevistadas. Ele não apenas abriga plantas medicinais, frutíferas e ornamentais, mas também se configura como um ambiente de sociabilidade, memórias afetivas e cuidado com a saúde. A análise foi estruturada em quatro categorias: diversidade de plantas, indicações populares, conhecimentos aprendidos com ancestrais e impacto do abalamento psicológico nos chás.

4.1 Diversidade das Plantas

A pesquisa realizada nesses quintais revelou uma rica diversidade de plantas medicinais, bem com alimentícias, cada uma com suas particularidades e usos. As depoentes compartilharam seus conhecimentos e experiências sobre as plantas que cultivam e utilizam para fins medicinais, destacando a importância desses saberes tradicionais.

Entre as plantas mencionadas, estão a acerola, o boldo, o alecrim, o tamarindo, a taioba e o figo. Cada uma dessas plantas tem suas propriedades e usos específicos, refletindo a diversidade dos quintais e a importância do conhecimento tradicional.

A acerola, por exemplo, foi citada como sendo uma planta rica em vitamina C, utilizada para fazer sucos e chás, como disse dona Insulina, em seu depoimento: *“a*

acerola é muito rica em vitamina C. E faço o chá dela. Da folha, eu faço o chá, quando está assim meio gripado, é muito bom.". Dona Alfazema confirma esses benefíciosa: *"Acerola é bom para chá! Diz que é bom o chá da folha, falam que é bom. Eu nunca fiz, mas o suco é bom. Tem muita vitamina C."* A acerola ainda foi citada por mais uma depoente, dona Insulina: *"e a acerola é muito rica em vitamina C. E faço o chá dela. Da folha, eu faço o chá. Quando está assim meio gripado, é muito bom.*". Nesse contexto, é possível observar que as depoentes valorizam amplamente o uso da acerola como recurso medicinal tradicional, ressaltando seus benefícios para o fortalecimento da imunidade e o alívio dos sintomas da gripe.

O boldo, por sua vez, é uma planta medicinal reconhecida por suas propriedades no tratamento de problemas estomacais e digestivos. Segundo dona Senna, além de curar dor no estômago, o boldo também auxilia no controle da diabetes. *"Aquele boldinho ali* (apontou com o dedo), *aquele boldo da folha miudinha, serve para diabetes. Diz que cura a diabetes. Não só para dor no estômago que ele serve."*. Já dona Roseira ressalta a versatilidade do boldo: *"O boldo serve para muitas coisas: é gripe, a pessoa come uma comida, fica ruim do estômago, né, a gente toma o chá, ou rala ele na água, aí já melhora.".* Esses relatos evidenciam a riqueza do conhecimento popular, que atribui a uma única planta múltiplas aplicações terapêuticas, revelando a sabedoria acumulada pelas comunidades ao longo do tempo.

Nesse mesmo contexto, o alecrim foi citado como sendo um tempero e remédio para o coração. Dona Matruz, em seu depoimento, discorreu: *"Agora tem o alecrim também, isso que é bom, muito bom para o coração".* Ainda sobre o alecrim, dona Senna acrescenta ao tema que: *"Tem o alecrim também. Ele serve para fazer chazinho. Falam que é muito bom para o estômago. Ele melhora a digestão, alivia a azia. Quem tem gases presos, também ele ajuda, fazer o chá sem açúcar. Pode usar para lavar os cabelos também, ele ajuda a fortalecer os fios e acabar com a caspa. Ele é um bom remédio".* Dona Licor diz utilizar o alecrim como tempero: *"o alecrim é bom para muita coisa. A gente põe na carne para tempero. É bom para o coração, fazer o uso dele".* Além do uso como erva medicinal, a planta também é aproveitada como tempero, no preparo de carnes. Dona Alfazema reforça ainda seu uso no cuidado com problemas do coração: *"O alecrim, ele é bom para quem tem problema de coração. Ele é calmante, aí faz o chá dele para o coração. Assim, o povo antigo que falava, né!?".*

O alecrim, dentro do saber popular, revela-se uma planta de múltiplos usos e grande valor terapêutico. Utilizado tanto como tempero quanto como remédio natural, ele aparece nos relatos das entrevistadas como aliado no cuidado com o coração, na digestão, no alívio de azia e gases, e até mesmo no fortalecimento dos cabelos. Esses depoimentos evidenciam não apenas a eficácia percebida da planta, mas também a difusão oral de conhecimentos entre gerações, que preserva e valoriza o uso tradicional das ervas.

O tamarindo também é mencionado pelas participantes deste estudo. É uma planta que pode ser utilizada para tratar erisipelas e problemas de visão. No depoimento de dona Coco, revelam-se seus benéficos: *"As pessoas pensam que o tamarindo só é para laxante. Um suco delicioso, ácido, e, se tomar muito, é laxante. Mas o tamarindo, o fruto dele, a polpa do fruto dele, além desse, são laxantes, é ótima para as vistas, né! As pessoas quase não conhecem. A folha do tamarindo também é rica em proteína das vistas. E o banho do tamarindo é ótimo para acabar com a erisipela preta, aquelas erisipelas de varizes. Isso é esquecido há muitos anos, o povo esqueceu desse tamarindo.".* O relato sobre a tamarindo revela a riqueza e, ao mesmo tempo, o esquecimento de certos saberes tradicionais. Embora seja amplamente conhecido como um laxante natural, o depoimento traz à tona usos menos populares, mas de igual importância, como os benefícios da polpa para a saúde dos olhos e das folhas no tratamento de erisipelas, especialmente as associadas a varizes. Esse conhecimento, difundindo oralmente, mostra o quanto a planta pode oferecer além do que se imagina, e como práticas antigas, muitas vezes, são deixadas de lado diante da modernização dos cuidados com a saúde. Resgatar essas informações é uma forma de valorizar a sabedoria ancestral e reconhecer o potencial terapêutico de plantas como o tamarindo, que vão muito além de seu uso mais comum.

Vale ressaltar que foi mencionado que a taioba é uma planta que está se tornando esquecida, mas que possui propriedades afrodisíacas e nutritivas. Em depoimento, dona Coco afirma: "*Ninguém sabe o que é taioba, perderam o conhecimento da taioba... Ela é medicinal, e quanto mais se esquece dessas coisas tradicionais, dos alimentos caseiros que é remédio, a alopatia gosta, né!*". Ainda em seu depoimento, dona Coco acrescenta: "*Mas a taioba, além de ela ser rica em fósforo, rica em ferro, e ela é uma afrodisíaco, por isso que as casas tinham muito filho, porque ficava tanto pai como mãe, ficava bem fértil e sadio, e não tinha tanto câncer. Na época, não tinha tanto câncer na nossa cidade, porque eles comiam muita*

taioba, eles comiam folha, comiam batata, não tinha preguiça de plantar no quintal. E é uma coisa que está esquecida. Você procura hoje, você tem taioba? O que é isso?". O depoimento evidencia o valor nutricional e medicinal da taioba, ao mesmo tempo em que expressa a preocupação com o esquecimento dos saberes tradicionais. Ao afirmar que *"ninguém sabe o que é taioba",* dona Coco denuncia o apagamento de um conhecimento que sustentou, por gerações, para práticas de alimentação e de cuidado com a saúde.

O figo, por sua vez, foi mencionado como uma planta que pode ser utilizada para tratar gordura no fígado e sinusite. Dona Coco menciona que "*A folha do figo, ela tira gordura do fígado. As pessoas não conhecem e desperdiçam tanto as folhas do figo. Então as folhas que caem no chão, depois delas caídas, aí elas são medicinais.*". A depoente revela que *"O leite do figo é riquíssimo. Quando você tira e extrai o leite dele, também é riquíssimo. Ele tem várias propriedades nele. Aí quando extrai o leite dele, o pessoal seca ele e dá para fazer os comprimidos. O certo não é secar. Fazer com ele fresco. O certo seria bem in natura".* O depoimento sobre o figo revela um conhecimento tradicional profundo, que vai muito além do consumo do fruto. Dona Coco destaca os usos medicinais das folhas — especialmente após caírem ao chão — no tratamento de gordura no fígado e de sinusite, além de enfatizar o valor terapêutico do leite extraído da planta. Essa fala reforça a importância de observar e valorizar todas as partes da planta, inclusive aquelas que costumam ser descartadas. Ao afirmar que muitos desperdiçam as folhas por desconhecimento, a depoente chama atenção para a urgência de preservar e difundir esses saberes populares, que oferecem alternativas naturais e eficazes para a saúde.

A diversidade de plantas mencionadas nos depoimentos reflete a riqueza da vegetação local, assim como a importância do conhecimento tradicional que as depoentes possuem sobre suas propriedades e usos. Muitas plantas, como a acerola e o boldo, são amplamente reconhecidas e utilizadas, enquanto outras, como a taioba e o tamarindo, estão em risco de serem esquecidas. As depoentes expressaram uma preocupação comum sobre a falta de interesse das novas gerações em aprender sobre essas plantas e seus usos. Essa situação ressalta a necessidade de iniciativas que promovam a valorização e a preservação desses saberes, integrando-os ao contexto educacional e à cultura local.

Como pesquisadora, entendo que a investigação realizada nos quintais revelou uma notável diversidade de plantas medicinais, cada uma com suas características e

aplicações específicas. A valorização da etnociência e a incorporação desses conhecimentos ao ensino de ciências são passos essenciais para a preservação cultural. É imperativo que sejam implementadas medidas para salvaguardar esses saberes tradicionais, assegurando que as futuras gerações possam continuar a desfrutar dos benefícios das plantas cultivadas em seus quintais**.**

4.2 Indicações Populares

Durante a pesquisa, as depoentes mencionaram algumas indicações caseiras que utilizam plantas medicinais para tratar sintomas semelhantes. Para aliviar problemas estomacais e digestivos, por exemplo, recorrem ao boldo, na forma do chá. Dona Alfazema mencionou que o boldo é bom para o estômago: *"O boldo é para o estômago, quando está com o estômago ruim, né! Beber o chá do boldo é bom mesmo. Tem do boldo grande e do boldo pequenininho".* Acrescentou, ao depoimento, que: "*A Amanda tem uma fé danada nele, quando está com o estômago meio ruim, cê dá uma batida nele, bebe e é bom mesmo.*". Dona Insulina destacou o uso do boldo tanto para problemas digestivos quanto para o tratamento de diabetes: "*O boldo é bom para estômago. É bom para quem tem diabetes também, toma o chá de boldo, que ele é amargo, né! Fervo a água e coloco ele e abafo, e também bato no liquidificador e coo, aí fica aquele suco amargo. É muito bom para quem tem diabetes, quem está com estômago ruim.*". Diante disso, podemos notar que o boldo possui indicações populares tanto para dores estomacais quanto para auxiliar no controle da diabetes.

Para gripes e resfriados, o chá das folhas de acerola é utilizado para aumentar a imunidade e combater esses sintomas, assim como afirmam dona Alfazema ("*Acerola tem muita vitamina C*") e dona Insulina (*"a acerola é muito rica em vitamina C. E faço o chá dela, da folha, eu faço o chá. Quando está assim meio gripado, é muito bom").* Ambas as depoentes afirmam que essa planta é rica em vitaminas que contribuem para o fortalecimento da imunidade.

O chá de limão, especialmente com casca, também é empregado como antioxidante e para melhorar a imunidade, conforme relatado por dona Coco, que o utiliza para tratar gripes e resfriados: "*Quando faz um chá e toma o chá do limão com casca e tudo, ele bem quente, ele é um antioxidante, ele limpa o sangue e todo tipo de doenças do sangue, quando você toma ele quente"*. Além disso, o chá de hortelã é usado para aliviar febre em crianças e para acalmar, sendo citado por dona

Alfazema: *“O hortelãzinho era usado para bater no suco. É bom com suco, é bom para fazer chá para criança, né! Ele é bom para imunidade, para febre, é tipo de um calmante, né!”.* Segundo dona Alfazema, o hortelãzinho é valorizado não apenas por suas propriedades medicinais, como no alívio da febre e no fortalecimento da imunidade, mas também por seu efeito calmante, especialmente em crianças, demonstrando o saber popular sobre os múltiplos usos dessa planta.

No caso de azia, o chá de alecrim foi uma opção dada pelas depoentes. É uma planta indicada para o alívio e melhora da má digestão, como apontam dona Licor, dona Senna e dona Matruz. Dona Licor discorre sobre como faz o uso da planta: *“O alecrim, eu uso pra fazer chá, pra dormir de noite, é muito calmante. Também coloco no álcool pra curtir, depois tomo umas gotinhas no café, ajuda a limpar as veias do coração”*. Dona Senna também o consome na forma de chá: “*Tem o alecrim também. Ele serve para fazer chazinho. Falam que é muito bom para o estômago. Ele melhora a digestão, alivia a azia. Quem tem gases presos, também ele ajuda, fazer o chá sem açúcar. Pode usar para lavar os cabelos também, ele ajuda a fortalecer os fios e acabar com a caspa. Ele é um bom remédio, eu gosto de ter em casa.*”. Por fim, dentro desse mesmo contexto, dona Matruz afirma: *“o alecrim também, isso que é bom, muito bom para o coração”*. Os depoimentos indicam que o alecrim é reconhecido pelos saberes populares como uma planta de múltiplas propriedades terapêuticas, sendo tradicionalmente utilizado no tratamento de distúrbios digestivos, como azia e má digestão, bem como em práticas relacionadas ao cuidado cardiovascular e capilar.

Para infecções e inflamações, a terramicina é utilizada como um antibiótico natural, como podemos observar a partir dos depoimentos de dona Roseira e dona Matruz. Dona Roseira discorreu que: *“Esse terramicina, aqui, para inflamação também e para tomar banho, né. Ele é ótimo”*, complementando que *“a terramicina é um bom anti-inflamatório”.* Segundo dona Matruz, *“terramicina, ela serve para muitas coisas, se tiver um cortado, você maceta ela, pisa ela assim, põe aquele caldo no machucado, ela sara rapidão. Até pra tomar banho, se tiver uma coceira, você pode ferver ela e tomar o banho, você toma o banho natural mesmo, mas você perde aquela água no corpo.”.* Os relatos evidenciam que a terramicina é empregada tanto para o tratamento de infecções e inflamações internas quanto para cuidados externos, como ferimentos e irritações na pele. Sua aplicação em banhos e uso tópico reforça a confiança nos saberes tradicionais e na eficácia das práticas populares de cuidado com a saúde.

As dores musculares e articulares são tratadas com o uso da espada-de-são-jorge, geralmente colocada no álcool; esse remédio foi citado por dona Insulina e dona Licor. Dona Insulina diz: *"A espada-de-são-jorge, eu costumo colocá-la no álcool, porque ela é muito bom para passar em dor. Quando a gente está com dor no corpo, na perna, no pé, passa aquele álcool que tem a espada-de-são-jorge dentro, e aí é muito bom, alivia as dores.".* Dona Licor afirma deixar a planta curtir no álcool: "*A espada-de-são-jorge é boa pra machucaduras e dor nas articulações. Também deixo curtindo no álcool.*". É notório que as depoentes recorrem a práticas similares no uso da espada-de-são-jorge para o alívio de dores musculares e articulares.

Por fim, para aliviar a ansiedade e a insônia, o chá de alfazema é utilizado como calmante e aliado do sono, conforme relato de dona Insulina: *"A alfazema, eu faço o chá. É bom para dormir, para a calmante, a gente dorme tranquilo. Para dor de cabeça, ele é muito bom. Até para pressão, quem tem pressão alta, toma ele, abaixa a pressão arterial.".*

As indicações caseiras mencionadas pelas depoentes refletem um conhecimento tradicional rico e diversificado sobre o uso de plantas medicinais para tratar sintomas comuns. A valorização e a preservação dessas práticas são essenciais para garantir que esse saber continue a ser propagado entre as gerações.

4.3 Conhecimentos Aprendidos com Ancestrais

As depoentes relataram que grande parte do conhecimento sobre o uso das plantas medicinais foi aprendido com pessoas mais velhas. Esse aprendizado herdado é valorizado por todas, que destacam a importância da difusão oral desses saberes ao longo das gerações. Dona Coco, por exemplo, mencionou que muitas das práticas e receitas que utiliza hoje foram aprendidas com pessoas mais velhas e com sua professora, conhecida por ser exigente. Ela observa que algumas dessas práticas, como o uso do figo e do tamarindo, estão se tornando menos comuns, o que a preocupa. Por isso, ressaltou a importância de transmitir esses saber aos jovens: *"Se tivesse a matéria do dia a dia escolar com esse conteúdo seria muito bom, ou tivesse aquelas oficinas de plantas medicinais, que teve uma época que surgiu o projeto agrinho aqui na Barra. Era na Escola Guiomar. Naquela época, ensinava tantas crianças, como os pais que foram para lá. Eu participava do projeto, eu participei, na época, seis meses do projeto. Eram os pais e os alunos. Foi muito bom naquela época. Eu participei para incentivar minhas filhas, as duas eram pré-adolescentes, para*

estudar e ter conhecimento. Hoje, se elas estão com dor de cabeça, já ponha uma erva, já faz um chá. Se estão com diarreia, ou se as crianças delas estão empachadas, já corre lá no quintal e faz um chá. É muito bom ter esse conhecimento em sala de aula".

Dona Alfazema também ressaltou que cresceu aprendendo a plantar e cuidar das ervas medicinais com sua mãe, reforçando a importância de manter esses conhecimentos vivos: *"Aprendi esses remédios com a minha mãe e com as pessoas mais velhas que iam ensinando a gente.*" Ela compartilhou que, desde jovem, o medicamento que utilizava eram as ervas. Aprendeu esse conhecimento com os mais velhos justamente porque quase não se utilizava medicamentos de farmácias: "*ninguém usava a farmácia, não! Era só remédio de casa. Para verme, tudo é remédio de casa*". Continuou o depoimento dizendo: "*Antes você morava no sítio, até que você vinha ali pra trazer a criança no médico, só se arruinasse mesmo. Tentava tudo em casa primeiro. Aí vai ficando mais prático a farmácia e o médico"*

De maneira semelhante, dona Jabuticaba destacou que seu gosto por cultivar plantas e usar remédios naturais vem diretamente do que aprendeu com os mais velhos, valorizando a continuidade dessas tradições familiares. Ainda disse que, assim como ela aprendeu esse manejo, acredita ser importante a continuidade desses saberes para as gerações jovens: "*Esses ensinamentos, a gente aprende que as pessoas mais velhas, né!? E a gente vai ensinando para os mais novos. Minha mãe me ensinava também algumas plantas que servia para remédio. A gente via preparando, né! E já ia aprendendo também.*".

Apesar do avanço das práticas modernas, todas as depoentes reconhecem que esse saber ancestral é essencial e manifestam preocupação com a perda gradual dessas técnicas, evidenciando a necessidade de preservar e repassar esses conhecimentos para as futuras gerações.

4.4 Impacto do Abalamento Psicológico no uso de Chás

A pesquisa realizada nos quintais de Barra do Bugres - MT revelou que o uso de chás e plantas medicinais é profundamente influenciado pelas crenças e experiências pessoais de cada moradora. Embora as receitas possam ser utilizadas para tratar os mesmos sintomas, o significado e a eficácia atribuídos a elas variam entre as depoentes. Essa diversidade de crenças reflete a riqueza do conhecimento

tradicional, que é passado de geração em geração, mas também evidencia a subjetividade que permeia a prática da medicina popular.

Cada depoente trouxe, para sua narrativa, um conjunto único de experiências e saberes que moldam sua relação com as plantas medicinais. Por exemplo, enquanto dona Alfazema pode acreditar firmemente que o suco de acerola é eficaz para aumentar a imunidade por ser rica e vitamina C ("*Acerola tem muita vitamina C para dar para as crianças, para a gente cuidar, né! Tem muita vitamina C. Então eu uso muita coisa, a acerola, a fruta. Em casa, eu não deixo perder, uso tudo da fruta para fazer suco, a folha, bom para o chá, para quando está gripado, tem vitamina C também*"), dona Coco recorre ao uso do limão para esse mesmo fim, baseando-se em suas próprias vivências e ensinamentos familiares ("*Além de o limão, o suco do limão e o jejum, além de levantar a imunidade, ele também ajuda a controlar o pâncreas, faz o pâncreas funcionar mais rápido, para o intestino ficar funcionando certinho, e ajuda o pâncreas a tirar todo o açúcar e a gordura do sangue.*"). Essa diferença de crenças demonstra que, para cada mulher, a receita que aprendeu com seus ancestrais carrega um significado especial e um valor terapêutico que pode não ser reconhecido por outras.

As depoentes relataram o uso de diferentes plantas e chás para tratar sintomas semelhantes, como problemas estomacais, gripes e diabetes. Por exemplo: dona Insulina e dona Jabuticaba destacam os benefícios da babosa para uso capilar e de queimaduras, enquanto que o depoimento de dona Jabuticaba foca mais nos benefícios para o tratamento de queimaduras: "*os benefícios da babosa, ela diz que é muito bom, assim, para queimadura, por exemplo, para pessoas que queimam, né! Também é muito bom para a gente usar ela quando uma pessoa queima. Você passa a ela, aquela baba delas, que não deixa dar bolha, na queimadura, né! Também é muito bom para a gente usar ela quando uma pessoa queima. Você passa a ela, aquela baba delas, que não deixa dar bolha, na queimadura, né! E eu gosto de ter. Eu mesmo assim nem quase uso, mas outros usam para passar no cabelo, né, também*". Quando Dona Insulina fala da babosa, também chega a mencionar seus benefícios para o tratamento a queimaduras, mas enfoca nos cuidados capilares: "*a babosa é muito boa também para queimadura. Se a pessoa queima, coloca a babosa em cima. É bom também para o cabelo, até minha filha sempre pega aqui. Aí eu tô sempre replantando meus pés de babosa, porque ela usa muito. Ela usa no cabelo, coloca no*

shampoo, bate e passa no cabelo. Nossa! Dá um brilho no cabelo e fortalece, é muito bom mesmo.".

Embora as participantes deste estudo mencionem algumas enfermidades em comum, conhecem indicações e preparos singulares para o tratamento indicado. Dona Abil diz usar a raiz da calunga para diabetes: *"A calunga, tá aqui, a raiz dele é pra diabetes também, né! Ele é muito amargo, muito amargo, muito amargo mesmo. Você faz um pedacinho quase que você não consegue tomar, de tão amargo, de tão amargo que é, menina.*". Dona Insulina utiliza o jiló para diabetes: "*o jiló é bom para quem tem diabetes. Rala ele, põe na comida. É muito bom porque ele é amargo, né! Todo remédio amargo é bom para diabetes.*". A maneira como cada uma prepara sua medicina e deposita a confiança na sua receita, portanto, é diferente.

Essa diversidade de abordagens reflete não apenas a individualidade de cada moradora, mas também a influência do contexto cultural e familiar em que foram criadas. Cada receita ou indicações para alívios de sintomas é uma expressão de um saber que foi moldado por experiências pessoais e pela propagação de conhecimento ancestral.

O impacto psicológico das crenças nas receitas caseiras é significativo. As depoentes frequentemente expressaram que a fé em suas práticas e na eficácia dos chás é um componente essencial do processo de cura, conforme podemos observar no depoimento de dona Roseira: "*tenho muita fé, muito em Deus, em remédio, mas meu remédio de mato, ele é muito importante para mim, por isso que eu não deixo de plantar. Não deixo de plantar meus boldos, meus hortelã, gengibre, favaca..*". Essa "crença" não apenas fortalece a confiança nas receitas, mas também proporciona um senso de controle e autonomia sobre a própria saúde. Para ela, o ato de preparar e consumir um chá é mais do que uma simples prática medicinal, é um ritual que conecta o presente ao passado, reforçando laços familiares e culturais.

O uso de chás e plantas medicinais nos quintais de Barra do Bugres é um reflexo da diversidade de saberes e crenças que permeiam a medicina popular. Embora as receitas possam variar para os mesmos sintomas, cada participante acredita firmemente na eficácia de suas práticas, que são profundamente enraizadas em suas histórias familiares. Essa subjetividade e individualidade no uso das plantas medicinais destacam a importância de respeitar e valorizar o conhecimento tradicional, reconhecendo que cada receita carrega consigo um legado cultural e emocional que é vital para a saúde dessas mulheres.

4.5 Entre o Relato e a Observação: Um Encontro de Saberes

Durante a pesquisa, emergiram três subcategorias centrais a partir dos depoimentos das participantes, refletindo diferentes dimensões do uso e da relação com as plantas medicinais. Essas subcategorias foram identificadas por meio das entrevistas conduzidas por meio da HO e da observação direta, que permitiram um entendimento mais aprofundado das práticas e vivências das mulheres em seus quintais.

As três subcategorias destacadas nos relatos das depoentes são: o Cuidado com as Plantas do Quintal, que envolve as práticas de cultivo e atenção dedicada às plantas medicinais; o Gosto pelo Quintal, que se refere à afeição e valorização afetiva do espaço onde as plantas são cultivadas; e o Uso do Quintal como Terapia, que destaca o papel do quintal como um espaço de cuidado emocional e bem-estar, além de suas funções medicinais.

Essas subcategorias evidenciam como os quintais vão muito além de um simples espaço físico para cultivo, configurando-se como locais de preservação do conhecimento tradicional, conexão com a natureza e promoção da saúde integral das participantes e de suas famílias.

4.5.1 Cuidado com as Plantas do Quintal

As entrevistadas demonstram uma relação próxima e cuidadosa com as plantas dos quintais das moradoras de Barra do Bugres, preocupando-se em manter o espaço sempre bem cuidado para garantir o bem-estar das espécies cultivadas. A rega das plantas é uma atividade recorrente e necessária, como relatado por dona Alfazema acerca do impacto da falta de água na produção de acerolas. *“A acerola, quando você joga água nela, mas ela dá. Se você puder jogar água todo dia nela, ela não para de dar acerola. Se você jogar água direto, ela dá quase o tempo todo. Não carrega muito, mas sempre um pouquinho ela dá.”.* Essa mesma preocupação é compartilhada por dona Insulina, que também valoriza a importância da irrigação para garantir que suas plantas se mantenham saudáveis: *“Eu tenho um pezão de insulina aqui no meu quintal. Aí eu cultivo ele bem. Nossa! Eu não deixo de regar ele porque eu tenho medo que ele morre, né! Porque ele é difícil. Ele é difícil da gente arrumar a muda dele.”* As falas das entrevistadas revelam um vínculo profundo com as plantas de seus quintais,

onde cuidado vai além do simples ato de cultivá-las. A rega surge como um cuidado essencial, não só para garantir a sobrevivência das plantas, mas também para assegurar sua produção e vitalidade. Os relatos de dona Alfazema, sobre a acerola, e de dona Insulina, sobre o "*pezão*" de insulina, evidenciam que a atenção constante e o esforço diário são fundamentais para o bem-estar das plantas.

Dona Coco, assim como dona Jabuticaba, ultrapassa o cuidado básico com as plantas e revela um olhar atento para a permanência do conhecimento sobre o cultivo. Ambas acreditam que o conhecimento sobre as plantas precisa ser propagado e que o cuidado com o quintal não é apenas uma prática doméstica, mas um compromisso com o futuro e com as novas gerações. Dona Coco diz: *"Se tivesse a matéria do dia a dia escolar com esse conteúdo seria muito bom, ou tivesse aquelas oficinas de plantas medicinais".* Nesse sentido, dona Coco ressalta a importância desse conhecimento às crianças. Segundo ela, quando os pais detêm tais receitas caseiras, os filhos tendem a depender deles e não adquirem o conhecimento de forma plena. Por outro lado, se o ensino ocorresse na escola, o aprendizado seria duradouro, permanecendo na memória ao longo da vida. Já dona Jabuticaba relata sobre o gosto de cultivar, de cuidar das plantas, para não deixar o conhecimento se perder: *"eu gosto de plantar tudo o que falam que é bom. É importante essa troca de conhecimento para não deixar acabar o ensinamento. Gosto de cuidar das plantinhas também"*. Ainda nessa perspectiva de propagar o conhecimento de remédios caseiros, dona Abiu afirma que: *", se todos tivessem esse conhecimento e buscassem a continuar essa utilização, esse cultivo, né! Porque só da gente cultivar as plantas, a gente já tá se medicando, já é uma terapia, né! Então, é muito importante, eu acredito, assim, que se o povo voltar a viver isso, nossa, vai ser uma vida maravilhosa."*. Assim, o cuidado com as plantas do quintal é uma prática comum às entrevistadas, sendo percebida como um prazer em cuidar, com a atenção dada à irrigação, à preservação e disseminação do conhecimento, reforçando a ideia de que o quintal não é apenas um local de cultivo, mas também um patrimônio cultural. Para elas, cuidar do quintal é, igualmente, ter o bem-estar no momento de olhar para as plantas.

4.5.2 O Gosto pelo Quintal

Todas as depoentes demonstram um profundo carinho por seus quintais, considerando-os parte essencial de suas vidas. Devemos ressaltar que a metodologia que ancorou esta pesquisa foi a HO, permitindo-nos vivenciar o olhar de cada

entrevistada. O modo como cada uma fala com carinho sobre a utilização do seu quintal, o brilho nos olhos, a serenidade na fala e a satisfação em poder cultivar e plantar são elementos que demonstram o prazer que essas mulheres sentem ao cuidar de seus quintais.

Mesmo que filhos ou maridos nem sempre compreendam o motivo de tantas plantas, para elas, o quintal representa mais do que simples cultivo, é um espaço de alegria e terapia, como cita dona Insulina: *“minha filha fala assim: “Mãe, acaba com isso e deixa só a babosa”, porque ela gosta muito, né!. Eu falo: “Não, não pode acabar com isso não, minha filha. Tem que deixar para continuar, né!”.”.* Ainda nesse depoimento, dona Insulina complementa: “*Aí eu quero ver se eu arrumo mais ainda para plantar. Porque, tudo que é bom, a gente deve plantar*”. Diante desse depoimento, nota-se que o amor por cultivar e ajudar o próximo com os medicamentos naturais vai além do pedido da filha, no momento em que diz para acabar com as plantas.

Ainda nesse mesmo contexto, o depoimento de dona Rosa traz à tona um contraste significativo entre duas perspectivas sobre o valor das plantas no quintal. Quando ela relata que seu marido não acredita no poder do *"mato"* e o arranca, dizendo que *"serve para nada"*, é possível perceber uma visão pragmática ao considerar que as plantas, que ele chama de *"mato"*, não têm utilidade prática aparente, ou seja, ele não vê um valor direto nelas para seu dia a dia, e, por isso, as arranca. Essa fala destaca a diferença entre a utilidade prática imediata das plantas e o valor simbólico ou medicinal que algumas pessoas atribuem a elas. Enquanto dona Rosa reconhece a importância dessas plantas, seja para fins curativos, seja para preservar saberes tradicionais, seu marido representa uma visão mais utilitária, que desconsidera a riqueza do conhecimento popular.

Esse conflito de perspectivas ilustra como a relação com a natureza pode ser marcada por diferentes valores e interpretações, muitas vezes, dependendo do conhecimento ou das crenças individuais, uma vez que dona Rosa diz que tem fé: *“Pela minha fé, eu me sinto bem com meus matinhos. Eu não arranco, não (risos)”*. O quintal é um espaço de continuidade e preservação do saber popular, carregado de significados que transcendem a utilidade imediata das plantas.

4.5.3 Uso do Quintal como Terapia

As entrevistadas expressam um profundo vínculo com seus quintais, enxergando-os como espaços de terapia e prazer ao cuidar das plantas e do local. A metodologia da HO permitiu compreender como essa relação se manifesta em suas rotinas diárias e no significado que atribuem ao cuidado com as plantas. Foi fundamental ter realizado essa pesquisa com a metodologia da HO, pois pude perceber o brilho no olhar de cada uma dessas depoentes. Quando o assunto é o prazer pelo quintal, o sorriso se abre e o tom de voz se torna sereno.

Para dona Abil, a própria prática de cultivar já é um ato terapêutico, um remédio natural que vai além das propriedades medicinais das plantas, como ela mesma afirma: *"porque só da gente cultivar as plantas, a gente já tá se medicando, já é uma terapia, né!"*. Esse sentimento é compartilhado por dona Insulina, que encontra, no quintal, um espaço de prazer e tranquilidade: *"eu amo cuidar das minhas plantas, é terapêutico."*.

Dona Roseira também destaca a alegria que sente ao se dedicar ao seu quintal, embora deseje um espaço maior para cultivar ainda mais: *"tenho muito prazer em fazer e cuidar das minhas plantas do quintal. Só não tenho mais prazer porque é muito pequeno, mas se fosse maior... (risos) plantava mais (risos). Aí é assim, né! Tenho muito prazer no meu quintal."*. O quintal, para ela, representa um local onde o cultivo se mistura com o desejo de expansão, refletindo o amor pelas plantas e pelo ato de cuidar.

Dona Jabuticaba, por sua vez, evidencia o gosto por plantar tudo aquilo que acredita ser benéfico, reforçando seu apreço pelo cultivo e pelo cuidado diário: *" eu gosto de plantar tudo o que falam que é bom. É importante essa troca de conhecimento para não deixar acabar o ensinamento. Gosto de cuidar das plantinhas também."*. Esse zelo também está presente na rotina de dona Matruz, que dedica boa parte do seu dia ao quintal: *" Eu tenho prazer de cuidar do meu quintal. Eu tenho. Cuidar das minhas plantas, cedo levanto, molho minhas plantas, a hora que tá sujo eu limpo, carpo, passo a enxada onde que tem mato. Eu gosto de cuidar, eu passo o dia inteiro, mas é envolvida aqui, no quintal, eu gosto do quintal e gosto também das plantas, tanto remédio como flor (risos)."*. Sua fala demonstra não apenas a importância das plantas, mas a dedicação que desenvolve com seu quintal.

Assim, fica claro que os quintais ultrapassam a mera função de fornecer ervas medicinais ou alimentos. Para essas mulheres, eles são espaços de cuidado, terapia e satisfação pessoal. O cultivo diário (plantar, regar e acompanhar o crescimento das plantas) proporciona bem-estar e se revela uma prática de qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar a percepção e sistematização dos saberes e conhecimentos tradicionais produzidos a partir do cultivo e uso de plantas medicinais dos quintais de moradores do município de Barra do Bugres - MT. Partindo da metodologia da HO, baseada em entrevistas e observações, foi possível explorar os conhecimentos tradicionais que emergem do cotidiano das mulheres que cuidam dessas plantas e as associam ao bem-estar e à saúde. Esses saberes, passados de geração em geração, constituem um legado cultural que transcende a prática individual, inserindo-se em um contexto coletivo.

A pesquisa revelou que, mesmo dentro de uma única comunidade, há uma diversidade significativa na compreensão e no uso das plantas medicinais. Enquanto uma moradora associa determinada planta a um conjunto específico de propriedades terapêuticas, outra pode desconhecer essas funções ou atribuí-las a fins diferentes. Esse aspecto demonstra a riqueza do saber tradicional, que não é homogêneo, mas dinâmico, moldado pelas vivências, experiências e trocas sociais.

No contexto das entrevistas, percebeu-se que as mulheres desempenham um papel central na preservação e na prática desses conhecimentos. Ao cultivarem, cuidarem e utilizarem as plantas medicinais, elas reafirmam a importância desses saberes em suas famílias e na comunidade. Contudo, observou-se também uma resistência por parte de alguns homens, maridos dessas mulheres, que frequentemente desvalorizam os remédios caseiros, em um reflexo de como os sistemas de conhecimento tradicional ainda enfrentam desafios para se afirmarem frente às concepções da ciência.

Os quintais se apresentaram como espaços de memória, cultura e cuidado, conectando as práticas cotidianas ao passado e projetando-as para o futuro. O cultivo contínuo dessas plantas não se dá apenas pela manutenção de tradições, mas também pelo interesse em preservar seus usos e benefícios para as gerações futuras, garantindo que permaneçam relevantes e acessíveis ao longo do tempo. Mais do que locais de cultivo, eles simbolizam um ponto de encontro entre a natureza e a cultura, onde o saber ancestral encontra renovação nas mãos de quem se dedica a preservá-lo. Essa dinâmica evidencia que os quintais não apenas guardam plantas medicinais, mas também narrativas, valores e modos de vida.

Do ponto de vista acadêmico, a pesquisa buscou reforçar a relevância de integrar o conhecimento tradicional à educação. Ao promover um diálogo entre saberes populares e os currículos escolares, é possível ampliar as perspectivas dos estudantes, mostrando que o conhecimento científico e o tradicional podem coexistir e se complementar. Isso é especialmente importante em contextos rurais, onde muitas famílias dependem exclusivamente das plantas medicinais para cuidados básicos de saúde.

A perspectiva das etnociências possibilitou uma abordagem mais holística sobre o conhecimento tradicional, reconhecendo que ele não se dá de maneira unilateral ou hierárquica, mas por meio de um processo coletivo de vivências e aprendizagens. Tal reconhecimento é fundamental para que a educação contemple a diversidade cultural e promova uma visão inclusiva, que respeite e valorize os múltiplos saberes existentes.

Enquanto pesquisadora, a realização deste estudo foi transformadora. A imersão nos quintais e nas histórias das entrevistadas despertou, em mim, uma curiosidade renovada sobre as plantas que nos cercam. Passei a perceber que o conhecimento sobre elas vai muito além de suas propriedades terapêuticas; ele carrega memórias, afetos e relações que nos conectam ao ambiente e às pessoas.

Além disso, a pesquisa instigou uma mudança de perspectiva em minha prática acadêmica e pessoal. Hoje, cada planta que vejo desperta-me um desejo de saber mais: para que serve? Quais benefícios oferece? De que formas pode ser utilizada? Essa curiosidade me inspira a continuar investigando, aprendendo e valorizando o que, muitas vezes, é relegado ao esquecimento ou à simplificação.

A pesquisa também revelou os desafios que envolvem o registro e a sistematização do saber tradicional. Muitas vezes, o conhecimento está profundamente enraizado na oralidade e nas práticas cotidianas, o que exige uma abordagem ética e sensível por parte do pesquisador. Durante o estudo, houve momentos em que priorizei a preservação da integridade e da alteridade das entrevistadas, optando por não registrar certas informações para respeitar os limites impostos pela confiança e pela cultura local.

Ao refletir sobre os resultados obtidos, reafirmo que os saberes populares sobre plantas medicinais são uma forma de cultura. Eles representam um contraponto às práticas homogeneizantes e colonizadoras, que frequentemente desvalorizam os

conhecimentos locais. Valorizar esses saberes é também uma forma de promover a soberania cultural e fortalecer os vínculos identitários das comunidades.

Este trabalho, portanto, vai além de uma pesquisa acadêmica; ele é um convite para repensarmos a relação entre ciência, educação e cultura. Ao trazer à tona os saberes das mulheres do bairro Maracanã, espero contribuir para uma maior valorização desses conhecimentos e para a construção de uma educação mais conectada às realidades locais.

Em síntese, a investigação sobre as plantas medicinais dos quintais reafirmou minha crença de que todo conhecimento tem valor e merece ser reconhecido. A integração entre o saber tradicional e o ambiente educacional é uma ponte necessária para promover uma educação mais inclusiva, diversificada e significativa.

Por fim, encerramos esta etapa da pesquisa com um sentimento de gratidão e continuidade: gratidão pelas histórias compartilhadas, pelas aprendizagens proporcionadas e pelas conexões estabelecidas; continuidade porque sei que o aprendizado sobre as etnociências não termina aqui. Ele é, antes de tudo, um processo em constante aprendizagem, movido pela curiosidade, pelo respeito e pelo desejo de preservar aquilo que nos conecta ao nosso passado, enriquece nosso presente e inspira nosso futuro.

REFERÊNCIAS

ALBANO, W. M.; SANTOS, M. G.; BASTOS, W. G. **Plantas medicinais e o ensino de ciências naturais**. *Revista Contexto & Educação*, ano 38, nº 120, 2023. Disponível em:https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/13591 . Acesso: 22 out. 2024.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. **Traditional botanical knowledge and conservation in an area of caatinga in Pernambuco state, Northeast Brazil.** *Acta Botanica Brasilica*, v. 16, n. 3, p. 273-285, 2002.

ALCORN, Jane B. **The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R. E.; REIS**, S. V. (Ed.). *Ethnobotany: evolution of a discipline*. Cambridge: Timber Press, 1995.

ALTHAUS-OTTMAN, M. M. et al. **Diversidade e uso das plantas cultivadas nos quintais do Bairro Fanny, Curitiba, PR, Brasil.** *Revista Brasileira de Biociências*, v. 9, n. 1, p. 39-49, 2010.

AMARAL, C. N.; GUARIM NETO, G. **Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil).** *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 3, n. 3, p. 329-341, 2008.

AMOROZO, M. C. M. **Use and diversity of medicinal plants in Santo Antonio do Leverger, MT, Brazil.** ***Acta Botanica Brasilica***, v. 16, n. 2, p. 175-188, 2002.

ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). **Formulário Fitoterápico para a Farmacopeia Brasileira.** 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde; Anvisa, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/farmacopeia/formulariofitoterapico/arquivos/2021-fffb2-final-c-capa2.pdf. Acesso: 22 out. 2024.

ANTONELLI, I. B.; VARELA, E. P.; CITADINI-ZANETT, V. **Percepção e conhecimento sobre plantas medicinais em uma escola no sul do Brasil.** *ACTIO*, Curitiba, v. 9, n. 3, p. 1-232, set./dez. 2024.

ARAÚJO, T. A. S.; MELO, J. G.; ALBUQUERQUE, U. P. Plantas medicinais. In: ALBUQUERQUE, U. P. (Org.). ***Introdução à etnobiologia***. Recife: NUPEEA, 2014. p. 91-98.

BAJPAI, S.; SHARMA, A. K.; KANUNGO, V. K. Traditional home gardens: **A preserve of medicinal plants.** ***International Journal of Herbal Medicine***, v. 1, n. 2, p. 152-161, 2013.

BANDEIRA, A. S. **Etnoconhecimento da utilização de plantas medicinais na 14ª região administrativa da Emater-PB**. Dissertação (Mestrado em Sistemas Agroindustriais) – UFCG, 2014.

BARROS, A. T. et al. **Estudo do conhecimento das plantas de uso medicinal pelos alunos do sistema EJA de educação em dois municípios do interior da Paraíba.** Universidade Estadual da Paraíba, Patos – PB – Campus VII, 2010.

BASTOS, M. G. et al. **Plantas medicinais e o ensino de ciências naturais.** *Revista Contexto & Educação*, ano 38, nº 120, 2023.

CAMPOS, M. D'O. **Sociedade e natureza: da etnociência à etnografia de saberes e técnicas.** In: CAMPOS, M. D'O. *Discussão Teórico-Metodológica: Aspectos Etnocientíficos*. Cap. III, Relatório Técnico-Científico do Projeto Temático FAPESP, 1995.

CAMPOS, M. D'Olne. *Sulear ou nortear:* ***representações e apropriações do espaço entre emoção, empiria e ideologia****.* Rio de Janeiro: EICOS – Instituto de Psicologia da UFRJ / UNESCO, s.d.

CARMO, Taiane et al. **Plantas medicinais e ritualísticas comercializadas na feira da 25 de setembro, Belém, Pará.** *Enciclopédia Biosfera*, Goiânia, v. 11, n. 21, p. 3440–60, 2015.

CAVAGLIER, M. C. S.; MESSEDER, J. C. **Plantas Medicinais no Ensino de Química e Biologia: Propostas Interdisciplinares na Educação de Jovens e Adultos.** *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 14, n. 1, 2014.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano – arte de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007 – 13º edição.

D'AMBROSIO, Ubiratan. ***Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade.*** 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Sociedade, cultura, matemática e seu ensino.** *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 99-120, jan./abr. 2005.

DAVID, M.; PASA, M. C. **As plantas medicinais e a etnobotânica em Várzea Grande, MT, Brasil**. *Interações*, v. 16, n. 1, p. 97-108, 2015.

DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). ***Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil.*** São Paulo: NUPAUB/USP; Brasília: Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, 2000.

DECLARAÇÃO DE BELÉM. **Sociedade Internacional de Etnobiologia. Belém do Pará,** 1988. Disponível em: https://www.ethnobiology.net/global-coalition/declaration-of-belem/. Acesso em: 19 jun. 2025.

EICHEMBERG, M. T.; AMOROZO, M. C. M. **Contributions of the old urban homegardens for food production and consumption in Rio Claro, Southeastern Brazil.** *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 8, n. 3, p. 745-755, 2013.

ESMERALDO, G. G. S. L.; CAMURÇA, A. M.; VIANA, L. A.; ABRANTES, K. K. J. **Mulheres camponesas e quintais: anúncio de esperança e re(existência) para a vida planetária**. *Miolo Agroecologia*, v. 3, p. 312-331, 2017.

FLORES, A. S. S. O.; BARBOSA, W. L. R. **Sabedoria popular no uso de plantas medicinais pelos moradores do bairro do Sossego no distrito de Marudá – PA**.

Revista Brasileira de Plantas Medicinais, Botucatu, v. 17, n. 4, supl. 1, p. 757-768, 2015.

FREITAS, A. V. L. et al. **Diversidade e usos de plantas medicinais nos quintais da comunidade de São João da Várzea em Mossoró, RN**. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v. 15, n. 4, p. 845-856, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1983-084X/14_080.

GARICIA, B. N. R.; VIEIRA, T. A.; OLIVEIRA, F. A. **Quintais agroflorestais e segurança alimentar em uma comunidade rural na Amazônia Oriental**. *Revista da Faculdade de Agronomia da Universidade Nacional de La Plata*, v. 114, n. Esp. 1, p. 67-73, 2015.

GARNICA, A. V. M. **Um Tema, Dois Ensaios: Método, História Oral**, **Concepções**. *Educação Matemática*, Bauru: Unesp, 2005.

GARNICA, A. V. M. **Pesquisa qualitativa e Educação (Matemática): de regulações, regulamentos, tempos e depoimentos**. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 35-48, 2001.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. **Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre Regimes de Historicidade e História Oral**. *Bolema*, Rio Claro, v. 25, n. 41, p. 213-250, 2011.

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. **Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil.** *Acta Botanica Brasilica*, v. 24, n. 2, p. 406, abr./jun. 2010.

GUARIM NETO, G.; AMARAL, C. N. **Aspectos Etnobotânicos de quintais tradicionais dos moradores de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil.** *Polibotânica*, v. 29, p. 191-212, 2010.

JACOMASSI, E.; PIEDADE, L. H. **A importância das plantas com finalidades terapêuticas e suas aplicações na cidade de Goioerê – PR**. *Revista UNIMAR*, v. 16, n. 2, p. 335-353, 1994.

LATOUR, Bruno. Ciência em ação: **como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora.** São Paulo: UNESP, 2000. (Obra original publicada em 1987: *Science in Action*).

LIPORACCI, H. S. N.; SIMÃO, D. G. **Levantamento etnobotânico de plantas medicinais nos quintais do Bairro Novo Horizonte, Ituiutaba, MG**. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v. 15, n. 4, p. 529-540, 2013. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S1516-05722013000400009.

MAIA, Patrícia; MAGALHÃES, Francisco; SEABRA, Diocléia; GOMES, Suzana; MENINEA, Antônio. Caracterização de quintais produtivos: **uso, agrobiodiversidade e divisão do trabalho. In: *Seminário Internacional em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia*.** Manaus: EDUA, 2018.

MACIEL, M. A. M. **Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares.** *Química Nova*, v. 25, n. 3, p. 429-438, 2002.

MODRO, A. F. H. et al. **Importância do conhecimento tradicional de plantas medicinais para a conservação da Amazônia**. *Cadernos de Agroecologia*, v. 10, n. 3, 2015.

MOURA, C. L.; ANDRADE, L. H. C. **Etnobotânica em Quintais Urbanos Nordestinos: um estudo no bairro da Muribeca, Jaboatão dos Guararapes–PE**. *Revista Brasileira de Biociências*, Porto Alegre, v. 5, supl. 1, p. 219-221, 2007.

NAIARA, Bruna Rocha Garcia; VIEIRA, Thiago Almeida; OLIVEIRA, Francisco de Assis. **Quintais agroflorestais e segurança alimentar em uma comunidade rural na Amazônia Oriental**. *Revista de Ciências Agronômicas*, v. 114, p. 67-73, 2015.

NASCIMENTO, C. S. et al. **O uso de plantas medicinais na percepção dos estudantes da Escola Estadual Marisa Mariano, de Barra do Garças-MT**. *Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univarn*, Barra do Garças, v. 8, p. 1-5, ago. 2012.

PASA, M. C.; ÁVILA, G. **Ribeirinhos e recursos vegetais: a etnobotânica em Rondonópolis, Mato Grosso**, Brasil. *Interações*, v. 11, n. 2, p. 195-204, 2010. Disponível em: http://www.interacoes.ucdb.br/article/view/366. Acesso em: 23 out. 2024.

PEREIRA, P. V. M.; FIGUEIREDO NETO, L. F. **Conservação de espécies florestais: um estudo em quintais agroflorestais no município de Cáceres – MT**. *Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental*, v. 19, n. 3, p. 783-793, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.5902/2236117018364.

PIMENTEL, N. G. L. et al. **Quintais agroflorestais em Mossoró, Rio Grande do Norte.** *Pesq. flor. bras.*, Colombo, v. 43, e202002170, p. 1-12, 2023.

PINHEIRO, Filipe. **Quintais agroecológicos: resgatando tradição e construindo conhecimentos**. 2008. Disponível em: http://www.rts.org.br/artigos/artigos_-_2008/quintaisagroecologicos-resgatando-tradicao-e-construindo-conhecimento-agreoecologico-noterritorio-de-itapipoca. Acesso em: 22 out. 2024.

RICARDO, L. M. **Uso de plantas medicinais: o Sistema Único de Saúde e a autonomia dos saberes comuns. Monografia (Especialização em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009.**

SADDI, N. **The observations of Riedel, Langsdorff Botanical Expedition, Mato Grosso (Brazil), in the Manuscript D'Alincourt**. In: COSTA, M. F. G. (Org.) *Traveling between manuscripts Langsdorff and D'Alincourt*. Cuiabá: Ed. Universitária, 1993.

SALES JARDIM, P. M. (org.). **Plantas medicinais e fitoterápicos: guia rápido para a utilização de algumas espécies vegetais**. 2. ed. Brasília: UnB, 2016.

SANTOS, E. G. et al. **Utilização de recursos vegetais em áreas de quintais em uma comunidade rural localizada no entorno do Parque Nacional de Sete Cidades, Piauí, Nordeste do Brasil.** *Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade*, v. 6, n. 13, p. 365-383, 2019.

SANTOS, F. D. G. et al**. Como os medicamentos e a automedicação são abordados nos livros didáticos de biologia?** *ACTIO*, v. 8, n. 2, p. 1-24, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.3895/actio.v8n2.15333.

SANTOS, M. G.; QUINTEIRO, M. **Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

SIMÕES, C. M. O. et al. (Org.). **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

SPILLER, C. et al. **Estudo etnobotânico em quintais agroflorestais em bairro na Cidade de Cuiabá, Mato Grosso**. *Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável*, v. 11, n. 5, p. 138-142, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.18378/rvads.v11i5.3832.

SOLDATI, G. T. **A transmissão do conhecimento local ou tradicional e o uso dos recursos naturais.** In: ALBUQUERQUE, U. P. (Org.). *Introdução à Etnobiologia*. Recife: Nupeea, p. 127-135, 2014.

STEFANELLO, Alaim Giovani Fortes; NOGUEIRA, Caroline Barbosa Contente. **Direitos étnicos e culturais na proteção dos conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade brasileira**. Disponível em: http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=78b91366b15c399b. Acesso em: 26 abr. 2025.

STEFANELLO, Sônia Maria; NOGUEIRA, Sandra. **Saberes tradicionais e biodiversidade: uma abordagem interdisciplinar. In: Seminário Nacional Saberes e Sabores: Biodiversidade, Cultura e Identidade**. [S. l.: s. n.], 2012. Disponível em: https://saberesesabores.org.br. Acesso em: 19 jun. 2025.

VIEIRA, B. B.; MILWARD-DE-AZEVEDO, M. A**. A Etnobotânica e o Ecofeminismo em Prol da Conservação Ambiental. *Diversidade e Gestão***, v. 2, n. 2, p. 178-188, 2018.

VIEIRA, D. L. M. et al. **Agricultores que cultivam árvores no cerrado. Brasília, DF: WWF Brasil**, 2014.

VINHOLI JÚNIOR, A. J. **Contribuições dos saberes sobre plantas medicinais para o ensino de botânica na escola da comunidade quilombola Furnas do Dionísio – Jaraguari/MS**. *R. Labore Ens. Ci.*, Campo Grande, v. 1, n. 1, p. 137-138, jan./abr. 2016.

MENDIETA, M. C.; SOUZA, A. D. Z.; VARGAS, N. R. C.; PIRIZ, M. A.; ECHEVARRIA-GUANILO, M. E.; HECK, R. M. **Transmissão de conhecimento sobre plantas medicinais no contexto familiar: revisão integrativa**. *Revista de Enfermagem UFPE on-line*, v. 8, n. 10, p. 3516-3524, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.5205/1981-8963-v8i10a10084p3516-3524-2014.

MAULI, M. M.; FORTES, A. M. T.; ANTUNES, F. **Cidadania e educação ambiental: plantas medicinais no contexto escolar.** *Acta Scientiae*, Canoas, v. 9, n. 2, p. 91-107, maio/ago. 2007.

MOSCA, V. P.; LOIOLA, M. I. B. **Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, nordeste do Brasil**. *Revista Caatinga*, Mossoró, v. 22, p. 225-234, 2009.

NASCIMENTO, C. S.; CLARO, H. R.; LIMA, J. P.; OLIVEIRA, M. V. G.; DELMONDES, P. H.; POLETO, S. L. **O uso de plantas medicinais na percepção dos estudantes, da Escola Estadual Marisa Mariano, de Barra do Garças-MT**. *Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univarn*, Barra do Garças, v. 8, p. 1-5, ago. 2012.

REGO, C. A. R. M.; ROCHA, A. E.; OLIVEIRA, C. A.; PACHECO, F. P. F. **Levantamento etnobotânico em comunidade tradicional do assentamento Pedra Suada, do município de Cachoeira Grande, Maranhão, Brasil**. *Acta Agronómica*, v. 65, n. 3, p. 284-291, 2016.

ROCHA, R.; MARISCO, G. Estudos etnobotânicos em comunidades indígenas no Brasil. *Revista Fitos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 155-162, abr./jun. 2016.

SANTOS, A. B. N.; ARAÚJO, M. P.; SOUSA, R. S.; LEMOS, J. R. **Plantas medicinais conhecidas na zona urbana de Cajueiro da Praia, Piauí, Nordeste do Brasil**. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v. 18, n. 2, p. 442-450, 2016.

SANTOS, L. S. N.; SALLES, M. G. F.; PINTO, C. M.; PINTO, O. R. O.; RODRIGUES, I. C. S**. O saber etnobotânico sobre plantas medicinais na comunidade da Brenha, Redenção, CE. *Agrarian Academy, Centro Científico Conhecer***, v. 5, n. 9, p. 409-421, 2018.

SANTOS, E. S.; SANTOS, J. B.; SOARES, J. O.; SILVA, M. J. R. S.; PONTES, A. N. **Uso de plantas medicinais por usuários na atenção primária à saúde: uma abordagem complementar ao tratamento convencional.** *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, Ano 7, v. VII, n. 14, jan.-jul., 2024. Disponível em: https://rnp-primo.hosted.exlibrisgroup.com/primo-explore/search?query=any,contains,Revista%20JRG%20de%20Estudos%20Acad%C3%AAmicos&tab=default_tab&search_scope=default_scope. Acesso em: 25 out. 2024.

SALES JARDIM, P. M. (org.). **Plantas medicinais e fitoterápicos: guia rápido para a utilização de algumas espécies vegetais**. 2. ed. Brasília: UnB, 2016.

SCUDELLER, V. V.; VEIGA, J. B.; ARAÚJO-JORGE, L. H. **Etnoconhecimento de plantas de uso medicinal nas comunidades São João do Tupé e Central (Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé)**. In: SANTOS-SILVA, E. N.; SCUDELLER, V. V. (Org.). *Diversidade biológica e sociocultural do Baixo Rio Negro, Amazônia Central*. Manaus: UEA Edições, 2009. p. 186-199.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

SIMÕES, C. M. O. et al. (org.). **Farmacognosia: da planta ao medicamento. Florianópolis**: Editora da UFSC, 2007.

SPILLER, C. et al. **Estudo etnobotânico em quintais agroflorestais em bairro na Cidade de Cuiabá, Mato Grosso.** ***Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável***, v. 11, n. 5, p. 138-142, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.18378/rvads.v11i5.3832.

SOLDATI, G. T. **A transmissão do conhecimento local ou tradicional e o uso dos recursos naturais**. In: ALBUQUERQUE, U. P. (Org.). *Introdução à Etnobiologia*. Recife: Nupeea, p. 127-135, 2014.

TROTTA, J.; MESSIAS, P. A.; PIRES, A. H. C.; HAYASHIDA, C. T.; CAMARGO, C.; FUTEMMA, C. **Análise do conhecimento e uso popular de plantas de quintais urbanos no estado de São Paulo, Brasil**. *REA – Revista de Estudos Ambientais*, v. 14, n. 3, p. 17-34, 2012.

VIEIRA, B. B.; MILWARD-DE-AZEVEDO, M. A. **A Etnobotânica e o Ecofeminismo em Prol da Conservação Ambiental.** *Diversidade e Gestão*, v. 2, n. 2, p. 178-188, 2018.

VIEIRA, D. L. M. et al. **Agricultores que cultivam árvores no cerrado**. Brasília, DF: WWF Brasil, 2014.

VINHOLI JÚNIOR, A. J. **Contribuições dos saberes sobre plantas medicinais para o ensino de botânica na escola da comunidade quilombola Furnas do Dionísio – Jaraguari/MS**. *R. Labore Ens. Ci.*, Campo Grande, v. 1, n. 1, p. 137-138, jan./abr. 2016.